

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO/USP
ESCOLA DE ENFERMAGEM DE RIBEIRÃO PRETO**

ALINE DA SILVA NICOLINO

**Novas e velhas configurações da sexualidade e do corpo feminino:
pesquisa-ação na educação com escolares**

Ribeirão Preto, SP

2007

ALINE DA SILVA NICOLINO

**Novas e velhas configurações da sexualidade e do corpo feminino:
pesquisa-ação na educação com escolares**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Enfermagem Psiquiátrica, da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo, para obtenção do título de Doutor.

Área de Concentração: Enfermagem Psiquiátrica.
Linha de Pesquisa: Educação em Saúde e Formação de Recursos Humanos.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Sônia Maria Villela Bueno

Ribeirão Preto, SP

2007

AUTORIZO A REPRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO TOTAL DESTA TESE, POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO, PARA FINS DE ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE .

Catálogo – na – Publicação
Serviço de Documentação em Enfermagem
Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo

Nicolino, Aline da Silva

Novas e velhas configurações da sexualidade e do corpo feminino: pesquisa-
ação na educação com escolares /Aline da Silva Nicolino; orientadora Sônia Maria
Villela Bueno. – Ribeirão Preto, 2007.

211 f : fig.

Tese (Doutorado – Área de Concentração: Enfermagem Psiquiátrica) – Escola
de Enfermagem de Ribeirão Preto - Universidade de São Paulo.

1. Corpo. 2. Sexualidade. 3. Gênero. 4. Ações Pedagógicas.

FOLHA DE APROVAÇÃO

Aline da Silva Nicolino
Novas e velhas configurações da sexualidade
e do corpo feminino: pesquisa-ação na
educação com escolares

Tese apresentada à Escola de Enfermagem de
Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo
para obtenção do título de Doutor.
Área de Concentração: Psiquiatria e Ciências
Humanas

Aprovada em:

Banca Examinadora

Prof^a. Dr^a.: _____

Instituição: _____ **Assinatura:** _____

Prof^a. Dr^a.: _____

Instituição: _____ **Assinatura:** _____

Prof^a. Dr^a.: _____

Instituição: _____ **Assinatura:** _____

Prof^a. Dr^a.: _____

Instituição: _____ **Assinatura:** _____

Prof^a. Dr^a.: _____

Instituição: _____ **Assinatura:** _____

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, Jairo e Cida, que através de exemplos teóricos e práticos, reforçaram meu respeito, admiração e amor. Obrigada por divulgarem a verdade, a tolerância, o respeito pelo próximo e o espírito de cidadania.

Às minhas irmãs; Raquel e Paula, que dividiram momentos de conquistas e de perdas, compartilhando das minhas angústias e esperanças no sistema educativo;

Ao meu companheiro e amante. Pedro Paes, dono de nome próprio e de uma energia contagiante. Homem que soube dividir o tempo e a força ao lado de sua mulher, demonstrando amor, determinação e superação pessoal. Obrigada pelos momentos de aprendizagem, atos de coragem e afeto. Obrigada por estar ao meu lado e fazer parte deste projeto.

À minha orientadora e amiga; Soninha, pela aprendizagem científica e humana, pelos exemplos de mulher, educadora e figura feminina de superação, ousadia e coragem. Obrigada por depositar as sementes, ajudar a adubar e propiciar a colheita dos frutos, por nos duas.

Aos alunos, professores e direção da escola investigada, pelo respeito e confiança depositados. Obrigada pelo espaço e pela oportunidade de desfrutar de suas vivências e essências.

Aos professores e colegas, Emília, Elena, Miguel Angel e Maria Rose, da Universidade Complutense de Madrid, pelas indicações, orientações e bates papos, promovedores de conhecimentos e respeito.

Às professoras da Banca Examinadora, que auxiliaram com importantes considerações e correções, evidenciando mais do que simples contribuições no texto literário, mas respeito e amor pelo que fazem.

Aos meus ex-alunos do curso de Educação Física e professores, com os quais tive a oportunidade de desfrutar momentos ímpares de troca, amizade e profissionalismo.

Aos funcionários, secretárias, atendentes e serventes da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, que prestam seus serviços e esforços acima de salários, atendendo sempre com muita dedicação e respeito, representantes de modelo de instituição pública eficiente.

A Prof^ª. Gema, pelas correções ortográficas e disposição em ajudar.

A todos que sonham e acreditam em um mundo mais justo, igualitário e digno.

*De uma gente que ri quando deve chorar
E não vive, apenas agüenta
Mas é preciso ter força, é preciso ter raça (...)
É preciso ter garra
É preciso ter sonho, sempre
Quem traz na pele essa marca
Possui a estranha mania
De ter fé na vida*

(Milton Nascimento e Fernando Brant, 1986)

RESUMO

NICOLINO, A. S. **Novas e velhas configurações da sexualidade e do corpo feminino: pesquisa-ação na educação com escolares**. 2007. 211 f. Tese (Doutorado) – Programa de Psiquiatria de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, 2007.

A imagem corporal tem sido muito valorizada na sociedade e nos meios de comunicação em geral, repercutindo de forma considerável na vida das pessoas, principalmente das mulheres. Se por um lado, isso traz implicações à saúde, em detrimento de uma série de intervenções, (dietas, cirurgias plásticas, aplicações de silicone, *botox* etc.), por outro lado, observa-se que, em questão de gênero, na maioria das vezes, o contingente feminino sofre maior pressão no que tange à valorização corporal, conseqüentemente, tendendo a dar maior atenção ao seu corpo. As inquietações a respeito da imagem-corporal, nos levou a traçar os seguintes objetivos: identificar com as alunas os problemas que as afligem, em relação ao seu corpo; levantar informações e analisar os dados obtidos, de forma a identificar suas necessidades e interesses sobre tais questões; em seguida, trabalhar em conjunto com elas e de forma participativa os temas geradores. O presente estudo visou contextualizar o ambiente escolar, tendo em vista a escola, as alunas, os professores e a família, identificando o significado que a escolar dá à simbologia do corpo contemporâneo, visualizando um padrão de beleza existente no meio social e o excesso de valorização atribuída a ele. Como procedimentos metodológicos, valemo-nos da pesquisa-ação, de cunho qualitativo, humanista e socioeducacional, utilizando-se de técnicas como observação participante e questionário, com questões norteadoras. O estudo analisou vinte e seis adolescentes, do sexo feminino, entre 14 e 17 anos de idade, cursando a oitava série do Ensino Fundamental, de uma escola Estadual, da zona norte de Ribeirão Preto, SP. A instituição atende clientela de perfil carente, residentes de favelas e bairros periféricos nas cercanias. Para o desenvolvimento e análise temática das ações educativas, trabalhamos o Referencial Metodológico de Paulo Freire, por meio dos temas geradores, como elemento norteador para estabelecer o diálogo pesquisador/educandos. A partir das temáticas levantadas, desenvolvemos, conjuntamente com as alunas, as oficinas pedagógicas. As mensagens mais significativas apontadas pelas participantes revelam alta valorização em atributos físicos, sendo a beleza contextualizada por elas como importante instrumento para estabelecer vínculos sociais e possuir méritos e benefícios como pessoa. A mãe foi descrita pelas escolares, como a principal figura familiar, sendo lembrada pela sua força, determinação, trabalho e afeto. O imaginário de amor romântico, evidenciado na última oficina pedagógica, apareceu na maior parte das histórias construídas pelas alunas, que finalizavam seus enredos, sob viés do casamento, ou encontro do par ideal, sendo os filhos parte integrante dessa suposta rede de felicidade. A virgindade, foi tema eminente de suas preocupações, as quais depreciavam as colegas, que verbalizavam suas experiências sexuais e que exerciam de forma mais livre sua sexualidade. O desejo de ser mãe jovem também aparece como informação relevante, corroborando outros estudos, indicando: raízes patriarcais conservadoras, atuando no imaginário das adolescentes, falta de perspectiva no mercado de trabalho, pouca possibilidade de cursar o ensino superior, sobretudo, fortes questões de gênero interferindo sobre suas vontades e planos de vida.

Palavras-chave: Corpo. Sexualidade. Gênero. Ações Pedagógicas.

ABSTRACT

NICOLINO, A. S. **New and Old Configurations of the Sexuality and the Feminine Body: Research-Action in the Education with Students**. 2007. 211 f. Thesis (Doctoral) – Programa de Psiquiatria de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, 2007.

The corporal image has been very valued in the society and the medias of mass in general, reverberating intensely in the way of living of people, mainly the women. It brings implications to the health, in detriment of a lot of interventions (diets, surgeries, artificial breasts, etc), and it is observed that in gender question, in the majority of times, the feminine contingent suffers greater pressure that refers to the corporal valuation, consequently, tending to give greater attention to its body. The fidgets about image-corporal served of support for the development of the aim of this study: to identify with the female students, how the problems affect them, in the relation with their bodies; to raise information and to analyze the gotten data, to identify their necessities and interests about these questions; after that, to work actively with them from on the original subjects. The present study investigated the school environment, under the view point of the school, the female students, teachers and families, identifying the meaning given by school of contemporary symbology of body, visualizing a beauty standard existing in the social environment and its excess of valuation. As methodological procedures, it was used research-action method, of qualitative matrix, using techniques as participant comment and interview. This study analyzed twenty-six adolescents, female, between 14 and 17 years old, from a basic school from Ribeirão Preto, state of São Paulo, Brazil. The development and thematic analysis of the educative actions used the Methodological Referential of Paulo Freire, as element to establish the dialogue between researcher and students. The results revealed a great valuation of physical attributes, and beauty is an important instrument to establish social conquests and benefits to themselves. The students described their mothers as the most important familiar figure, remembered for their vigor, determination, work and affection. The imaginary of a romantic love was evidenced when the students related that to get happiness it was important to get a good marriage and children. The virginity also was an important subject and concern. Some students depreciated their colleagues, who related about their sexual experiences. The desire of being young mother also appears as information, establishing connexion with other studies, indicating: traditional education acting in the imaginary of the adolescents, less of work perspective, few possibilities to access in an college course, overall an important question of gender intervening on their future.

Keywords: Body. Sexuality. Gender. Pedagogical actions.

RESUMEN

NICOLINO, A. S. **Nuevas y Viejas Configuraciones de la Sexualidad y del Cuerpo Femenino: Investigación-Acción en la Educación con Escolares**. 2007. 211 f. Tesis (Doctorado) - Programa de Psiquiatria de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, 2007.

La imagen corporal ha sido muy valorada en la sociedad y en los medios de comunicación en general, repercutiendo de forma considerable en la vida de las personas, principalmente en la de las mujeres. Si por una parte, esto trae implicaciones a la salud, en el detrimento de una serie de intervenciones, (dieta, cirugías plásticas, usos de la silicona, etc) por otra parte, se observa que en cuestión de género, la mayor parte de las veces, el contingente femenino sufre la mayor presión en que se refiere la valoración corporal, por lo tanto, teniendo que dar mayor atención a su cuerpo. La intranquilidad con respecto a la imagen del cuerpo nos lleva a pretender los objetivos siguientes: identificar, con las chicas, los problemas que las afligen en lo referente a su cuerpo, conseguir la información y analizar los datos obtenidos de tal forma que nos permita identificar sus necesidades e intereses en tales preguntas y después trabajar en conjunto con ellas y de forma participativa las temáticas generadoras. El actual estudio tuvo como objetivo describir el ambiente de la escuela, las alumnas, los profesores y la familia, identificando el significado y los símbolos del cuerpo contemporáneo, mirando un estándar de la belleza presente en el medio social y el exceso de la valoración atribuida a él. Fue escogido como procedimiento metodológico la Investigación-Acción, de carácter cualitativo, humanista y sócio-educacional, utilizándose como técnicas la observación participativa y el cuestionario. El estudio analizaba a veinte y seis adolescentes, del sexo femenino, entre 14 y 17 años de edad, atendiendo a un curso la octava serie de Ensino Básico, de una escuela pública, al norte del área de la ciudad de Ribeirão Preto. La institución atiende una clientela con perfil carente, residentes en chabolas en las áreas periféricas. Para el desarrollo y análisis temático de las acciones educativas, trabajamos el Referencial Metodológico de Paulo Freire, por medio de temas generadores como elemento norteador para establecer el diálogo investigador/alumnas. Los temáticos emergidos, se pusieron en común con las chicas en talleres pedagógicos. El acentuado más significativo de los mensajes de las participantes, divulga una alta valoración de las cualidades físicas, siendo la belleza para ellas un importante instrumento para establecer enlaces sociales y para poseer méritos y ventajas como persona. Describieron a la madre, como la figura familiar principal, siendo recordada por su fuerza, determinación, trabajo y afecto. El imaginario de amor romántico, evidenciado en el taller, por la mayor parte de las estudiantes, finalizaba con la pareja ideal, presentando la boda y los hijos como parte integrante de esta red supuesta de la felicidad. La virginidad fue tema eminente de sus preocupaciones aunque despreciado por las amigas que hablaban de sus experiencias sexuales y que ejercían de forma más libre su sexualidad. Otra importante información que actúa en la imaginación de las adolescentes es el deseo de ser madre joven, indicando raíces patriarcales conservadoras, así como la ausencia de perspectiva en el mercado del trabajo, la poca posibilidad en hacer estudios superiores, y sobre todo cómo las cuestiones de género intervienen fuertemente en sus voluntades y planes de la vida.

Palabra-clave: Cuerpo. Sexualidad. Género. Acciones Pedagógicas.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Gráfico de distribuição percentual das alunas de oitavas séries, sobre a idade.....	93
Figura 2 . Gráfico de distribuição percentual das alunas de oitavas séries sobre o estado civil.....	94
Figura 3. Gráfico de distribuição percentual das alunas de oitavas séries, sobre a religião.....	95
Figura 4. Gráfico de distribuição percentual das alunas de oitavas séries, sobre a profissão.....	96
Figura 5 . Gráfico de distribuição percentual das alunas de oitavas séries, sobre a renda familiar.....	97
Figura 6 . Gráfico de distribuição percentual das alunas de oitavas séries, sobre o número de irmãos	98
Figura 7 . Gráfico de distribuição percentual das alunas de oitavas séries, sobre se já engravidaram.....	99
Figura 8 . Gráfico de distribuição percentual das alunas de oitavas séries, sobre a colega que já teve filhos.....	100
Figura 9 . Gráfico de distribuição percentual da idade das colegas das alunas de oitavas séries, quando tiveram filhos.....	101
Figura 10 . Gráfico de distribuição percentual das alunas de oitavas séries sobre quantas pessoas moram na mesma residência.....	102
Figura 11. Cartilhas informativas sobre DST/AIDS.....	138
Figura 12. Materiais didáticos utilizados com as alunas.....	141
Figura 13. Fita de vídeo do Ministério da Saúde.....	145

Figura 14. Desenho feito pela participante 3, referente ao amor romântico.....	152
Figura 15. Desenho feito pela participante 15, referente ao padrão de beleza musculoso..	153
Figura 16. Desenho e mensagem feito pela Participante 11, referente ao uso de preservativo nas relações amorosas.....	154
Figura 17. Mensagem feita pela participante 24, referente aos interesses despertados em cada sexo.....	157

LISTA DE QUADROS

- Quadro 1.** Distribuição qualitativa das falas das escolares das oitavas séries, da escola pesquisada, referente à questão 3: “em sua vida, quais as pessoas que você mais admira?”.....104
- Quadro 2.** Distribuição qualitativa das falas das escolares das oitavas séries, da escola pesquisada, referente à questão 4: “nos meios de comunicação (TV, revistas, *internet*) quais as pessoas com aparência física mais bonita, na sua opinião?”.....105
- Quadro 3.** Distribuição qualitativa das falas das escolares das oitavas séries, da escola pesquisada, referente à questão 8: “o que significa sua família para você?”.....107
- Quadro 4.** Distribuição qualitativa das falas das escolares das oitavas séries, da escola pesquisada, referente à questão 9: “por que você gosta de ser mulher? Identifique vantagem e desvantagem”.....108
- Quadro 5.** Distribuição qualitativa das falas das escolares das oitavas séries, da escola pesquisada, referente à questão 10: “o que você mais gosta no seu corpo?”.....110
- Quadro 6.** Distribuição qualitativa das falas das escolares das oitavas séries, da escola pesquisada, referente à questão 11: “o que você menos gosta no seu corpo?”.....111
- Quadro 7.** Distribuição qualitativa das falas das escolares das oitavas séries, da escola pesquisada, referente à questão 12: “você faz algo para o seu corpo estar sempre bem? O quê?”.....112
- Quadro 8.** Distribuição qualitativa das falas das escolares das oitavas séries, da escola pesquisada, referente à questão 13: “você já sofreu preconceito por alguma característica do seu corpo?”.....113
- Quadro 9.** Distribuição qualitativa das falas das escolares das oitavas séries, da escola pesquisada, referente à questão 1: “o que você entende por sexualidade?”.....114
- Quadro 10.** Distribuição qualitativa das falas das escolares das oitavas séries, da escola pesquisada, referente à questão 2: “para você o que é sexo?”.....114
- Quadro 11.** Distribuição qualitativa das falas das escolares das oitavas séries, da escola pesquisada, referente à questão 4: “você já ouviu falar de doenças sexualmente transmissíveis? E AIDS?”.....115
- Quadro 12.** Distribuição qualitativa das falas das escolares das oitavas séries, da escola pesquisada, referente à questão 1: “cite cinco temas ou questões que você gostaria de discutir conosco”.....116
- Quadro 13.** Distribuição qualitativa das falas das escolares das oitavas séries, da escola pesquisada, referente à questão 2: “livre para falar ou desenhar o que quiser”.....117

Quadro 14. Distribuição qualitativa das respostas das escolares das oitavas séries, da escola pesquisada, referente à história: “Mary, a aluna menos notada da oitava série, nem acredita que John, o garoto mais paquerado da escola, estava a fim dela. E foi então que eles...”151

Quadro 15. Distribuição qualitativa das respostas das escolares das oitavas séries, da escola pesquisada, referente à questão: “com base nas oficinas realizadas, quais os conselhos que daria a ela? ”154

Quadro 16. Distribuição qualitativa das respostas das escolares das oitavas séries, da escola pesquisada, referente à questão: “com base nas oficinas realizadas, quais os conselhos que daria a ele? ”156

LISTA DE APÊNDICES

APÊNDICE A - Dados de Identificação das Alunas – Questionário.....	178
APÊNDICE B- Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Pais).....	180
APÊNDICE C – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Professores).....	181
APÊNDICE D – Plano Piloto – Coleta de Dados/2005.....	182
APÊNDICE E – Dados Sociodemográficos das Alunas das Oitavas Séries, da Escola Pesquisada.....	207

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	17
1 INTRODUÇÃO	21
OBJETIVOS	27
2 MARCO TEÓRICO DE REFERÊNCIA	28
2.1 O Corpo na História	28
2.2 A Sexualidade do Corpo	35
2.3 Perspectiva de Gênero na Representação da Sexualidade	37
2.4 A Primazia do Belo na Linguagem Corporal Feminina	43
2.5 Mudança de Hábito: Atividade Física e Linguagem Corporal	53
2.6 Busca de Qualidade de Vida ou Preocupação Estética?	56
2.7 A Sexualidade na Adolescência	61
2.8 Novas Configurações da Sexualidade Reprodutiva no Cenário Brasileiro	66
3 METODOLOGIA	73
3.1 Referencial Teórico Metodológico	73
3.2 Tipo de Pesquisa e Técnicas	75
3.3 Levantamento dos Temas Geradores	75
3.3.1 Organização do Material da Coleta de Dados	76
3.3.2 Seleção e Codificação de Palavras e Frases Registradas/Emitidas	76
3.3.3 Síntese de Palavras e Frases Seleccionadas	76
3.3.4 Ordem dos Temas Geradores	76
3.4 Desenvolvimento da Ação Educativa	76
3.5 Avaliação do Processo	77
3.6 Procedimentos (Passos)	77
3.7 Características do Local e da População em Estudo	78

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	80
4.1 Primeira Fase – Plano Piloto do Estudo em Questão.....	80
4.2 Segunda Fase – Plano Definitivo da Pesquisa em Questão.....	82
4.2.1 Observação Participante e Diário de Campo.....	82
4.3 Descrição das Reuniões com Direção e Professores.....	86
4.3.1 – Primeira Reunião.....	86
4.3.2 – Segunda Reunião.....	87
4.3.3 – Terceira Reunião.....	87
4.3.4 – Quarta Reunião.....	88
4.4 Descrição dos Primeiros Contatos com as Alunas.....	88
4.4.1 – Primeiro Contato.....	88
4.4.2 – Segundo Contato.....	90
4.5 Levantamento de Dados – Questionário.....	92
4.5.1 – Primeira Parte: Dados de Identificação das Alunas (Sociodemográficos).....	92
4.5.2 – Segunda Parte: Questões Sobre o Tema Central.....	103
4.5.3 – Terceira Parte: Questões Sobre Sexualidade.....	114
4.5.4 – Quarta Parte: Sugestões.....	116
4.6 Plano Didático/Pedagógico às Ações/Intervenções Educativas (Oficinas Pedagógicas).....	118
4.6.1 OFICINA 1 – SEXUALIDADE E A TOLERÂNCIA COM O OUTRO.....	120
4.6.2 OFICINA 2 – VIOLÊNCIA.....	122
4.6.3 OFICINA 3 – DESENVOLVIMENTO SEXUAL E CUIDADOS PESSOAIS.....	124
4.6.4 OFICINA 4 – PADRÕES DE BELEZA E AUTO-IMAGEM.....	127

4.6.5 OFICINA 5 – RELACIONAMENTOS E GÊNERO.....	135
4.6.6 OFICINA 6 – DST E AIDS.....	137
4.6.7 OFICINA 7 – DST, AIDS, MÉTODOS CONTRACEPTIVOS E GRAVIDEZ PRECOCE.....	139
4.6.8 OFICINA 8 – DST, AIDS, GRAVIDEZ PRECOCE E PREVENÇÃO.....	144
4.6.9 OFICINA 9 – SEXUALIDADE FEMININA.....	146
4.6.10 OFICINA 10 – FECHAMENTO: DESCRIÇÃO DO PONTO DE VISTA DAS ALUNAS.....	149
4.6.11 DESCRIÇÃO DOS RESULTADOS DERIVADOS DA DINÂMICA DESENVOLVIDA.....	150
4.7 Avaliação do Processo Educativo Pedagógico.....	158
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	160
6 REFERÊNCIAS	167
APÊNDICES.....	178
ANEXOS	210

APRESENTAÇÃO

A motivação para pesquisar o corpo, sexualidade e auto-estima feminina partiu de inquietações elucidadas durante o tempo de formação universitária, no curso de Educação Física, em que pressões de um corpo malhado, contornado em músculos e formas, exerciam forte influência nas contratações de estagiários na área, sendo motivo de preocupação e comentários entre os estudantes. A aparência física era razão para exceder em cargas e tempo de realização de atividades, fazer dietas e deixar de comer, gastar em roupas que caracterizassem o perfil esportista, bem como chegar a intervenções cirúrgicas, como lipoaspiração e enxerto de silicone nas mamas. Não obstante, esse investimento tinha o respaldo social imediato, elogios, maiores *chances* nas contratações, vínculos sociais reforçados, contemplavam uma cultura que supervalorizava os atributos ligados a um padrão de beleza. Segundo a avaliação feminina, os cuidados diários eram e continuam sendo temática preferida nos diálogos, sendo freqüente na troca de experiências falar de cremes, pomadas, remédios, dietas e exercícios, tudo isso e muito mais para se privilegiar e valorizar o culto ao corpo belo. A naturalização do disciplinamento diário do corpo tem sido tão forte que aquelas que não estavam ou não estão dentro do padrão eram ou são desqualificadas em olhares e comentários severos, tais como: “será que ela não tem vergonha de sair com essa blusa justa, com a barriga saindo da roupa, que ridículo”; “está horrível aquela saia curta, mostrando as pernas mal torneadas e grossas demais” etc.

As diferenças corporais têm, portanto, sido vistas e entendidas de forma a ridicularizar e desvalorizar corpos que não seguem o padrão de peso, estatura e curvas exigidas. O modelo corporal vem, cada vez mais, guiando-se por figuras televisivas, atletas e modelos profissionais.

Sendo assim, depois de formada, o mestrado na área de Pedagogia da Motricidade Humana e o grupo de estudos na área de Psicologia do Esporte, vieram contribuir para balizar

e aprofundar conhecimentos, instigando-nos a investigar mais, em detrimento dos descontentamentos voltados às exigências de aceitação de um único modelo estrutural corporal, principalmente, para a figura feminina.

No campo profissional, ministrando aulas em Educação Física escolar, com meninas de classe social A e B, de 7 e 8 anos de idade, algumas situações chamou-nos a atenção. No vestiário feminino, minutos antes da aula de natação, as alunas se preparando para entrar na piscina, ao vestirem os seus maiôs, sempre diziam: “você não tem vergonha de ficar assim (nua)?”. Com essas banhas saindo para fora”. Em outra ocasião, preparando para uma apresentação em festa junina, à espera dos pais, faziam comentários sobre a vontade, de quase todas, de serem modelo de passarela. A nossa vivência em academias de ginástica também gerou estímulo à nossa curiosidade em estudar o excesso de preocupação atribuído ao corpo e suas formas.

Os excessos cometidos em dietas e introdução de substâncias no corpo, em prol de uma forma idealizada, vêm contagiando adolescentes e adultos, os quais não se importavam por orientações ou informações que alertavam para os riscos e conseqüências que tais atitudes poderiam acarretar em sua saúde.

Ainda, trabalhando como docente em faculdade de Educação Física, temos observado empiricamente que cobranças e sacrifícios têm sido despendidos pelas universitárias, em excessos de cuidado e preocupação com a forma física, as quais mencionavam manchas na pele e excesso de gordura localizada, como principais elementos criticados por chefes e alunos, para aquelas que já estavam atuando no mercado de trabalho, bem como familiares, namorados e amigos.

A experiência, como professora de Estágio Supervisionado, visitando escolas públicas e municipais, conversando com professores e escolares, possibilitou o acesso às diversas dinâmicas que permeiam tais universos. Em todas as instituições, a linguagem corporal tem

sido sempre contextualizada sob a perspectiva de gênero, focando na menina a função do cuidado corporal e a responsabilidade de estar bonita. Os elogios sempre giravam em torno da beleza, da delicadeza e controle, atributos entendidos pelos professores e direção como pertencentes à questão da feminilidade.

A oportunidade de conhecer e vivenciar uma outra cultura, fora do país, surgiu com a contemplação de bolsa de estudos no exterior, possibilitando a instância de seis meses na Universidade Complutense de Madrid, na Espanha. O contato com professores que desenvolviam projetos sobre a interferência do fator gênero no âmbito educativo, esportivo, psicológico e esportivo, bem como o convívio com outros costumes e tradições, além do acesso a literaturas internacionais, contribuíram para a elaboração de novos conceitos e conhecimentos sobre o corpo e a sexualidade neste presente estudo.

As mensagens de sexualidade e gênero extraídas de escolas, faculdade, academias, clubes, família, meios de comunicação e no convívio social, foram campos de observação determinantes para o investimento nesta pesquisa, os quais possibilitaram ampliar os contextos e os olhares sobre o corpo. As buscas literárias também auxiliaram nesse processo, agregando novos elementos de análise e direcionando a investigação às adolescentes.

Com a pretensão de pesquisar tais inquietações, este trabalho se inicia por abordagem sobre a importância e a contemplação do belo em diferentes momentos históricos, expresso em ornamentos, vestimentas e linguagens corporais. As poucas referências na área, sobre a visão de corpo de jovens pobres fortaleceram a ideia de trabalhar com essa população, além de delimitar o tema da pesquisa. Nesse sentido, convidamos o leitor a refletir sobre o excessivo cuidado, atenção e tempo despendido com a aparência física nas últimas décadas, em busca de um padrão corporal feminino praticamente inatingível para a maior parte das mulheres brasileiras.

O culto ao corpo, formas rígidas e delineadas, o *status* da juventude aliado ao medo de envelhecer, a forte cobrança por um padrão corporal feminino, bem como os rearranjos e as preocupações que envolvem questões da sexualidade juvenil são temáticas exploradas nos subtítulos do Marco Teórico de Referência, que busca contextualizar o corpo e a sua sexualidade, sob o viés sociológico, que o constrói e o molda como produto cultural. Os dados extraídos do questionário e as informações coletadas das Oficinas revelam como maiores preocupações das participantes a saúde sexual e reprodutiva, sendo a imagem corporal um componente central das discussões, identificado nas falas, na linguagem corporal, nas referências femininas idealizadas e nos relacionamentos estabelecidos, resultados que culminaram com a finalização desta tese de doutorado.

1 INTRODUÇÃO

A beleza sempre foi uma busca constante do ser humano. Isso foi mencionado por Charles Darwin, quando observou os povos primitivos do mundo inteiro. Um desses povos foi o fueguino que, ao receber tecidos de pano, a primeira reação que teve foi usá-los para ornamentação, de tal maneira que os tecidos eram rasgados para serem usados como enfeites e não para outras utilidades, como para proteção contra o frio, ou resguardo da nudez. Assim, depreende-se que a busca pelo belo é de certa forma instintiva, uma busca primitiva, tanto na pré-história, como na história. A falta de vestimenta, alfabeto e pensamento lógico pode ser encontrado, mas a existência do adorno, mesmo que rudimentar, sempre foi verificado (CHENEY, 1995).

A busca pela beleza na arte sempre foi um ideal clássico (greco-romano). Beleza, harmonia, proporção e equilíbrio têm sido elementos primordiais para os artistas que visualizavam na arte uma expressão do belo. Somente no século XX, foi permitido o fora dos padrões socialmente (feio) aceito na arte, com o expressionismo como meio representativo de sentimentos negativos.

A imagem corporal, atualmente, tem sido muito valorizada na sociedade e nos meios de comunicação em geral, repercutindo de forma considerável na vida das pessoas, principalmente das mulheres. Se, por um lado, isso traz implicações à saúde, em detrimento de uma série de intervenções (dietas, cirurgias plásticas, aplicações de silicone, *botox* etc.) por outro lado, observa-se que, em questão de gênero, na maioria das vezes, o contingente feminino sofre maior pressão no que tange à valorização corporal, conseqüentemente, tendendo a dar maior atenção ao seu corpo. Todavia, isso tem provocado severos questionamentos sobre a manutenção de um corpo visualmente dentro dos padrões estéticos e que repercute também nos hábitos, na sensualidade, na escolha e opção sexual, entre outros, levando à reflexão de como esse corpo é visto, sentido e representado.

Vale ressaltar a questão da globalização, como importante fator para melhor aceitação das diferenças, no que diz respeito à absorção de outras culturas, na adoção e adesão de estilos, hábitos, vestimentas, adornos etc. O processo de aculturação pode ser percebido na alimentação, no grande número de restaurantes que oferecem comidas típicas de várias nacionalidades nos ambientes domésticos, na decoração mais esotérica, nos tapetes orientais, na preocupação com as cores e disposição das mobílias que poderão desestabilizar o equilíbrio energético, em objetos de uso pessoal, como ornamentos, na escolha de atividades físicas diferenciadas, no crescente uso de técnicas voltadas para práticas corporais alternativas; na decoração de lugares públicos, divulgação de várias crenças religiosas, além da medicina que aderiu a técnicas orientais milenares de cura como a acupuntura e, recentemente, os florais, revendo rígidos conceitos científicos de saúde e doença. Logo, tal mercado em ascensão reflete a aderência de novos conceitos, no crescente número de revistas em bancas, que falam sobre decoração, hábitos alimentares, filosofia e qualidade de vida, advindos principalmente, de culturas orientais, bem como livros, programas de rádio e televisão que expressam formas mais abrangentes de visualização e compreensão do ser humano integral (NICOLINO, 2003).

Apesar das mudanças e adaptações a outras culturas, a globalização não parece influenciar a idealização de um padrão de beleza corporal ocidental. A observação se vale do recente exemplo que acontece no Japão, onde muitas adolescentes usam saltos enormes para aumentar sua estatura, fazem cirurgia no supercílio (um corte para aumentar o formato do olho), usam enchimentos, tanto nos seios, como nos glúteos (“bumbum”), além das maquiagens e das cores, cortes e penteados nos cabelos, que tentam se aproximar da beleza comercializada, por meio de modelos magros e altos, imitando o ideal feminino vendido no Ocidente.

Tal idealização por um padrão de beleza magro, mas, ao mesmo tempo esculpido em músculos sutis, alta estatura, mamas fartas e cabelos longos e lisos, para muitas meninas torna-se sério agravante, já que esse ideal é quase impossível para a grande maioria das adolescentes, com estrutura corporal diferente desse referencial. O corpo em si, denota uma linguagem de sedução, exercendo, então, poder. Estudos revelam que a fixação por um modelo ideal de mulher, já é considerado um problema, pois pode aumentar a probabilidade dessa ser transferida em baixa da auto-estima, em distúrbio dismórfico corporal, distúrbios alimentares (FIATES; SALLES, 2001), bulimia e anorexia, até mesmo depressão e, em casos extremos, levar à morte (RIBEIRO; SANTOS; DOS SANTOS, 1998), tal como já vêm ocorrendo com certa frequência, em nossa sociedade (GIDDENS, 1995; MIÑANO, 2005; SOARES, 2001a).

A magreza como forma de violência e fonte de sacrifício para o corpo também vem sendo estudada. Tal padrão inatingível, idealizado em corpos de modelos quase esqueléticas, muitas com aspecto de desnutridas, faz sustentar um protótipo feminino inalcançável para a grande maioria das mulheres, que pode servir como estimulador do aumento do desejo. Esse conceito de beleza virtual e globalizado não tem nada a ver com o corpo real e passa a ser representado com base no que é socialmente imposto.

Diante disso, depreendemos a dificuldade de se trabalhar a questão da imagem, pois essa reside dentro de cada um de nós, já que fazemos parte dessa cultura e dessa reprodução de 'ter que ser magra'. Nesse sentido, é importante frisar que o belo, em nossa sociedade, está sempre relacionado à juventude, ao corpo novo e rígido, sem rugas, cicatrizes, sem marcas e manchas. O cuidado diário pode ser mencionado como exemplo, principalmente, na face, de modo a nos policiar o tempo todo e até mesmo nos sentirmos culpados e responsáveis por adquirir rugas de expressão ou marcas. Contudo, a manutenção da beleza não se restringe somente ao rosto. Grande parte das mulheres também se tortura por não ter um corpo

esculpido em formas rígidas e delineadas, o que, muitas vezes, só é alcançado sob evasivas formas de intervenção (silicone, lipoaspiração, cirurgias); por não ter cabelos lisos, escovados (obtidos por meio de chapinha japonesa e escova progressiva), bem como uso de saltos, no intuito de expandir a feminilidade e despertar a sedução. Em outras palavras, tal rearranjo que se faz com o próprio corpo pode indicar a busca de nova identidade, muito próxima daquela vendida pelos meios de comunicação, como forma de obter reconhecimento social.

A curiosidade ao investigarmos esses elementos que se atrelam aos ideais padronizados de beleza, partiu, pois, de observações empíricas efetuadas ao longo da vida e fortalecidas durante nossa trajetória acadêmica. E, logo foi se estendendo para outros contextos como escolas, clubes, academias, centros desportivos, bares, bem como no próprio convívio com os amigos e familiares.

Na vida social, verificamos que as exigências de um físico rígido e modelado em músculos se apresentam em um disciplinamento realizado por meio de intervenções alimentares, de ingestão de medicamentos e, até mesmo, de intervenções cirúrgicas, que, almejando um padrão de beleza ideal, não medem esforços para tal. Então, participar dos discursos verbais e linguagens corporais, bem como observar toda uma dinâmica social presente nesse contexto, têm-nos instigado a voltar a atenção para o desenvolvimento de alguns conceitos e valores relacionados à imagem corporal, que elege o corpo como prioridade, sob rigorosas cobranças e exigências, tanto pessoais quanto do seu convívio social.

Por vez, relacionar felicidade a um estereótipo de beleza, mesmo que esse ideal esteja distante da própria estrutura corporal, é associação que muitas pessoas se submetem em uma cobrança pessoal, mas que também pode interferir nas suas escolhas afetivas, ou seja, supervalorizar a aparência física nas pessoas com quem se relaciona.

Entendemos a existência nelas da repressão e da culpa de se tocarem, se olharem e se sentirem, atrelados a um padrão de beleza que, muitas vezes, não condiz com sua estrutura

física, fatores que podem estimular a baixa auto-estima, a negação de si, de se gostarem, contribuindo para o distanciamento de se conhecerem melhor, conseqüentemente, revelando maior despreparo de lidarem com sua corporeidade, de se protegerem, se prevenirem e irem em busca de informações.

Pensando nisso, procuramos resgatar referenciais adequados a essa visão, voltando-nos para alguns aspectos da educação e da saúde. No presente estudo, o enfoque se direciona para o ambiente escolar, prendendo-nos ao Ensino Fundamental, especificamente no quarto ciclo (8º série), por ser nessa fase que as meninas começam a trabalhar o corpo, exibirem-se para o outro, manifestando vaidade, com isso, sensibilizando-se para amplas questões da sexualidade e o desejo do ato sexual. Daí sentirmos a necessidade de trabalhar programas de Educação em Saúde, para lidarmos abertamente com elas sobre tais questões, para evitar danos maiores, em conseqüência de uma educação sexual incipiente. Trazemos à tona observações, questionamentos e reflexões sobre o culto ao corpo, que se encontram presentes nos discursos e nas atitudes das adolescentes e, em particular, nas escolares, de acordo com as observações no cotidiano das escolas.

Com base nos pressupostos apresentados, reforçamos a necessidade de resgatar possibilidades de lidar com a educação corporal, em faixa etária precoce, tendo em vista a importância de uma cultura voltada para a conscientização da melhoria da qualidade de vida, considerando os elementos básicos, essenciais e naturais da vida, sem rótulos e que, conseqüentemente, venha repercutir de forma saudável e plena, na condução da saúde sexual e reprodutiva, evitando danos como: gravidez não planejada, as DST/AIDS e a violência generalizada.

Diante do exposto, a problemática do estudo enfoca a preocupação atribuída à aparência física e suas implicações representativas em um modelo ideal de corpo que, muitas vezes, não se enquadra com sua estrutura corporal e como isso interfere na forma de vivenciar e se

interagir com seu corpo, identificando sua aceitação física como forte aliada no processo educativo e preventivo. De acordo com Forones (2000), os exageros cometidos em prol de um aperfeiçoamento corporal estão relacionados ao fato de chamar a atenção, já que a imagem corporal pode ser considerada um cartão de visita e, possivelmente, um pedido de amor.

Sob a vertente de um corpo carente de atenção, pensamos na necessidade de análise e reflexão sobre os referenciais abordados, no intuito de trabalhar com possibilidades de lidar com a educação corporal e auto-estima, resgatando os temas anteriormente citados, entre outros atrelados. Acreditamos que isso, por si só, demonstra a necessidade do desenvolvimento desta pesquisa, justificando a relevância do estudo.

Para responder a esse desafio, o presente estudo visa contextualizar o ambiente escolar, tendo em vista a escola, os alunos, os professores e a família, identificando o significado que a escolar dá à simbologia do corpo contemporâneo, visualizando um padrão de beleza existente no meio social e o excesso de valorização atribuída a ele.

Isso posto, a escola demanda investigação. Especialmente, as alunas. Essas precisam ser constantemente, observadas e pesquisadas. Carecem ser trabalhadas, remetendo-as às questões relacionadas à prevenção, sexualidade, tabus e formas de manifestação de violência entre outros. Nesse sentido, as ações podem ser desenvolvidas de forma educativa e responsável, vislumbrando profissionais preparados e treinados, tanto no nível emocional, para lidar com os aspectos afetivos dos alunos, quanto no nível educativo, para que elas se sintam acolhidas, de maneira mais segura e se sintam confiantes e preparadas para exercer a sua sexualidade e, assim, poderem optar pelas suas reais vontades, tendo em vista o resgate de valores éticos, morais e legais.

Diante disso, propomos levantar com as alunas de oitava série, de uma escola pública de Ribeirão Preto, o significado que elas dão para o seu corpo e para a sua sexualidade, considerando suas vertentes, auto-imagem e auto-estima, bem como os conflitos vivenciados

no seu cotidiano. Levantados seus problemas, sobre tais questões, propomos investigar, conjuntamente, a linguagem corporal como um meio de intervenção educativa e preventiva, tendo como pressuposto a promoção da consciência crítica da qualidade de vida e cidadania, vislumbrando a saúde física e mental. Para isso, pesquisamos e desenvolvemos ações educativas com as escolares, visando trabalhar conhecimentos e habilidades, preparando-as para serem agentes multiplicadoras e de transformação. Esse cuidado integral é de fundamental importância na construção da sua cidadania plena.

OBJETIVOS

- Identificar com as alunas em foco, os problemas que as afligem em relação ao seu corpo e a sua sexualidade, tendo em vista a valorização e a implicação disso na auto-imagem e na própria sexualidade.

- Levantar informações e analisar os dados obtidos, de forma a identificar suas necessidades e interesses sobre tais questões.

- Seguidamente, visamos trabalhar em conjunto com elas e de forma participativa os temas geradores, culminando com um programa educativo, com o intuito de orientá-las nesse sentido, bem como preparando-as para serem agentes multiplicadores desse conhecimento com seus pares.

2 MARCO TEÓRICO DE REFERÊNCIA

O desenvolvimento dos conteúdos aqui explorados tenta, de certa forma, resgatar conceitos passados e atuais, argumentando, em bases teóricas, sobre um corpo histórico-cultural, esculpido em seus próprios contornos, sobretudo pela sua criatividade, resistência, assimilação e investimento, nas mais variadas necessidades produzidas e controles exercidos. O dinamismo que marcou e que continua marcando a existência social e individual do corpo, no decorrer dos tempos, é contextualizada em literaturas que abordam processos de dominação, discursos e linguagens, que tentaram de algum modo interferir no íntimo de cada um, e que viram no corpo um campo de manifestação diversa. Para tanto, nos subtemas apresentados a seguir, o corpo é descrito sob os diferentes âmbitos das Ciências Humanas, como base de análise e reflexão, de forma a tentar contribuir para a discussão de corporeidade, dentro de uma visão mais atual, ao mesmo tempo que incorpora antigos arranjos sociais.

2.1 O Corpo na História

Na Grécia Antiga, berço da civilização ocidental, surgiu a idéia de corpo perfeito, conquistado por meio da atividade física. Os homens treinavam para conseguir um físico ideal, a partir da inspiração divina. Os gregos consideram os deuses semelhantes aos homens, em virtudes e defeitos. Portanto, almejar um corpo belo, forte e rápido era um meio de se aproximar dos deuses e, com isso, da perfeição. Os jogos olímpicos, além de revelar corpos nus, moldados em músculos, também faziam propaganda de seus soldados fortes e resistentes, preparados fisicamente para combater outros exércitos vizinhos. Durante séculos, foi comum entre o povo helênico a glorificação da arrogância, da beleza e da destreza corporal dos vencedores das olimpíadas (ENTRALGO, 1987).

Para os gregos clássicos, a saúde, a beleza e a juventude do corpo eram os bens

supremos, como descrito por Entralgo (1987), ao apresentar um dos pensamentos de Aristóteles, que considerava a velhice uma doença adquirida, uma doença natural.

O corpo social, durante a Idade Média, sofreu interferências do processo civilizador que se referia às mudanças de costumes e as transformações no comportamento humano, difundidos por meio de tratados, livros e poemas, com o intuito de diferenciar a classe alta da baixa, ou seja, a nobreza dos plebeus, como descreve Elias (1990), em seu estudo. A distinção teria que iniciar desde uma linguagem mais refinada, sem palavras chulas e palavrões, até comportamentos como sentar, andar e cumprimentar alguém, ou mesmo comer com garfo e faca. Anteriormente aos tratados, não havia distinção entre classes sociais, no que diz respeito às condutas e comportamentos. As vestimentas também eram questionadas no processo de civilizar, no sentido de “[...] não expor partes do corpo que a natureza conferiu pudor [...]” (ELIAS, 1990, p.71). Além desses, o desenvolvimento de sentimentos como nojo, repugnância e vergonha, bem como o controle de emoções e desejos, também eram redesenhados para diferenciar boas e más maneiras, de modo a iniciar um policiamento constante de comportamentos, hábitos e condutas na cultura ocidental. Tal controle revelava padronização e modelação do comportamento humano, através da valorização da razão. O autor questiona a introdução dos padrões de condutas e hábitos corporais contemporâneos como sendo uma preocupação que surgiu com o Estado, o qual tinha interesse de controlar, vigiar e punir atitudes tidas como ‘não civilizadas’, ou seja, não aceitáveis dentro de uma nova estrutura social e moderna.

A repressão à emoção e o autocontrole foram construídos historicamente, sendo que o processo civilizador, no sentido de controlar impulsos e moldar o comportamento humano, foi essencial para a modernidade. Por isso, a resistência à emoção, aos desejos e sentimentos, bem como as coraças interiorizadas, eram fatores fundamentais para a organização e

desenvolvimento de amarras sociais, para o convívio coletivo, que constituíam formas de controle e disciplina.

Para Foucault (1979), a instauração e a contemplação do poder sobre o corpo podem ser introduzidas de várias formas. Algumas delas podem ser expressas nas ginásticas, na valorização de formas bem definidas da musculatura, na concepção do belo, ou seja, na inserção de padrões. Entretanto, inserindo-se nessa lógica de imposição de poder, existe a reprodução de saberes que sofre alterações no decorrer do tempo, tanto nos instrumentos utilizados como na intensidade de suas técnicas, porque esse corpo produz respostas, já que não se encontra num estado de morbidez, o que gera mudanças e indica outros caminhos. Contudo, novos mecanismos de controle são ativados e transformados. O autor ressalta, ainda, em seu estudo, a importância desse poder ou das diferentes formas de manifestação no desenvolvimento de valores, símbolos, normas e leis no nosso contexto social, o qual retrata a transmissão desse saber-poder por meio de mecanismos que não estão explícitos, mas interiorizados e naturalizados dentro de cada um, fincados na cultura e presentes no movimento humano.

No resgate da história, ainda em épocas passadas, Foucault (1979) descreve que a sexualidade direcionada para o trabalho exigia grande esforço físico, principalmente para os homens. No entanto, o discurso era diferente para a mulher, visto que o controle se centrava no desejo. Assim, o papel feminino na sociedade era de ser mãe e dar prazer para seu marido, sendo considerada, às vezes, assexuada. Sob esses pressupostos, o autor referencia que, para disciplinar a sexualidade, no caso o ato sexual, esse teria que ser pensado como algo direcionado apenas para a reprodução.

Nos últimos tempos, os corpos dóceis, descritos por Foucault (1979), apresentam-se por meio do disciplinamento do corpo malhado, de modo a tornar grande parte das pessoas escravas das formas físicas e do aparato cosmético que necessitam para serem felizes. Os

meios de comunicação (televisivo, escrito e falado) reforçam e investem cada vez mais nessa idéia, que faz do corpo uma roupagem passível de admiração ou reprovação.

Em divergência com algumas idéias apresentadas por Foucault, Giddens, ao interpretar os corpos dóceis, discorda de um corpo passivo, regulado em suas atividades e incapaz de atuar espontaneamente ao impulso do desejo. Argumenta que a sexualidade não pode ser entendida como um impulso, cujas forças sociais devem controlar, mas um ponto de referência. Para Foucault, diz Giddens, as únicas forças impulsionadoras são o poder, o discurso e o corpo, portanto, o poder é fenômeno de mobilização e não fator que estabelece limites. Giddens não nega o corpo como foco de disciplina e complementa ser ele portador aparente de auto-identidade, estando cada vez mais integrado nas decisões individuais do estilo de vida. O autor ainda menciona a invenção da dieta, como exemplo do significado moderno de cuidado pessoal, capaz de introduzir nos corpos o dever e a preocupação diária, atribuindo a responsabilidade pela sua aparência e saúde.

Sob um olhar direcionado a determinados códigos culturais, Rodrigues (1980) vê o funcionamento social regido por determinada lógica que se institui e se interioriza nas mentes, retratando no corpo seus contrastes. Assim, o corpo representa características próprias de uma sociedade, onde a linguagem se manifesta por codificações de grupos sociais particulares. Nesse sentido, podemos pensar a respeito da aparente liberdade que a linguagem corporal vem adquirindo nas últimas décadas, já que, atrelado a suas conquistas, a corporeidade vai se aprisionando em seus próprios códigos, símbolos e valores mantidos e gerados em seu próprio meio social.

Mauss (1974a), como precursor da reflexão social sobre o corpo, em seu estudo sobre as técnicas corporais, fala que, para compreender a educação do corpo, é preciso unir considerações da sociologia, biologia e psicologia. O corpo é considerado produto cultural, com diferentes usos, segundo a sociedade a que pertence, com diferentes valores, crenças e

cânones estéticos, associados a ele. Portanto, o corpo é modelado pela organização social e chega a ser símbolo de pertença, da posição dentro de sua ordem social. Ambos os autores, Rodrigues e Mauss, compartilham da idéia de corpo como imagem do meio a que pertence, entendendo que o ambiente social é o maior socializador da corporeidade

No universo das práticas e das mentalidades do Renascimento, segundo Breton (2002), é que se inicia a noção de corpo individualizado, como um meio privado, nas sociedades ocidentais, como efeito da estrutura individual no campo social, consequência da ruptura de solidariedade, que mistura a pessoa com a coletividade, principalmente nas cidades e nos setores burgueses. Para o autor, a questão do individualismo nas sociedades modernas acontece de forma distinta e se desenvolve em diferentes grupos sociais. Concepções, que elegem o corpo, provindas do cartesianismo eclesiástico, planteia o indivíduo como o centro do universo, de forma a propiciar o retrocesso das tradições populares. O vocabulário anatomofisiológico tem grande relevância na construção do individualismo. A esse respeito, Entralgo (1987) ressalva que a distinção entre saber médico e saber popular também era uma forma de segregar as classes, sendo o saber anatômico visto como um conhecimento superior ao vigente.

Vázquez (1994) reforça tal idéia, descrevendo que, com a chegada do pensamento mecanicista, se concede a criação e a relação de domínio sobre o conjunto das características do mundo, por meio da transformação da natureza e do conhecimento interior do corpo humano, no qual acreditava-se que não havia mistérios que a razão não pudesse solucionar. A concepção de corpo como realidade biológica advém de um modelo médico hegemônico, proveniente do psicológico, social e cultural, associado ao individualismo.

Na modernidade, há distanciamento do conhecimento popular de cura e da cultura erudita, relata Entralgo (1987). As estruturas urbanas favorecem a utilização do olhar, sendo o olfato e a audição perturbados pelos constantes barulhos de veículos, e mau cheiro do

esgoto e do lixo, produzidos pela cidade. Além da arquitetura das moradias, construídas em pequenos espaços, de forma a limitar a mobilidade, já que são pensadas somente na sua funcionalidade. O autor contextualiza que a pouca utilização do corpo nas sociedades modernas ocidentais faz com que esse busque outras formas de compensar o vazio. Entralgo completa que, o corpo de que se fala, se mostra e se libera, em suas marcas, na busca em academias, por um corpo triunfante, saudável, jovem, esbelto e bronzeado, de contos de romance, que não faz parte da trivialidade da vida cotidiana. Um corpo dualista (homem x corpo) que se distânciava da vida social e se concedia cada vez mais individual, faz do seu corpo sua tábua de salvação. O autor cita os *body-building* como a tradução dessa nova comunicação corporal, um excesso de exposição que antes era tido como ridículo e vergonhoso. Vázquez (1994), ao discorrer sobre a moral do corpo na modernidade, aborda uma vergonha não de caráter moral, como a planteada na Idade Média, mas uma vergonha estética.

Sob a ótica do corpo social, tais autores pontuam a questão da construção do eu social no Ocidente, decorrente da arquitetura urbana, das mudanças de hábitos e costumes, bem como da valorização do saber científico como contribuidores desse processo, que Entralgo chama de individualismo.

As formas corporais e a saúde se impõem como preocupação e induzem outro tipo de relação consigo mesmo, fidelidade a uma autoridade difusa, porém, eficaz, afirma Breton (2002). Os valores primordiais da modernidade, aqueles que a publicidade comunica, são direcionados para a saúde, juventude, sedução, suavidade e higiene. Tais atributos modernos, valorizam qualidades vinculadas à condição física. O autor argumenta que dificilmente o homem possui esse corpo, responde a esse padrão, assim se explica o êxito das práticas para exercitar o corpo (ginásticas) ou o êxito de cirurgias estéticas ou reparadoras, para dar formas e curvas mais delgadas. Ele acredita que só vai existir liberação do corpo quando esse não

possuir mais nenhuma preocupação com o físico, e complementa “[...] o homem da modernidade combate todo tempo as marcas da idade e tem medo de envelhecer por temor a perder sua posição profissional e a não encontrar emprego ou espaço no campo comunicativo”. (BRETON, 2002, p. 143). A relação de gênero na questão do envelhecimento, também é tema de análise de Breton, que descreve a degradação que a imagem da mulher sofre com o passar dos anos, e apresenta a imagem masculina menos fundada na aparência e mais na relação que estabelece com o mundo, portanto, o homem segue sendo um sedutor potencial. E, finaliza:

o corpo é objeto de um mercado crescente, que vem se desenvolvendo durante estes últimos anos, por meio de cosméticos, dos cuidados estéticos, das academias de ginástica, dos tratamentos para emagrecer, da manutenção da forma física, da preocupação por sentir-se bem ou do desenvolvimento de terapias corporais. (BRETON, 2002, p. 217).

O autor fundamenta a emergência de uma sensibilidade narcisista, sendo o corpo convertido em um refúgio e valor último, decorrente de uma sociedade sem vínculos populares, sem conexão com os membros da comunidade, nesse sentido, o corpo é o único simbolismo que resta.

Sob o enfoque de um corpo condicionado e polarizado, Vázquez (1994) recorda que os movimentos decorrentes da contracultura na década de 70 e movimentos feministas rompem com o silêncio corporal, o corpo passa a ter valor central até converter-se em valor fetiche. A autora argumenta que a liberação da mulher colocou em marcha um novo movimento que insiste em fazer do corpo feminino foco de sua personalidade. Em todos os domínios da vida social, o corpo se transforma cada vez mais em objeto, sendo o centro das preocupações ideológicas e tecnológicas, seja por meio da produção, do consumo, do tempo de lazer, do espetáculo ou através da publicidade.

A globalização e a cultura de consumo, sob o viés do pós-modernismo, é tema

discorrido por Featherstone (1996, p. 107) que estabelece elos entre economia e cultura, e explica que “[...] a sociedade foi tanto a projeção de uma imagem do que a vida social deveria ser quanto uma realidade. Nela apenas afloram muitos processos sociais nunca antes domesticados, regulados e integrados”. O estudioso fala que o desenvolvimento da cultura de consumo, aumentou não só a oferta de bens como também a de imagens e signos, e que as pessoas buscam em ícones (juventude, boa forma, beleza, luxo, romance) identificar um determinado estilo de vida. Ele menciona que tais mensagens são vendidas e consumidas em todo o mundo, afirmando que a cultura segue o rastro da economia. Contudo, complementa, mostrando a existência de uma cultura global ocidental com diversidades e naturezas uniformes, submersa em um campo no qual se manifestam diferenças, conflitos e disputas por prestígio social.

2.2 A Sexualidade do Corpo

A sexualidade de jovens é o título do livro escrito por Trindade e Bruns (2003) que discutem a sexualidade e o significado atribuído a ela pela maioria dos adolescentes, os quais o associam ao ato sexual. As autoras contextualizam que, embora a sexualidade envolva a genitalidade e a reprodução, ela não se limita somente a essas práticas “[...] pois envolve todo o corpo, relacionando-se aos cinco sentidos e também ao simbólico, à capacidade própria de o ser humano imaginar, fantasiar”.(TRINDADE; BRUNS, 2003, p. 21). Louro (2001), ao conceituá-la sob a dimensão social e política, entende “[...] que a sexualidade envolve rituais, linguagens, fantasias, representações, símbolos, convenções... Processos profundamente culturais e plurais.”(LOURO, 2001, p. 11). Compreender a sexualidade como um construto histórico também é a definição apoiada por Weeks (2001), que descreve o corpo biológico como aquele que apenas estabelece os limites daquilo que é sexualmente possível, e afirma que “a sexualidade tem tanto a ver com nossas crenças, ideologias e imaginações quanto com nosso corpo físico.”(WEEKS, 2001, p. 38). E Giddens explora o termo sob o viés de “[...]”

uma elaboração social que opera dentro dos campos do poder, e não simplesmente um conjunto de estímulos biológicos que encontram ou não uma liberação direta.”(GIDDENS, 1995, p. 33).

A corporeidade feminina desde o Brasil Colonial até os dias atuais, é tema de análise de Del Priore (2000), que descreve o corpo como referência para a construção e desconstrução do caminho percorrido. A autora explora as formas valorizadas em cada época e a influência de padrões de beleza europeus no comportamento, hábitos, vestimenta e forma de vivenciar sua corporeidade, bem como olhares preconceituosos e segregadores à beleza latina. Já que a mistura de povos e cores que encantava viajantes que aportavam no Brasil Colônia não era tido como belo para os padrões arianos, suecos ou franceses, muito menos de forma positiva pelas mulheres de elite, que viam nas escravas e nas índias corpos *seminus* e sensuais, belezas mescladas, como de negros, amarelos, índios e diversos povos brancos, os quais coloriam os olhares dos homens que por aqui passavam. Tal impressão de sexualidade mais aberta e permissiva teve como reflexo um imaginário de um povo fioso e promíscuo.

Tais diferenças foram visualizadas pelos europeus como sinais de desigualdade, desvalor e desqualificação, segundo o modelo moral vigente na época. Como meio de imposição cultural, os colonizadores empreenderam suas marcas nos corpos, nos costumes e nos hábitos dos povos indígenas, como mecanismo de diminuição das diferenças entre colonizadores e colonizados, por meio da intervenção da catequese, da escravização e do extermínio. O corpo, representado em roupas, pinturas e ornamentos, serviu de vitrine, ou melhor, “[...] o universo no qual se inscrevem valores, significados e comportamentos [...]” (QUEIROZ; OTTA, 2000, p. 19).

Sob a análise das tramas da sexualidade brasileira na atualidade, Heilborn (2006) tece interessantes considerações antropológicas e sociológicas a respeito do imaginário erótico, construído e vendido em torno da beleza e sensualidade da mulata, das imagens do carnaval e

do paraíso sexual liberal. De acordo com tal concepção, o Brasil é um país constituído por um povo repleto de habilidades corporais para o samba e o futebol. Tais imagens e discursos transmitidos não refletem a realidade vivenciada pelos brasileiros, sobretudo nas relações de gênero, revelando complexas relações de força e persuasão no exercício da sexualidade, baseado na dominação masculina. Essas considerações são fundamentadas no estudo de campo, realizado em três grandes cidades brasileiras, o qual contou com 4 634 jovens, de 18 a 24 anos. Os achados também revelam que para as meninas com maior escolaridade, o sexo, entendido como necessidade física, tem pequena aceitação; já para os meninos altamente escolarizados “[...] são os que melhor expressam a ideologia de gênero do sexo masculino, que associa o sexo a uma necessidade física e uma força incontrolável”, indicando persistência na forma como é pensada a virilidade no Brasil (HEILBORN, 2006, p. 53).

2.3 Perspectivas de Gênero na Representação da Sexualidade

Sobre a questão de gênero, Villela e Arilha (2003) evidenciam em seu estudo a influência cultural e histórica na constituição e interpretação do termo e sua efetiva manifestação social, bem como a construção de conhecimentos, decorrentes de necessidades de uma determinada época. Segundo as autoras, as análises sobre o termo avançaram a partir de estudos feministas, buscando compreender comportamentos socialmente ditos femininos e masculinos, e como um está em relação ao outro. Portanto, gênero responde a algumas especificidades e demandas atreladas ao poder, construções simbólicas, valores construídos e controle social. Seguindo o mesmo raciocínio, Weeks (2001) também usa o termo gênero para descrever a diferenciação social entre homens e mulheres, historicamente enraizado, partindo do pressuposto de gênero como relação de poder de domínio masculino, que define o que é necessário e desejável.

O corpo, sob a construção social, é apresentado por Vázquez (1994), com base nos estudos de Bourdieu e Boltanski, ao explorar as funções corporais que sustentam a vida social

de uma pessoa, no sentido dessa mostrar aquisições que não são inatas, mas que dependem do desenvolvimento específico de cada cultura. Assim, a ordem social se infiltra, inconscientemente, através das manifestações vitais do corpo infantil, adquirindo força de lei. As diferenças de gênero são construídas pela assimilação dessa simbologia corporal, que adquire gestos, sensibilidades e modos de relacionar, estabelecidos dentro de cada sociedade para uns e outros. Segundo a autora, a socialização se dá de forma distinta para menina e para o menino, por meio da relação simbólica com a mãe, desde os primeiros meses de vida, os quais aprendem a sentir e a atuar segundo os códigos e modelos corporais do meio pertencente. Ela diz que a educação corporal não se diferencia somente em função do sexo, mas também da idade, classe social e entorno social.

O livro, 'Complexo de Cinderela', escrito na década de 70 por Dowling (2001), a autora apresenta, em seu conteúdo, reflexões pessoais, depoimentos e relatos de psicanalistas, entrevistas e pesquisas, analisando a dependência psicológica feminina, a qual se dá desde a infância e é estimulada no decorrer da vida. A autora comenta que os excessos de cuidados despendidos na educação das meninas as levam a duvidar de sua competência, através da educação dada pelos pais ou responsáveis que começam a inculcar nas filhas a idéia de que não devem confiar em si mesmas. Assim, o medo de cair, de barata, de sair sozinha, de namorar, de ser inadequada, de ser feia, entre outros, são ensinados e estimulados como forma de proteger as 'restritas capacidades' femininas, portanto, não suportamos bem os riscos e quedas porque não fomos educadas para ver isso com naturalidade. Toda essa necessidade do outro faz com que as mulheres se tornem de certa forma mais dependentes das relações sociais e, por consequência, mais dependentes das opiniões dos outros. Ela também contextualiza que as mulheres não são dóceis por natureza, mas socializadas de modo que atitudes competitivas e arriscadas sejam consideradas inadequadas e não femininas. Para ser adorável, a autora resume, as mulheres passam a vida contendo seus impulsos hostis ou

agressivos, freqüentemente reprimem a iniciativa, renunciam às suas aspirações e infelizmente acabam excessivamente dependentes, com profunda sensação de insegurança e incerteza, quanto às suas capacidades e seu valor.

A opinião defendida por Borges (2005) sobre a beleza atrelada a padrões sociais traz uma interessante perspectiva de gênero associada à inteligência feminina, de forma a apresentar vasto referencial teórico que contextualiza a idéia de beleza como sendo a maior razão de atratividade de uma mulher para um homem, sendo a inteligência vista de forma negativa ou indiferente. Ela afirma que “[...] poder e inteligência são atributos eróticos masculinos, e beleza e juventude atributos eróticos femininos”. (BORGES, 2005, p. 669). E que existem teses que confirmam a preferência dos homens por mulheres mais bonitas, o que independe da sua condição financeira, fator que muda para as mulheres, que preferem homens com *status*, poder e dinheiro, ainda diz Borges. Além disso, expõe que a simetria, os traços harmônicos, garantem uma melhor prole, segundo conceitos fundamentados na biologia evolucionista. Corroborando com tal idéia, Queiroz e Otta (2000) também relatam a importância da simetria para a figura feminina como fator de sedução, sendo o sorriso um complemento para contribuir no processo de exibição. Borges entende que a deserotização da inteligência feminina tenha razões culturais, afirmando que, no campo do trabalho, a mulher tem que ser persistente, batalhadora e guerreira, mas tais atributos seriam entendidos como insistentes e sufocantes em sua relação ao sexo oposto. No território do desejo, a mulher deve tornar-se passiva, para estimular o desejo masculino, já que feminilidade é entendida como postura passiva, conclui Borges.

Ao analisar a socialização entre crianças, em uma comunidade praieira na Bahia, Ribeiro (2006) assinala que as famílias reconhecem a sexualidade infantil como neutra até os 7 anos. A partir dessa faixa etária, os olhares começam a vislumbrar manifestação de sacanagem e a redobrar o controle sobre as meninas. Os meninos, nessa fase, são estimulados

a darem demonstrações constantes de virilidade, fazendo uso de seu corpo e da sua sexualidade. Assim, a idéia de masculinidade se associa à bravura, força física, agressividade, esperteza, interesse pelas mulheres, ausência de sentimentos. As meninas ensinadas a desempenhar trabalhos domésticos, entendidos como espaço de domínio feminino, também são educadas para negar a sua sexualidade e o seu corpo. Elas mesmas vigiam suas colegas e censuram comportamentos considerados obscenos. Nos contextos descritos pela autora, os papéis delineados para cada sexo está bem definido, entendendo a sexualidade como inadequada para as meninas, por ser algo sujo e imoral, próprio do domínio masculino. Como afirma Ribeiro (2006, p. 168):

[...] a sexualidade estaria relacionada a algo sujo, imoral, indecente, obsceno, e próprio do masculino, enquanto as meninas representariam a inocência e ingenuidade (...) ser homem e ser mulher está relacionado não somente com o aparato anatômico-fisiológico, mas com concepções sociais, muitas aprendidas na família e nos sistemas de relações em que vivem (...) envolvem atributos sociais e simbólicos, como poder fazer certas coisas, exercer legitimamente a sexualidade, assumir comportamentos dentro de uma determinada ordem.

Ao direcionar seu olhar para os contextos familiares, Ribeiro explica que muitas mulheres são carregadas para o universo doméstico e da reprodução por falta de opções no mercado de trabalho, baixa escolaridade e quase nenhuma qualificação como mão-de-obra. Descreve contextos em que há inversão de salário, ou seja, mulheres ganhando mais que seus maridos, fator gerador de conflitos, brigas e cobranças, no âmbito familiar. E apresenta as novas solteiras, que obtiveram êxito profissional e usufruem de liberdade que, ao mesmo tempo que são malvistas por familiares e mulheres casadas, também são motivo de inveja. A autora detecta em sua pesquisa valores tradicionais dominando nessa comunidade, de prevalência masculina no meio público e feminina no meio doméstico, sendo a sexualidade permitida e vivenciada de forma intensa entre os homens e para as mulheres uma visível negação de seu corpo e de sua sexualidade, sendo essa entendida como própria do universo masculino, e ao se defrontar com situações que invertem tais contextos, como mulheres com

melhores salários que seus maridos ou solteiras bem-sucedidas, depara-se com fortes conceitos e valores morais, emergidos na linguagem de represália e conflitos.

A autora, contudo, questiona o modelo hegemônico patriarcal, de dominação masculina, como sendo o de maior representação em estudos de gênero e sexualidade no Brasil, visto os diferentes arranjos que se estabelecem em cada comunidade, problematizando que tais questões não podem ser trabalhadas como se fossem fenômenos estanques, fixos e estáveis.

A problemática de gênero e sexualidade é apresentada por Lensky (1991), pela manifestação do poder no âmbito desportivo e da atividade física. A comentarista se apóia em estudos, sobretudo feministas, que vêm no corpo campo prioritário de luta, tendo como preocupação básica o controle e a fiscalidade da sexualidade feminina, através da regulação estatal, coerção e da violência. A classificação de atividade física e esporte feminino, configurado como própria para meninas, sobretudo quando contribuem para realçar sua atração sexual, é um dos temas trabalhados pela autora, ao argumentar sobre a noção de diferenciação sexual que abarca uma gama de qualidades físicas, sociais, emocionais e sexuais inerente ao comportamento sexual de homens e mulheres, o qual aparece expresso no eu masculino e feminino e na identidade sexual de cada um. Para Lensky (1991), manter o poder e o privilégio masculino necessita, em parte, que se assegure que as diferenças com embasamento no sexo sejam cuidadosamente construídas e institucionalizadas em estruturas, crenças e práticas sociais. O esporte, ao apresentar definições que valoram a habilidade física e o comportamento corporal, proporciona lugar apropriado para a instrução de masculinidade e feminilidade. A heterossexualidade se reforça nos sistemas tradicionais de saúde mental, pela discriminação sistemática favorecida pelo Estado e mais abertamente pela violência física e sexual. A transmissão da identidade masculina não pode ser descrita como um cometido evolutivo neutro, pois, segundo Lensky (1991), é uma empresa complexa cujo objetivo é manter a hegemonia heterossexual masculina. A autora denuncia o abuso de poder

dentro do meio esportivo que perpassa em duas vias: a primeira, que se relaciona ao abuso sexual por parte dos técnicos e o segundo refere-se aos aspectos psicológicos, como o controle de peso e dos hábitos alimentares das desportistas, sobretudo, sobre o excesso de peso. Ela afirma que tais abusos também são cometidos por treinadoras femininas, sendo a socialização uma via única de manipulação e controle sexual das jovens, que estão à mercê da aprovação masculina.

Alfaro e Vázquez (1990) pontuam alguns aspectos específicos de desigualdade feminina no âmbito desportivo, como diferenças biológicas, educativas, esportivas e culturais, como atuantes na relação de oportunidade e direitos da mulher nesse meio. A maternidade, as diferenças morfológicas e de rendimento físico e funcional, bem como respostas orgânicas e o conceito diferente de corpo são citados como barreiras biológicas. As educativas se potencializam em modelos de práticas mais próximas dos interesses masculinos, menores expectativas dos pais e professores em relação à prática esportiva pelas meninas, conseqüentemente, menor auto-estima de competência motriz e menor hábito esportivo e de formação. Já no universo esportivo as diferenças manifestam-se nos modelos masculinos, em normas, regras, regulamentos e limitações administrativas, abrangendo espaços, instalações e material, além de grande parte dos gestores e técnicos ser do sexo masculino. E, por fim, os aspectos socioculturais, desenvolvidos por meio da construção de estereótipos de homens e mulheres, no reconhecimento social e econômico de atletas, nas limitações econômicas, na conciliação de tempo dedicado à família, ideologia presente e na concepção religiosa. As autoras ressaltam a necessidade de conscientizar e formar gestores esportivos, professores, técnicos, familiares e as próprias mulheres com programas de intervenção integral e integrados, de forma a favorecer a prática de atividade feminina, assim como maior equidade entre os sexos.

As representações da sexualidade e gênero podem se manifestar em diferentes contextos e sob diversas formas. As influências histórico-culturais não podem ser negligenciadas uma vez incorporadas e reestruturadas nos vários âmbitos: familiar, educativo, esportivo, como mostram os estudos. Contudo, compartilhamos a idéia defendida por Ribeiro de analisar com mais cuidado tais temáticas, de forma a não generalizar, sempre concedendo à mulher uma figura passiva e submissa ao homem, mas sob a perspectiva que também identifica transformações, mobilidade e instabilidade nas relações, vislumbrando assim a mulher como agente pensante e transformador.

2.4 A Primazia do Belo na Linguagem Corporal Feminina

Iniciamos este subtema sob a análise de Marcel Mauss (1974b), o qual entende que os fenômenos estéticos constituem uma das partes mais importantes da atividade humana social e não somente do indivíduo. Dessa forma, uma coisa é bela, ou um verso é belo, quando é reconhecido coletivamente. O autor sustenta que a noção de técnica vem da idéia de utilidade e a noção de estética da relativa ausência de utilidade, como relata “[...] em todo feito estético há um elemento de contemplação, de satisfação, independente da necessidade imediata, se trata de uma alegria sensual e desinteressada ao mesmo tempo” (MAUSS, 1974b, p. 148), a estética sempre comporta a noção de prazer sensorial. O autor fala que o homem sempre buscou incorporar ao seu corpo algo belo, para estar em sociedade, por meio de tatuagens, marcas, cicatrizes, deformações, ornamentos, objetos e vestimenta.

Sob o enfoque ao culto da forma física, Courtine (1995, p.97) explora a questão da imagem corporal, referindo à paixão americana pelo corpo, quando descreve uma metamorfose corporal dos *body-building*, onde “[...] o músculo é um rótulo de vigor e de saúde, isto é, de força moral [...]”, ou seja, um corpo, totalmente construído e vestido no volume e nos contornos musculares.

Desse modo, o excesso de vaidade estaria relacionado aos benefícios que a beleza pode proporcionar, como ser olhado e admirado. Goldenberg e Ramos (2002, p.21) atribuem o excesso de significado que a aparência tem na revelação de identidades, no sentido desse corpo ser utilizado “[...] como um meio de expressão do eu [...]”. Os autores mencionam essa cobrança relacionada a um contexto social e histórico instável, visto que instituições como família, igreja, trabalho, que ofereciam base para a formação do indivíduo, encontram-se enfraquecidas. Assim, busca-se outros alicerces, principalmente, em classes sociais com alto poder aquisitivo de grandes centros urbanos, sendo a aparência física entendida como expressão de identidade.

Para Del Priore (2000), na nossa cultura, o belo se associa à juventude e saúde e o velho, à doença, à pessoa que não se cuida diariamente, ressaltando que os avanços científicos e médicos no processo da longevidade, está se tornando um problema, já que pessoas idosas tendem a ficar cada vez mais dentro de casa, pois velho ou gordo não são aceitos socialmente, são ridicularizados, considerados uma vergonha, associados à feiúra e sem cuidados consigo, sem amor-próprio. Dessa forma, “diferentemente de nossas avós, não nos preocupamos mais em salvar nossas almas, mas em salvar nossos corpos da desgraça da rejeição social. Nosso tormento não é o fogo do inferno, mas a balança e o espelho”. (DEL PRIORE, 2000, p. 11). A autora argumenta que a tirania da perfeição física levou a mulher não para a busca de identidade, mas de identificação, visto que as prescrições sofridas não são mais do marido, do padre ou do médico, mas de discurso jornalístico e publicitário que a cerca, sendo que, em pleno século XXI, nos obrigamos a nos colocar a serviço de nossos próprios corpos. Ela diz que os anúncios de revistas exploram a imagem da mulher magra como sendo possuidora de virtudes, independência, beleza e saúde. E complementa “envelhecer começa a ser associada à perda de prestígio e ao afastamento do convívio social. Associa-se gordura diretamente à velhice”. (DEL PRIORE, 2000, p. 75).

Em suma, Del Priore traz considerações interessantes sobre a forma de conduzir os corpos femininos, suas atitudes, os meios de interagir consigo e com os outros. Sinaliza como os meios de comunicação em geral interferem em nossas ações, nos nossos comportamentos, na maneira de vestir, usar o nosso dinheiro, sentir-se bela e amada ou feia e ridícula, conseguir bons empregos e se relacionar com os nossos pares.

O culto à beleza é também descrito por Sant'Anna (1995) como importante instrumento moral, ético e cultural, expressos em modelos a serem seguidos. Assim, condutas de saúde designam a autculpa pelo seu fracasso e sua manutenção, ou seja, a falta de beleza é tida como uma doença. Portanto, feiúra se associa à degeneração da raça, fruto de uma vida doente, sem cuidados e vaidades. Segundo a autora, instaura-se uma nova consciência corporal, regida por um sistema padronizado, que necessita de consumidores. E, nesse processo, a beleza da mulher é essencial. O que se percebe é que isso vai interferindo no nível de saúde mental da pessoa.

Corroborando os estudos de Del Priore e Sant'Anna, Novaes e Vilhena (2003) descrevem o papel da beleza na modernidade, traçando paralelo entre saúde e doença e o quanto ser feia, na atualidade, está associado com a falta de cuidado e gordura. As autoras também alertam para o discurso transmitido pelos meios de comunicação, que utilizam, freqüentemente, da frase 'se você quiser, você pode', como *slogan* do cuidado e investimento diário que a mulher tem que fazer do seu corpo, para ser feminina e bela. Dentro desse ideário de feminilidade, se você tem os cabelos anelados, eles podem ser lisos, é só você querer. Cremes, maquiagens, roupas, sapatos, ginásticas, dietas, remédios e intervenções cirúrgicas são vendidos e facilitados para a mulher que deseja ser bonita e prolongar sua juventude. As estudiosas apresentam um aparato de instrumentos e formas de obtenção da fórmula de rejuvenescimento que parte de um ideal de mulher magra (com definição muscular) e jovem.

Elas explicam que gordura se tornou sinônimo de feiúra e doença, sendo até mesmo ridicularizada e motivo de exclusão social.

A importância social atribuída a valores voltados para a estética também é discutida por Heilborn (2006, p. 47) quando se refere aos danos que a falta de beleza pode proporcionar na forma de expressão da sexualidade. A autora descreve que existe “[...] uma apreciação social dos corpos que intervém diretamente sobre as oportunidades relativas ao exercício da sexualidade, tais como a atração exercida sobre outras pessoas, a qual possibilita obter parceiros”.

Problemas de reconhecimento e afirmação para mulheres jovens são ilustrados por Vázquez (2001) ao tecer comentários sobre a ruptura de estereótipos tradicionais, os quais proporcionaram formas diferentes de ser mulher e, portanto, aumentando sua capacidade de escolha e opções. Desse modo, processos de individualismo, próprios das sociedades avançadas, permitem que as mulheres construam sua identidade de acordo com seus desejos e, quando comparado com as gerações anteriores, possuem maior nível educativo e independência econômica, no entanto, alguns dos elementos da identidade feminina permanecem, como a beleza. Assim, a associação de beleza e mulher é constante histórica, como se beleza fosse a essência definidora das mulheres. Desde pequenas interiorizam a necessidade de serem belas, até o ponto que a identidade como mulher depende do grau de beleza reconhecido.

A aparência física na puberdade é estudada por Mandú (2006), sob um ponto de vista turbulento, em que descreve as mudanças na vida e no corpo da adolescente, entendendo-as como tema a ser discutido e pensado, sobre os distintos e integrados processos de desenvolvimento social, familiar, físico-pubertário, psicoemocional e intelectual, que compreende esse momento da vida. E reforça que tais processos podem envolver problemas, cada vez mais freqüentes na vida dos brasileiros, que, nessa fase, têm peso significativamente

alto. Aponta também alguns aspectos que considera marcantes, como o acentuado crescimento estatural e o surgimento de novas formas físicas e estéticas, as transformações no funcionamento orgânico, principalmente sexual e reprodutivo, a construção de novas relações intersubjetivas, as novas manifestações de comportamentos, sentimentos e modos de pensar, refletindo novas identidades e inserções no mundo interno e externo à família.

Para Trindade e Bruns (2003), as transformações corporais auxiliam na construção e formação de um conceito maduro de corpo. As autoras explicam que o aumento dos seios e quadris, aparecimento de pêlos, aumento de nariz, orelhas e alguns membros (braços, pernas), que crescem primeiro, faz com que a aparência física esteja próxima de um adulto. Tal imagem faz com que a adolescente pareça ter idade suficiente para exercer sua sexualidade, no que se refere aos aspectos sexuais. As pessoas que estão ao seu redor entendem que a menina já está pronta para exercer sua sexualidade e expressam isso em falas como, por exemplo, “ela tem 12 anos mas ninguém dá menos de 18 anos”, esse reforço social, advindo da família, amigos e conhecidos, colabora para o processo de identificação de maturidade sexual que a pessoa ainda não possui. Complementam que o modelo de identificação que o adolescente almeja possuir acontece no seu meio de convívio e, portanto, “[...] a formação da identidade envolve as relações com o meio, em especial, com pessoas que são significativas ao indivíduo[...]” (TRINDADE; BRUNS, 2003, p. 24).

Sob o ponto de vista psicanalítico, Campagna (2003), em sua dissertação, tece algumas considerações sobre aspectos que interferem na organização da identidade feminina no início da adolescência, já que o estudo tem a intenção de verificar como as jovens estão se adaptando às mudanças e reafirmando sua identidade. A autora mostra que mudanças e transformações, tanto do plano biológico, quanto dos aspectos psicológicos são fundamentais para compreender alterações de comportamentos, atitudes e estados de humor, bem como elaborações de novos modelos de aparência física, aumento de casos de depressão e de

distúrbios alimentares nessa faixa etária. Ela acrescenta que a base de todo o processo da adolescência parte da necessidade de reformulação de conceitos que o jovem tem de si mesmo. Por isso, os modelos de identificação e recursos que utilizam para lidar com essas transformações são fundamentais para a compreensão desse processo. Tais considerações partiram de uma pesquisa realizada com 20 garotas de 12 anos de idade, de classe média e média alta da cidade de São Paulo. Os dados revelam que as jovens identificam-se muito com seus pais e outros familiares, no entanto, colegas e modelos veiculados pelos meios de comunicação também aparecem como modelos a ser seguidos. Pressões internas e externas colaboram nessa fase de desestabilidade e fragilidade, além do ambiente social que, ao impor padrões idealizados de beleza e não oferecer um lugar de pertencimento a essas jovens, dificulta o processo de reorganização da identidade.

A auto-imagem na adolescência é tema do artigo de Cano et al. (1999), que contextualizam as transformações físicas-biológicas e psicossocioculturais como momento de construção identitária, sendo a imagem física importante componente na elaboração e representação de si. A pesquisa realizada com quarenta estudantes, de 14 a 16 anos, através de análise temática das falas dos alunos, revelou a importância que as meninas atribuem à auto-imagem, principalmente para o rosto, cabelo e olhos, direcionando suas energias para vestir-se, maquiar-se, dedicando-se à busca da beleza física. Eles também apresentam o corpo erótico feminino preservado e guardado para o parceiro ideal, em outras palavras, as meninas visualizam suas experiências sexuais atreladas ao sentimento e ao afeto.

Vázquez (1994) afirma que não podemos negar o valor da beleza, mas atualmente tem havido valorização maior que nunca. Ela acredita que houve democratização da beleza e que essa se impõe para toda a população feminina sem diferenças de classe social, inclusive sem diferença de idade. No momento, a aparência física se apresenta como valor de câmbio. Antes a beleza era utilizada como instrumento de sedução para o matrimônio, hoje, ela se

amplia ao mercado laboral. E continua, no princípio seria um novo recurso, mas se converteu em armação perigosa, devido ao número de conflitos que ocasiona na mulher. Essa insatisfação as levam a aderir a dietas, exercícios físicos ou técnicas cirúrgicas. Tal código de beleza feminina que se associa à juventude e formas rígidas não permite às mesmas envelhecer, assim, datas de aniversário só são permitidas enquanto permanecerem magras e atrativas. Ela resume, as mulheres têm conquistado tantos espaços, por outro lado, têm aumentado sua dependência em outros campos, como a responsabilidade de estar sempre em forma e atrativas. A pressão social se faz tão forte, que ao não cumprir com os ideais estéticos, se converte em culpabilidade, entendido como falta de esforço e controle pessoal (VÁZQUEZ, 2001).

A obsessão, portanto, por um ideal de beleza tem merecido a atenção de diversas áreas de conhecimento, visto suas implicações no trato das pessoas consigo mesmas, isto é, na excessiva preocupação com a aparência física, podendo ser considerada patologia, classificada como Distúrbio Dismórfico Corporal, como mostram Biancarelli (2002) e Cerozzi (2006). Deixar de comer, fazer dietas sem nenhuma orientação especializada, efetuar atividades físicas, extrapolando os limites de cargas, para obter uma musculatura inchada e torneada, assim como se submeter a intervenções cirúrgicas para esculpir a forma física são fatos cada vez mais frequentes em nosso convívio social, vivenciados com naturalidade. Esses apelos seguem modismos. E, hoje, aparece a exuberância em partes do corpo, principalmente de mulheres, com o uso de silicone, principalmente nos seios etc.

Investigações relacionadas à auto-estima, imagem corporal e à sexualidade, também, vêm chamando a atenção de estudiosos do campo da saúde e da educação, visto a grande procura e, conseqüentemente, o alto número de cirurgias plásticas, visando a estética, realizadas nos últimos anos, no mundo e no Brasil. De acordo com pesquisas realizadas, por exemplo, na UNIFESP, citadas por Biancarelli (2002), a busca por determinado padrão

corporal interfere no relacionamento consigo e com os outros, assim como no disciplinamento exigido.

O bronzeamento da pele como uma ostentação, na atualidade, para Wüsthof (1998) se contrapõe com a palidez que, em épocas passadas, era caracterizada como *status*, já que somente a nobreza podia se dar o luxo de não ficar ao sol, diferentemente dos trabalhadores que lidavam com o cultivo da terra. Para tanto, o autor expõe que:

[...] a supervalorização do ter e do aparentar, deixando para o segundo plano o ser e a beleza dos atos. Nossos valores não podem continuar sendo adquiridos em *shopping center*. Estamos perdendo oportunidades de refletir nossas tarefas verdadeiras. A vida não perdoa a alienação. E muito menos a aceitação pacífica da realidade. (WÜSTHOF, 1998, p.141).

Os dentes também são citados como fator agregador de uma auto-imagem positiva e aumento da auto-estima, contribuindo para a valorização pessoal e maior aceitação social, sendo mencionado por Elias et al. (2001), por sua relevância atribuída pelos adolescentes à saúde bucal, reforçando a aparência pessoal alocada no rosto.

Levando em consideração as literaturas apresentadas, o excesso de peso relaciona-se diretamente com a insatisfação corporal, assim

[...] fatores sociais, influências socioculturais, pressões da mídia e a busca incessante por um padrão de corpo ideal, associado às realizações e felicidade estão entre as causas das alterações da percepção da imagem corporal, gerando insatisfação em especial para indivíduos do gênero feminino. (CONTI; FRUTUOSO; GAMBARDELLA, 2005, p. 493).

Para esses autores, as meninas que apresentam maior excesso de peso, segundo Índice de Massa Corporal (IMC), estão mais insatisfeitas com as diferentes áreas corporais, expressando de forma mais acentuada, comparando com os meninos, as quais relataram almejar um corpo pequeno, com coxas, nádegas, cintura e estômago delgados. Tais resultados confirmam os dados apresentados em estudos desenvolvidos na Espanha, com adolescentes, freqüentadoras de escolas públicas, indicando maior insatisfação corporal, na metade inferior

do corpo (cintura, quadril, nádegas e coxas), principalmente depois dos 15 anos. As autoras alegam que, nessa faixa etária, já é possível visualizar as mudanças corporais mais significativas, havendo tempo suficiente para se adaptar à imagem corporal (MIÑANO; RODRÍGUEZ; MORENO, 2002; MIÑANO, 2005).

A autodisciplina relacionada à dependência da forma física idealizada, gera policiamento constante, sendo tema de discussão de uma cultura corporal, com normas rígidas, sob forte contribuição dos meios de comunicação, que introduzem e reforçam imagens de rostos e corpos perfeitos. (GOLDENBERG; RAMOS, 2002).

A idéia de transmissão de valores e reforço de conceitos sociais é tema discorrido por Andrade (2005), que explora os discursos midiáticos voltados para a sexualidade contextualizada em um programa de televisão, ‘Malhação’, direcionado para adolescentes. Ela traz o enfoque dado antes, pelo programa, em uma academia de ginástica, onde a beleza física, o corpo malhado, era sinônimo de *status* e reconhecimento social, sendo a atual programação, direcionada a tramas que se passam em um colégio. A autora explica que os papéis desempenhados pelos protagonistas são sempre meninas estudiosas, inteligentes, de boa índole e, principalmente, são virgens, sendo que os meninos são sempre inteligentes, corajosos e bonitos, e nem sempre virgens. Sob essa vertente, ao analisar a atividade sexual dos adolescentes sempre perpassam conceitos de garotas decentes e promíscuas, regida sob a ética da conquista masculina, visto que a perda da virgindade feminina “[...] remete à sua desvalorização no mercado matrimonial e a categorizações morais negativas se não estiver ligada ao verdadeiro amor ou/e ao matrimônio.” (ANDRADE, 2005, p. 10-11).

Andrade ainda explica que a televisão é, para muitos, o principal meio de informação e apreensão de valores. Assim, Fávero e Abraão (2006), ao analisarem as falas de 47 estudantes de 6ª a 8ª séries do Ensino Fundamental, após assistirem uma cena do mesmo programa, verificaram que os estudantes justificavam suas afirmações dentro do texto televisivo, sem

introduzir ou revelar uma nova perspectiva de análise e, sobretudo, reafirmaram o modelo patriarcal conservador na relação de gênero, sendo as meninas agentes de reforço desses papéis.

A literatura mostra a cobrança pessoal e social por determinado padrão de beleza, bem como as linguagens que ele representa. Assim, não estar de acordo com os padrões, ou seja, não ter as medidas e curvas corporais estipuladas, pode desencadear incômodos, tanto para quem se encontra fora desse perfil ideal, como para quem o visualiza. No entanto, uma cultura centrada na supervalorização corporal, muitas vezes, não se preocupa com outros elementos fundamentais para o convívio humano, como o respeito, a amizade, o companheirismo, cuidado com o outro, a afetividade.

Giddens (2002), sob a dialética da cultura, economia e dimensões sociais, reflete sobre a identidade do corpo na modernidade, apontando trajetória que inclui controle do corpo e da mente, como resultado da necessidade de constituir um modelo de aceitação. Nesse cenário, livros de auto-ajuda desempenham papel importante na busca por padrões ideais de corpo, sob o crescente consumo desse tipo de literatura, bem como altos índices de incidência de anorexia em adolescentes, evidenciando essas novas referências normativas. Explica também que a globalização impõe ao indivíduo perturbações e ansiedades generalizadas, que exigem a criação de formas de identidade para lidar com essas novas perspectivas.

Deveras, o cuidado de si, relacionado à imagem corporal, nos remete a novos questionamentos, ou à busca de novos paradigmas, como a compreensão da dinâmica social à qual estamos inseridos, as veiculações de imagens corporais que os meios de comunicação transmitem diariamente, o distanciamento dos atributos físicos atrelados em qualidades morais, bem como à influência da população no envolvimento do processo de contemplação, reforço de modelos corporais e a vivência da sexualidade humana. Embora a literatura nos revele esses referenciais, todavia, faz-se necessário analisar a visão desse quadro de forma a

instigar os jovens a verem diferente esse panorama, transformando a sua própria realidade para lidar melhor com a sua corporeidade. E é pensando assim, que estamos querendo investir estudos com as escolares de, aproximadamente, 14/18 anos, idade propícia para a orientação.

Acreditamos, assim, que uma das formas de atuação pode ser desenvolvida, por meio da reflexão e questionamento do porquê dessa cobrança em torno da imagem corporal. E, por meio de tal inquietação, compreender as diferenças de estrutura corporal, de cada um, os papéis que homens e mulheres desempenham em nossa sociedade, bem como as diferentes cobranças para cada sexo, sendo a linguagem corporal, expressão máxima dessa interface da comunicação, entre educação e saúde, sobretudo da saúde mental.

2.5 Mudança de Hábito: Atividade Física e Linguagem Corporal

Ao fazer um retrocesso histórico, Soares (2001b), ao discorrer sobre o adestramento e disciplinamento do corpo, menciona que as políticas de educação escolar agiam conjuntamente com as políticas de saúde, através do discurso higienista e sanitarista, vinculando a idéia de saúde ao corpo biológico e a-histórico. A autora aponta que tal sistema de intervenção no âmbito escolar difundia determinada mentalidade orgânica “[...] homogeneizando as vontades, os hábitos e criando uma certa coesão social” (SOARES, 2001b, p. 35). Seguindo diretrizes médicas e militares, a Educação Física, no século XIX, constituiu-se a partir de um conceito anatomofisiológico do corpo, cujo conteúdo curricular abordava temáticas vinculadas à regeneração da raça, desenvolvimento da moralidade e defesa da pátria. Tais idéias visavam moldar e controlar os corpos dos trabalhadores, para suportar altas cargas de trabalho diário, bem como inculcar conceitos morais e novos hábitos de vida.

Bueno (1981) realiza vinculação entre recreação e tempo de trabalho, apontando uma dimensão utilitária do tempo livre, como momento de recuperação das forças desprendidas no

trabalho. Portanto, o ócio passou a ser orientado e disciplinado, e só podendo ser desfrutado por aqueles que realmente trabalhassem.

Salles-Costa et al. (2003) recordam que o esporte foi um substituto simbólico da administração de conflitos, decorrente da vida coletiva, assim como a educação física nos colégios, introduzida na metade do século XIX, no intuito de combater a inatividade, entendida como favorecedora de práticas como a masturbação e o homossexualismo, além da preocupação direcionada para o preparo de homens fortes para a guerra. Nesse sentido, os exercícios eram prescritos pelos médicos, segundo gênero e faixa etária dos alunos, pensando no desenvolvimento de indivíduos mais fortes e saudáveis, livres de doenças.

Na década de 70, os vínculos entre esporte e nacionalismo são estreitados, por meio de forte campanha propagandista da seleção brasileira de futebol na Copa do Mundo, no qual o governo brasileiro, através de decreto, introduziu o esporte no âmbito escolar, no intuito de revelar novos talentos e melhorar seus resultados em competições internacionais, para melhor representar e divulgar o sistema vigente (BRASIL, 2000).

Altmann (2001) e Bueno (2001), ao reforçarem o papel do discurso no controle da linguagem corporal na instituição escolar, levantam dados sobre a utilidade da atividade física na escola, operacionalizados desde o início do século XX, como espaço de educação/intervenção preventiva da medicina higiênica, que concentrava seus esforços no combate aos “desvios sexuais”, entendidos como doença. Segundo as autoras, na década de 70, o governo via a família como a principal responsável pela orientação sexual, tirando a responsabilidade da escola. Após 20 anos da descoberta do vírus da AIDS, as preocupações e esforços voltam-se novamente para o âmbito escolar, especialmente para os adolescentes, visto os altos índices de jovens infectados e o considerável aumento da gravidez na adolescência. Tais dados levantam novas concepções acerca das funções atribuídas ao ensino, sendo a escola o local considerado apropriado para tratar de tais temáticas.

Tendo como ponto de discussão os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), Altmann, sob embasamento fuconiano, contextualiza a sexualidade como instrumento de repressão e controle, expresso na linguagem médica e pedagógica que, através da inserção do discurso da sexualidade, no âmbito escolar, promove o controle e a manipulação do micropoder nos corpos, ditando, regendo e disciplinando o comportamento da população. E ressalva que “a reinserção da orientação sexual na escola parece estar associada, por um lado, a uma dimensão epidêmica e, por outro, a uma mudança nos padrões de comportamento sexual”. (ALTMANN, 2001, p. 597).

As aulas de Educação Física são vistas como importante fonte para trabalhar conteúdos afetivos, sociais e éticos, espaço propício para a construção de conceitos referentes a temas transversais como orientação sexual e educação preventiva. Altmann (2001), estudiosa, apóia-se em outros tempos, em que a disciplina foi utilizada como fomentadora de atitudes de higiene e autodisciplina, devido ao seu caráter mais prático, abrangendo e alcançando diferentes âmbitos e vivências.

A autora explica ainda que os PCNs possuem discurso informativo, o qual alega ser material fomentador de reflexão. Entretanto, ao analisá-lo, apresenta alguns conceitos que contrapõe-se a essa idéia. Ela cita o ponto de vista biológico dado à sexualidade, atrelado às funções hormonais, vinculando a sexualidade apenas ao prazer e à vida, não problematizando sua constituição histórica, e a colocação do discurso do sexo no meio escolar, no sentido de instaurar e produzir sujeitos disciplinados no que se refere à maneira de viver sua sexualidade, além da falta de contextualização crítica em relação às questões de gênero, não abordando as diferenças existentes entre meninos e meninas.

A sexualidade tratada nos Parâmetros Curriculares Nacionais também foi tema gerador de reflexão de Nardi, (2007) que reconhece a motivação por parte do governo, atraído por dados estatísticos, que mostram alto percentual de casos notificados de AIDS e aumento

considerável da gravidez na adolescência, no Brasil, bem como a intolerância da população com *gays*, lésbicas e transexuais. O autor ressalta que a formação do professorado não abarca o desenvolvimento de discussões no âmbito da sexualidade e que atividades de formação continuada, visando a busca e a reflexão permanente devem ser priorizadas pelo Estado. Assim, ao contrário de Altmann, que vê o discurso da orientação sexual na escola como forma de domínio e controle, Nardi acredita ser espaço favorável para estimular tais discussões, visto o tempo que os escolares dispõem nesse ambiente, além da viabilidade para estimular diálogos educativos, reflexivos e críticos.

Entendemos não haver discordância entre os estudiosos no estabelecimento de diálogos responsáveis e críticos no âmbito educacional. No entanto, compartilhamos da preocupação exposta por Altmann que alerta para iniciativas de intervenção no meio escolar atreladas a outros interesses, não somente educativos, os quais não estimulam consciência mais crítica, reflexiva e ética, mas condiciona os indivíduos a comportamentos, hábitos e condutas disciplinadoras.

2.6 Busca de Qualidade de Vida ou Preocupação Estética?

A preocupação por uma melhoria na qualidade de vida, todavia, também é um discurso crescente nos dias atuais. E muitas pessoas que se dispõem a fazer atividade física dão início a um processo doentio, em prol da estética. A motivação para isso foi em detrimento da imagem. A intenção não é entrar no mérito de quem dá continuidade ou não à atividade física, ou mesmo o que levou a buscá-la, mas apresentar mudanças nos hábitos, no comportamento, nos valores e nos significados que o corpo adquire.

Sob a vertente da linguagem corporal, as atividades físicas e o esporte, durante o século XIX e XX, desempenharam papel central nessa relação de imagens do corpo e um ideal da aparência corporal, fazendo do corpo um mercado lucrativo. A ideologia puritana e a ascensão do modo de vida capitalista, de acordo com Courtine (1995), foram veículos-chefe na

condução desses valores que induzem muitas pessoas, consumidoras e praticantes, a aturarem a dor em prol de uma estética muscular rígida, dura, exposta e visível. A recompensa está tatuada em seu corpo, com a exposição de seus músculos, verdadeira roupagem passível de admiração.

A imagem de mulher liberal e moderna tem que ser atlética e saudável e, para conquistar isso, deve ser ativa, flexível e forte, despendendo seu tempo e sua energia emocional na busca da saúde e da boa aparência. Paralelamente à tendência de manter a saúde, como parte de nova estética, consolida-se a moda da esbeltez. Tal ideal de beleza feminina faz com que muitas mulheres tenham uma relação de tortura com seus corpos. Pode-se considerar também os altos índices de transtornos alimentares, como anorexia e bulimia, como indicadores dessa incômoda relação estabelecida com seus corpos (VÁZQUEZ, 1994).

Com base nos pressupostos apresentados, Vázquez (2001) fala que, para milhares de mulheres, a relação com seu corpo é uma relação conflitiva, todavia seu corpo segue sendo o objeto de olhares dos outros, em maior proporção que dos homens, a autora descreve ser um corpo menos seu. E afirma que, para as mulheres, interessa sobretudo a aparência corporal, por isso sua prática esportiva se associa mais com as atividades físicas para manter a forma do que com os esportes convencionais.

O conceito de corpo e saúde que mulheres de classe média e média alta possuem é discutido na tese de Novaes (1997) que, ao analisar as respostas sobre o porque as mulheres malham, constatou que as informações dadas estavam sempre associadas a manter o corpo rígido, firme e sem gorduras extras, sendo a beleza o principal motivo apontado por elas e a saúde, caso não atrapalhe, poderia vir em segundo plano.

Como apresentado em estudo sobre as contradições no imaginário feminino, por Knijnik (2002), em análise com atletas da seleção brasileira de handebol, os achados indicam que, ao mesmo tempo em que desejam ser fortes e musculosas para obter melhores condições de

disputa, elas idealizam, fora das competições, um corpo coerente com o almejado pela sociedade a que pertencem, em outras palavras, delineado, delicado e feminino, revelando contradições na imagem corporal, assim como cobranças de inclusão das mulheres no meio esportivo e social.

A atividade física realizada no tempo de lazer é atualmente estudada sob a perspectiva de gênero, por meio da análise de 3 740 respostas de funcionários, de uma universidade do Rio de Janeiro. Os dados apresentam a faixa etária, escolaridade e renda familiar como determinantes da quantidade e tipo de prática. A dupla jornada, no trabalho e em casa, foi citada como fator exclusivamente feminino, determinando menor realização de atividades físicas. Conforme mostram Salles-Costa et al. (2003), os homens realizam atividades de cunho mais coletivo, preferencialmente o futebol, e as mulheres evidenciam maior preocupação com os contornos corporais, desenvolvendo atividades que refletem maior preocupação estética e individual, como a caminhada e a ginástica. Tais achados corroboram o estudo desenvolvido na Espanha, com 690 escolares, que revela predomínio de atividades realizadas pelas meninas voltadas para modelar o corpo, como aeróbica, ginásticas e caminhada, bem como maior insatisfação corporal das meninas de 15 anos, quando comparado aos meninos (MIÑANO; GALIANO; DÍAZ, 2002).

Trabalhos quantitativamente expressivos que trazem à tona questões de gênero e atividade física dentro do âmbito familiar, revelam questões importantes a serem consideradas na análise deste estudo, entendendo a relação existente entre família, entorno social e condições socioeconômicas como importantes modelos para a vida das adolescentes, sendo as vivências estabelecidas no seu cotidiano e os estímulos recebidos fundamentais para compreender os códigos e comportamentos que estabelecem consigo e com os outros.

A relação estabelecida entre tempo livre e corpo vem retratada na tese de Heras (1991), como inversão econômica, realizada com a esperança matemática de alcançar interiormente

um benefício, mediante um consumo importante de produtos e atividades. A aparência ou o aspecto exterior como idéia central de representação do corpo está relacionada ao conceito de corpo como valor intercambiável. Portanto, o interesse pelo aspecto está diretamente associado com as oportunidades de proveito material que possa proporcionar.

Em critérios e bases sociais do bom gosto descrito por Bourdieu (1988), o autor defende a percepção de mundo social segundo suas condições de existência, assim, classe social e escolaridade estariam associadas, condicionando a determinado estilo de vida. Para ele, a idéia de estética para os pobres é voltada para sua funcionalidade, pois consideram adornos e objetos decorativos inúteis. Tal relação estabelecida entre conceitos e símbolos de consumo, considerados como necessidades para a burguesia, não é percebida da mesma forma pela classe popular, devido à sua falta de acesso, de modo a ter que construir outros ideais de vivência e sobrevivência, como uma casa mais fácil de limpar, com menos objetos, ou menos pratos e talheres na mesa para lavar, segundo essa ótica, a utilização do tempo e as preocupações não se equivalem na mesma freqüência. Com a mesma linha de raciocínio, Mauss (1974b) descreve que utilidade e necessidade não funcionam de forma racional. A noção de necessidade é relativa a uma posição ocupada na sociedade. Sob tal perspectiva, Bourdieu aponta que as mulheres de classe popular dão menos valor à beleza, dedicando menos tempo, dinheiro e interesse a todos os cuidados relacionados a ele. O corpo feminino, portanto, é visto e representado de forma diferente, menos comercial, com menos gasto e desperdício de tempo. Supõe-se que, por ocupar menos postos que impliquem relações públicas, mulheres pobres têm menos consciência do valor comercial da beleza e de sua representação, e, por isso, estão menos dispostas a investir seu tempo livre e dinheiro. O autor ainda assinala que as classes altas desprendem maior tempo e dinheiro para estar em forma, tanto no âmbito das dietas, como da estética, já que possuem maior consciência do seu valor simbólico e de intercâmbio.

Contra-pondo-se à idéia defendida por Bourdieu, sobre as diferenças de classes sociais na atribuição de valores voltados à aparência, Heras (1991) apresenta a dificuldade de se falar, nos dias de hoje, na diversidade das práticas culturais, sem levar em consideração a influência dos meios de comunicação na difusão de valores culturais próprios de uma sociedade de consumo. Nesse sentido, afirma que a relevância atribuída ao corpo, de aparência exterior de acordo com os padrões estéticos, de busca de bem-estar corporal e psíquico, não podem ser considerados como privados de um grupo ou classe social. A autora justifica existir diferenças decorrentes de diversos elementos e meios utilizados, como a capacidade econômica ou a concepção do exercício, o tipo de academia freqüentada ou roupas usadas, e reforça que cada grupo adere às práticas de atividades físicas à sua forma.

Entendendo a relação estabelecida entre esforço físico despendido e atividade intelectual, Queiroz e Otta (2000) contextualizam que, em camadas superiores, os indivíduos dedicam cuidados mais atentos e sofisticados no uso de seus corpos, os quais atribuem maior preocupação à forma física. Os autores argumentam sobre a relação entre trabalho manual e intelectual, em que “a relação do indivíduo com o próprio corpo parece ser menos consciente quanto mais intenso o seu uso, ou seja, quanto maior o esforço físico despendido.” (QUEIROZ; OTTA, 2000, p. 37).

Para Giddens (1994), a busca da saúde e bem-estar resulta compatível com a falta de interesse pelo mundo exterior, pela vida coletiva. Os benefícios do exercício físico ou das dietas não são descobrimentos pessoais. Eles chegam por meio do conhecimento científico, o mesmo se pode dizer sobre o recurso da terapia ou da psiquiatria. O autor faz um resumo das implicações que atuam nas transformações da intimidade, o qual descreve a construção do eu como um projeto reflexivo, que deve encontrar sua identidade entre as estratégias e opções que proporcionam os sistemas abstratos; auto-realização fundada na confiança básica; formação dos laços pessoais e eróticos, como relação guiada por um mútuo

autodescobrimento e a preocupação pela plena realização, que não é só uma defesa, mas também apropriação maior das circunstâncias em que as influências globalizadas incidem na vida cotidiana.

2.7 A Sexualidade na Adolescência

A história da sexualidade e as influências culturais, sociais e religiosas são temas contextualizados por Cano, Ferriani e Gomes (2000) através de análise bibliográfica que traz idéias interessantes para o diálogo entre adolescência, gênero e sexualidade. Os autores discorrem sobre mitos e tabus elaborados em torno da masturbação, sexo anal e homossexualismo, os quais surgiram a partir de uma necessidade da época, tanto para perpetuar a espécie, como de mão-de-obra para a guerra e o trabalho no campo. Descrevem a concepção religiosa carregada de vergonha e repressão, sendo a dicotomia corpo e alma entendida como depreciativa, já que coloca o corpo em um segundo plano, além da relação do desejo e prazer, com promiscuidade e pecado.

Logo, apresentam o discurso científico e que, ao promover o controle da prole, une o sexo ao amor, dentro do casamento, possibilitando o surgimento do amor romântico, definido por Giddens (1995) como aquele que possibilitou a escolha do parceiro e explorou o conceito de amor à primeira vista, estabelecendo laços de auto-realização e durabilidade e, segundo o autor, a idéia de amor romântico estava associada à subordinação da mulher ao lar e ao seu relativo isolamento do mundo exterior, sendo a idealização da mãe como figura materna, a grande responsável pelo reforço da imagem de esposa e mãe (GIDDENS, 1995). Inserido no conceito de amor romântico, de acordo com tradições, valores e comportamentos de épocas anteriores, a iniciação sexual feminina deveria acontecer no casamento e o prazer masculino poderia ser buscado fora dos laços matrimoniais.

Após movimentos emergidos na década de 50 e 60, que pregavam nova concepção de sexo, uso de drogas e novos hábitos de vida, tais manifestações estimularam discussões sobre

o direito ao prazer, métodos anticoncepcionais e novas formas de se relacionar. No entanto, os autores alertam que o discurso liberal se depara com a descoberta da AIDS e as novas formas de vivenciar a sexualidade. Aliado a tudo isso, eles destacam as mudanças psicobiológicas decorrentes da adolescência, sentimentos provenientes dessa fase da qual os adolescentes se sentem imunes aos perigos, além da crescente divulgação do corpo e da sexualidade nos meios de comunicação.

Cano, Ferriani e Gomes (2000) defendem a parceria escola-família-saúde como importantes transmissores de valores, afeto e atitudes responsáveis, entendendo a família como fundamental no processo de superação de lutos e perdas, vivenciados na puberdade, os quais acreditam aumentar as possibilidades de construir uma própria identidade de maneira mais tranqüila, ordenada e consciente.

Sob o viés da informação sobre sexualidade, Gomes et al. (2002) estudaram amostra de 400 estudantes, entre 10 e 14 anos de idade, de Feira de Santana, Bahia, avaliando o nível de informação sobre puberdade e sexualidade entre eles. Os resultados reafirmam outros estudos (ANDI, 2005; DÍAZ-GOMEZ et al., 2001), visto as altas taxas de nível insatisfatório sobre as temáticas em voga, com destaque para os adolescentes de 10 e 11 anos e o sexo feminino, em questões referentes às transformações corporais, sociais e psicológicas. As informações relatadas pelos alunos concentram-se no uso do preservativo e em doenças sexualmente transmissíveis. Os dados também revelam baixa escolaridade por parte dos responsáveis, defasagem da idade em relação à série cursada e maior porcentagem de meninas estudando.

A sexualidade caminha para não ser interpretada como temática proibida, que não se pode falar abertamente entre as pessoas. Atualmente, o assunto ganhou espaço, principalmente, nos meios de comunicação, no entanto, sem uma contrapartida educacional, de modo a ser pensada, articulada e representada no sentido oposto a uma doutrina educacional. Com isso, do mesmo modo que a sexualidade conquista um espaço para ser

desvelada, na maior parte das vezes, ela é trabalhada como um reforço do preconceito social, bem como relacionada a tabus e repressões (BUENO, 2001).

Bueno menciona que ainda há dificuldades de informação, despreparo de alguns educadores, pais e meios de comunicação para lidar com a temática sexualidade, bem como a existência constante de barreiras culturais e sociais que englobam essa problemática. Reforça a importância da linguagem, tanto na fala, nas atitudes, nos questionamentos, quanto nas intervenções e reflexões exercidas no processo ensino-aprendizagem, para não continuar a reprodução de modelo de exclusão e submissão que se encontra submerso ao tratar desse assunto. Uma forma citada pela autora é o modo como alguns educadores visualizam seus alunos, entendendo como assexuados, desprovidos de emoção, sentimento, de dúvidas, problemas e, mais que isso, a questão pode ser interpretada como forma de se distanciar do problema, omitir qualquer responsabilidade que possam ter.

Sob esse prisma, Bueno (2001, p. 12) ressalta que

[...] muitas dificuldades associadas à desinformação e o ocultamento de questionamentos relativos à sexualidade, submersos na repressão, no medo, no constrangimento, na vergonha e na cultura da violência, têm representado verdadeiras barreiras para a educação e a orientação sexual, refletindo em graves dificuldades, impedindo a otimização da vida.

A autora ainda adverte que a desinformação e o ocultamento de questionamentos relativos à sexualidade se encontram submersos na cultura da violência, repressão e medo. Alerta, também, para a relevância de ações educativas conjuntas na escola, incluindo direção, professores, alunos, família e comunidade, de forma que todas as partes se articulem com a mesma linguagem, ao serem desprovidos de preconceitos e crenças populares. Destaca ainda, que nesse processo, há que se considerar a comunicação educativa não moralista, mas conscientizadora, problematizadora, dialógica, aberta e democrática, deixando ao escolar a possibilidade de questionamento aberto e franco, de forma a permitir crescimento do(a) adolescente nesse intento.

Wüsthof (1998) estabelece diálogo sobre a sexualidade e a descoberta do sexo, em seu estudo, mencionando a responsabilidade que cada um tem sobre a propagação de valores e estereótipos, que atuam na forma de agir, pensar e vivenciar o corpo e a própria sexualidade. Diante disso, ressalva determinado padrão de beleza que não é possível para todos, mas, mesmo assim, quem não se enquadra nos “modelitos”, inicia conflitos internos em sua própria aceitação e no seu relacionamento com os outros. Esse autor ainda traz algumas reflexões a respeito da nossa responsabilidade sobre a forma de lidar não só com a nossa sexualidade, mas também com a maneira como lidamos com os padrões ideais de beleza. Assim, o primeiro contato com o outro, a forma como o visualizamos e o que podemos extrair dele tem que ser mais que um visual moldado em músculos, pele bronzeada e um rosto harmonioso. A beleza é somente um atrativo para um contato inicial, não podendo ser o meio e o fim determinante das relações humanas, referindo-se à amizade e aos relacionamentos entre as pessoas.

Mediante o exposto, o estudo apresenta, por meio da literatura, a importância e a força da imagem corporal, bem como seu reconhecimento social. Diante disso, a auto-estima se mostra extremamente relevante nesse processo, já que a articulação desse elemento, na medida em que engloba condicionantes marcados nas dinâmicas sociais, ajudará no processo de ensino-aprendizagem e na introdução de conceitos sobre sexualidade, prevenção das DST/AIDS, educação sexual, por meio da consciência corporal individual e coletiva, além de instigar a percepção do seu corpo, da auto-estima e da valorização de si mesmo, com repercussão positiva para o desenvolvimento da saúde sexual e reprodutiva.

Em pesquisas sobre a evolução da AIDS no Brasil e no mundo, Bueno (2001) e Paiva, Peres e Blessa (2002) descrevem a importância da realização de projetos que lidam com a desinformação, emoções, a violência estrutural e os caminhos para atingir a cidadania plena, compartilhados com escola, comunidade, família, professores e alunos. Tais autores mostram

dados importantes como a maior probabilidade de a mulher se contaminar durante o ato sexual, dez vezes mais *chances* que o homem; em cidades brasileiras, com menos de 50 mil habitantes, o aumento é mais acelerado quando comparado a grandes centros urbanos; o crescimento no país está mais acentuado entre mulheres e grupos de baixa escolaridade e, no Brasil, 70% dos casos de AIDS se concentram na faixa etária de 20 a 39 anos. Afirmam que, com informação não moralista, criando espaços para desenvolver comunicação aberta, conscientizadora e mobilizadora como, por exemplo, o acesso ao preservativo, aumenta a adoção de práticas mais seguras, tendo melhores resultados entre jovens que entre adultos.

O estudo de Paiva, Peres e Blessa (2002) também traz informações no que diz respeito ao uso de preservativos, baseando-se em pesquisas realizadas pelo Ministério da Saúde¹, onde os adolescentes apresentam maior preocupação em usar preservativo nas primeiras relações e com pessoas desconhecidas, assim, vizinhos, parentes, amigos são entendidos como pessoas conhecidas e, portanto, pessoas que não oferecem riscos. Ainda nesse estudo, alguns paradigmas são confirmados como pertencentes ao ideário dos adolescentes como a camisinha ser usada apenas no início da relação; ela ser cara no mercado, de difícil acesso, ou inibir um pouco a sensação de prazer; os aconselhamentos e atendimentos carregados de moralismo; a conciliação da AIDS como sendo apenas mais um risco, dentre tantos, assim se pegar não adianta fazer nada; o medo de falhar na hora de colocar o preservativo, dentre outras dificuldades e maneiras diferentes de pensar e interagir com o seu corpo e com o do outro, bem como os papéis exercidos por homens e mulheres em cada sociedade.

Com relação ao gênero, ainda sob a perspectiva da sexualidade exercida em tempos de AIDS, Paiva, Peres e Blessa (2002) definem que a maior parte das adolescentes acreditam que ser mulher é ser meiga, sensível e delicada, não saber muito sobre sexo, sendo os homens os incumbidos dessa função. Segundo esse modelo, a mulher que detiver informações sobre sua

¹ Os dados citados têm como fonte o Centro Brasileiro de Análise e Planejamento/Ministério da Saúde. (1999, julho). Comportamento sexual da população brasileira e percepções sobre HIV e AIDS: versão preliminar do relatório de Pesquisa.

sexualidade, formas de prevenção e posições mais prazerosas é entendida como mulher fácil e descolada, ou seja, aquela disponível para o sexo. Com isso, muitas garotas que iniciam sua vida sexual, geralmente próximo dos 15 anos de idade, não sabem nada sobre orgasmos, seu corpo, masturbação, tendo como principal preocupação a virgindade e como fazer para evitar uma gravidez. Elas também são mais tolerantes à infidelidade que os meninos e têm menos certeza que os garotos sobre a decisão de ter filhos.

Em relação à sexualidade, tais implicações, permeiam em torno dos papéis sociais que homem e mulher exercem em nossa sociedade, principalmente no reforço de preconceitos sobre a mulher. Nesse sentido, a falta de conhecimento e consciência corporal, culpa de se tocar, se olhar, se sentir aliado a um padrão ideal de beleza que, muitas vezes, não condiz com sua estrutura física, podem levar à diminuição da auto-estima, negação de si, de se gostar, bem como distanciamento de se conhecer melhor. E, conseqüentemente, maior despreparo ao lidar com sua corporeidade, além da falta de informação, prevenção e proteção de si.

2.8 Novas Configurações da Sexualidade Reprodutiva no Cenário Brasileiro

Villela (2005), ao estudar a relação gênero e saúde reprodutiva, aborda a complexa correlação existente entre feminilidade e práticas sexuais, apresentando a idéia de feminilidade vinculada à maternidade. A autora explica que, até metade do século XX, tal associação operou como freio para o exercício da sexualidade, de modo a vivenciar o sexo apenas como procriação e, portanto, ter que controlar e disciplinar seus desejos. Em contrapartida, para o sexo masculino, o número de penetração é o fator motivante para sentir-se mais homem, sendo a sua identidade de gênero calcada na não contenção de seus desejos, “[...] seja na alimentação, no uso de substâncias, na exposição a riscos, nas expressões de agressividade ou mesmo nas ações que visam ganhar/acumular dinheiro ou poder, atributo de masculinidade[...].” (VILLELA, 2005, p. 30).

Ao discutir a construção da gravidez na adolescência como um problema social, Heilborn et al. (2002) alertam a indissociabilidade da articulação classe social e gênero, visto as disparidades econômicas e culturais, bem como a segregação entre os papéis femininos e masculinos em vigor na nossa sociedade. Os autores levantam a questão do declínio da fecundidade no período entre 1965 e 1995, de quase seis crianças por mulher para um pouco mais de dois, entretanto, ressaltam que a fecundidade na adolescência aumentou de 7,1 para 14,1%, no período de 1970 a 1991 e, por isso, tal visibilidade. Além disso, eles falam das novas expectativas depositadas na atualidade nos jovens, no que diz respeito “[...] à escolarização, à inserção profissional, ao exercício da sexualidade desvinculado da reprodução, que fundamentam uma nova sensibilidade quanto à idade ideal para se ter filhos” (HEILBORN et al., 2002, p.18), sendo a maternidade vista como um desperdício de oportunidades, uma subordinação.

A saúde reprodutiva na adolescência também é tema de análise feita por Taquette (1997) que, através de vasta análise bibliográfica, nacional e internacional, apresenta os fatores biológicos como impulsionadores do início das práticas sexuais genitais, bem como a influência dos grupos de iguais como atores diretos do comportamento sexual juvenil. A estudiosa levanta um olhar diferente para a maternidade precoce de meninas de baixo estrato social, as quais acreditam ser o casamento o sonho de toda mulher, já que não imaginam ter um desenvolvimento profissional independente, e complementa que a gravidez desejada vem “[...] como resposta à carência no nível afetivo, social e econômico. Engravidar para ter uma nova família quando não se é feliz na própria, busca precoce de um parceiro, quando a figura masculina paterna está ausente” (TAQUETTE, 1997, p. 34). Nesse cenário, os laços afetivos familiares desempenham papel importante, por meio de carinho, diálogo e apoio recebido, no sentido de as adolescentes sentirem-se mais seguras sobre padrões de certo e errado, e

postergarem a atividade sexual influenciada por questões de amizade, desejo e estímulos midiáticos.

Heilborn et al. (2002) desenvolveram estudo de campo em três cidades brasileiras, Rio de Janeiro, Salvador e Porto Alegre, sendo aplicados 4 500 questionários e realizadas 127 entrevistas semi-estruturadas. Os resultados mostram que o investimento na carreira escolar, ainda é visto como pré-requisito para melhores oportunidades no mercado de trabalho. Os jovens para vivenciar sua sexualidade conjugal estabelecem critérios e organizações dentro da perspectiva de gênero, que são importantes para entender e firmar seus relacionamentos e decisões, estabelecidos dentro da lógica da contracepção e reprodução. A negociação do uso de preservativo e de práticas preventivas esbarra na lógica assimétrica entre os gêneros, sendo a pouca intimidade e a postura submissa da mulher, assim como encarar o problema da contracepção como de cunho feminino, entendidos como agravantes dessas representações e valores transmitidos, fundamentalmente, ao largo da socialização familiar e de seus círculos de amizade. Segundo relatos dos adolescentes entrevistados, as precárias condições de existência se agravam nas contratações instáveis e mal remuneradas, retendo os jovens de classe popular no seio das famílias de origem, sendo seus percursos escolares marcados por repetências e interrupções, os quais apontam mudanças de domicílio, precariedade das redes de ensino público e, ainda, a violência. A internalidade em relação à casa é referenciada pela maior parte das adolescentes pobres, tendo a responsabilidade de efetuar trabalhos domésticos e cuidar de irmãos menores, relatam que são vigiadas e controladas por seus responsáveis. Assim, elas ingressam mais tarde no mercado de trabalho que eles, apresentam trajetórias menos diversificadas que a masculina, motivo pelo qual muitas buscam trabalho como doméstica em outras residências. Os autores indicam que as adolescentes populares “[...] têm mais estímulos para querer deixar a casa paterna e/ou para assumir mais plenamente o *status* de adultas”. (HEILBORN, et al., 2002, p.32). Os resultados mostram que a maternidade para

meninas de classe popular afeta as carreiras escolar e profissional, tornando-as mais dependentes de outros, retirando-as do espaço público e colocando-as no espaço familiar, sendo queixas freqüentes no que diz respeito à solidão e ao isolamento. Tais estudiosos argumentam que a marginalidade econômica e social apenas é agravada, em uma situação já existente, no caso de abandono escolar e precárias condições de trabalho.

Há vários estudos, atualmente, que exploram as temáticas sexualidade, adolescência e reprodução. Entre eles recordamos os trabalhos de Souza (2002) e Villela e Doreto (2006), que contribuem para a reflexão sobre gravidez precoce e vulnerabilidade dos jovens ao HIV. Tais autoras abordam a questão sob a ótica da ideologia cristã, que referenciava o sexo como receio e o vinculava somente à reprodução, e a falta de perspectiva social para a classe popular, onde encontramos adolescentes com menos de 15 anos no mercado de trabalho, assumindo responsabilidades e tarefas de adulto, tendo como conseqüência a evasão e o abandono escolar. Sobre a evasão escolar citamos também o estudo de Cano, Ferriani e Mendonça (1994) que apontam como maiores causas o trabalho juvenil para auxiliar no orçamento familiar e a desmotivação pelo ensino. Villela e Doreto explicam que “[...]jovens fora da escola têm menos chances de reinterpretar as mensagens pejorativas relacionadas às idéias de pobreza, negritude e feminilidade, o que interfere no modo como será exercida a sua sexualidade”. (VILLELA; DORETO, 2006, p. 2 469).

Em pesquisa realizada em zona carente de Buenos Aires, por Fortuna (2004), os dados corroboram às informações que relacionam reinterpretações das mensagens recebidas com escolaridade e perspectiva social, já que os resultados evidenciam o início precoce nas relações conjugais, baixa prevalência do uso de métodos preventivos e grande incidência de filhos.

As múltiplas facetas e nuances do início da vida sexual na adolescência também é discorrido por Borges e Schor (2005), que mostram a vida sexual feminina com

relacionamentos mais estáveis, envolvendo o âmbito afetivo e amoroso. As autoras problematizam que a idéia feminina romântica atrelada ao sexo faz com que as meninas substituam o preservativo por pílulas, ou outros métodos hormonais, decorrente da entrega sem proteção. Tais informações também estão apresentadas nos trabalhos de Navarro-Pertusa et al. (2006) e Oliva, Serra e Vallejo (1997), que alertam para a maior exposição, conseqüentemente, maior propensão de contaminação de DST/AIDS, visto a simbologia atribuída ao relacionamento estável, entendido por elas como seguro. Um outro fator de análise é a preferência das adolescentes por meninos mais velhos, o que pode acarretar “[...] perdas no poder de negociação e autonomia de decisão tanto em relação ao momento de iniciar a vida sexual quanto na escolha do uso e tipo de métodos anticonceptivos pelas adolescentes [...]”. (BORGES; SCHOR, 2005, p. 504).

A grande influência dos amigos e dos meios de comunicação no início da vida sexual, bem como as informações recebidas sobre sexualidade e métodos preventivos são referenciadas em vários estudos (BORGES; NICHATA; SCHOR, 2006; FERNÁNDEZ et al., 2006; GUIMARÃES; VIEIRA; PALMEIRA, 2003; NAVARRO-PERTUSA et al., 2006; SIQUEIRA; SHITARA; SALLES, 2005), os quais indicam que os amigos e a mídia são os principais locutores no diálogo e esclarecimento de dúvidas no que tange às vivências sexuais dos adolescentes. Tais estudos também revelam a importância da educação sexual transmitida pelos pais ou responsáveis como significante para o comportamento sexual do adolescente que, por meio do diálogo, afeto e respaldo recebido, pode postergar a relação sexual imatura, exercida de forma mais reflexiva e responsável, além do papel fundamental da escola, no sentido de cumprir sua função social na formação cidadã do indivíduo.

A autonomização do prazer sexual, descrita por Loyola (2003), teve sua difusão e pulverização a partir dos movimentos contraculturais dos anos 60, sendo esses valorizados como parte de um estilo de vida hedonista e de um ideário libertário. Sob esse viés, a

sexualidade no século XX, é marcada pela interferência da medicina, que traz contribuições empíricas sobre a busca de prazer por intermédio do ato sexual, desvinculada da reprodução, conquista atribuída ao uso de métodos anticoncepcionais, ou melhor, a medicalização do prazer. Tal processo tem conexão simbólica com a valorização da juventude e com as promessas de superação dos limites do corpo atlético, forte e saudável. A autora contextualiza que somente a medicina, até o momento, oferece tratamentos para modelar e combater o envelhecimento, capaz de superar os limites biológicos, como as cirurgias plásticas e reparadoras, medicamentos, cosméticos e dietas, apresentando o discurso mais eficaz e dominante para o controle e manutenção de um corpo sempre jovem.

Os diversos estudos, aqui planteados e discutidos, tentam explorar e analisar os fortes estímulos e pressões propagadas socialmente, determinando um padrão de beleza corporal e o supervalorizando dentro da dinâmica social. As interferências multifatoriais, vivenciadas diariamente pelas adolescentes, e interiorizadas na imagem que cada uma tem de si e de um ideal almejado, agem de forma peculiar e personalizada. Isso poderá desencadear a auto-identidade moldada em aparência, distante de valores e atributos pessoais, voltadas para o coletivo, até mesmo em uma relação abalada com sua sexualidade, interferindo no seu relacionamento interno e externo.

Isso, nos leva a evidenciar que a excessiva preocupação, sobretudo da mulher, com a aparência física e seus crescentes bens de serviço, destinados à manutenção do corpo, tem ainda despendido poucas discussões no âmbito científico e social (ALBUQUERQUE, 2001), tendo em vista a severidade dessas questões na manutenção da vida humana. Pois, de acordo com a literatura apresentada, as mulheres são as maiores vítimas dessa violência simbólica, merecendo, portanto, atenção especial.

Para tanto, escolhemos trabalhar tais temáticas, sob o enfoque humanista, valendo-nos da pesquisa-ação, como metodologia norteadora de nossas intervenções, de forma a

identificar as necessidades e os interesses das adolescentes em foco, promovendo momentos de reflexão e discussão, valendo-nos das interpretações bibliográficas como respaldo para nossas intervenções pedagógicas.

3 METODOLOGIA

3.1 Referencial Teórico Metodológico

Os procedimentos metodológicos se valem de estudos clássicos das Ciências Sociais que se dão por “[...] investigações e análises cuidadosas dos acontecimentos históricos, das sociedades humanas ou dos fatos sociais respectivos.” (ABRAMO, 1979, p. 24). Isso posto, a presente pesquisa é de cunho socioeducacional.

A escolha pela metodologia da pesquisa-ação baseou-se em Thiollent (2004) e Freire (1980), por ser entendida como pesquisa de campo, que tem como objetivo promover mudanças de ordem psicossocial, além de proporcionar ampla e explícita interação entre pesquisador e participantes.

Thiollent refere que a pesquisa-ação trata-se de método que consegue agregar várias técnicas para lidar com o problema levantado, sendo o meio, entre outros tipos de investigação nas ciências sociais e educacionais, que oferece melhor sustentação e que mais se aproxima das necessidades emergenciais da comunidade em estudo. Segundo o autor, toda pesquisa-ação tem que partir de uma necessidade de resolução de problemas, advinda de um determinado contexto social e que isso se dá através de ação coletiva, sendo os agentes os elementos mobilizadores dessa intervenção, ou seja, pesquisador e participantes envolvidos, em uma ação coletiva, participativa, construtiva, dialógica e interventora, utilizando referenciais de Paulo Freire, citadas por Thiollent (2004), com fins de conscientização e transformação da realidade investigada, de forma a vivenciar o contexto a que pertence de maneira crítica, reflexiva e atuante (BUENO, 2001).

As primeiras atividades a serem desenvolvidas junto com a comunidade a ser pesquisada é de natureza exploratória, como menciona Triviños (1987), a respeito da conscientização, tanto dos participantes, quanto do pesquisador, em relação aos problemas vigentes, às limitações e às dificuldades, bem como a relevância do interesse e participação do

grupo. Logo após essa fase, pressupõe efetuar os primeiros contatos com as pessoas interessadas de modo a “[...] identificar as expectativas, os problemas da situação, as características da população e outros aspectos que fazem parte do diagnóstico.” (THIOLLENT, 2004, p. 48). Esse é entendido como processo de identificação dos problemas, buscando meios adequados para encontrar soluções. Com os dados em mãos, o pesquisador junto com a equipe puderam definir a melhor estratégia metodológica a ser aplicada *in loco*.

Segundo Thiollent (2004), a escolha da amostra investigada parte do princípio da representatividade social, inserida no universo estudado. Portanto, utilizamos como critério de análise os dados das adolescentes, população que constitui o foco do presente estudo e do marco teórico.

O método Paulo Freire é método ativo, dialogal e crítico, que possibilita buscar conhecimentos de como os pesquisados pensam na realidade, o que pensam sobre ela, de modo que, ao tomarem consciência, sejam criadores de cultura. Portanto, trata-se de construir uma educação transformadora, em que o elemento norteador é o diálogo do educador/pesquisador com os educandos/pesquisados, numa relação horizontal (BUENO, 2001).

Para a apreciação, é possível utilizar a análise temática idealizada por Freire (1992), adaptada por Bueno (2001), que se fundamenta na pedagogia da conscientização que, segundo o autor, é, antes de tudo, aprender a ler o mundo e compreender o seu contexto. Com isso, a partir dos educandos/pesquisandos é possível criar oportunidades para que os mesmos possam desenvolver e aperfeiçoar suas capacidades de compreender o mundo em que vivem (FREIRE, 1993).

3.2 Tipo de Pesquisa e Técnicas

Este estudo se trata de pesquisa qualitativa, de cunho humanista, mediatizado pela pesquisa-ação, utilizando-se de técnicas como a **observação participante** e o **questionário**, com questões norteadoras. A observação participante para melhor conhecer a realidade e o questionário para coletar os dados propriamente ditos da própria pesquisa em foco. Para o desenvolvimento das ações educativas, trabalhamos o Referencial Teórico Metodológico, preconizado por Freire (1980), adaptado por Bueno (2001). O método possibilita realizar o **levantamento do universo temático**, descrevendo e interpretando a situação dos participantes em questão. Para tanto, identificamos suas necessidades, bem como os conhecimentos prévios por eles demonstrados. O universo temático é o conjunto de temas geradores, onde a investigação desse universo implica em metodologia dialogada e conscientizadora (FREIRE, 1993). Portanto, análise dos dados, utilizamos a análise temática freireana, fundamentada na pedagogia conscientizadora. Para isso, usamos o **levantamento do universo temático** (temas geradores)/organização do material da coleta de dados/seleção e codificação de palavras e frases registradas e emitidas/síntese das palavras e frases selecionadas/ordem dos temas geradores/**desenvolvimento da ação educativa e avaliação do processo**.

3.3 Levantamento dos Temas Geradores

Para Freire (1992), esta fase culmina com a busca de resultados muito ricos para os pesquisadores, não só pelas relações que travam, mas pela busca da temática do pensamento dos homens, pensamento esse que se encontra somente no meio deles, no seio de sua cultura. Busca-se, portanto, trabalhar temas significativos com os participantes em questão, entendendo como ponto de partida do processo de Educação, que os situará no mundo onde vivem, fazendo com que os mesmos compreendam o sentido de suas atividades, instigando à tomada de posturas positivas em suas atitudes, medida educativa do tipo libertadora. Como

menciona Freire (1993), o tema gerador é o pensamento do HOMEM sobre a realidade e sua ação sobre a ação para essa realidade que está em sua práxis. Essas observações e a emissão dos significados do pensamento acontecem no ambiente trabalhado (BUENO, 2001).

3.3.1 Organização do Material da Coleta de Dados

Registra-se o resultado da emissão dos significados e do pensamento dos participantes pesquisadas, captados através da observação participante e aplicação de questionário, possibilitando interpretação e seleção dos assuntos centrais, como sugere Freire (1992). Processa-se a leitura detalhada das observações participantes e das respostas emitidas pelos participantes. Elabora-se os recortes do texto, cria-se as categorias, seleciona-se as frases e/ou as palavras repetidas com mais frequência, ou colocadas com mais ênfase, pelos participantes do estudo e que forem passíveis de serem trabalhados na atividade educativa.

3.3.2 Seleção e Codificação de Palavras e Frases Registradas/Emitidas

Seleciona-se em ordem definida, algumas palavras e/ou frase que possam ser agrupadas pela riqueza temática, surgindo então os temas geradores.

3.3.3 Síntese de Palavras e Frases Selecionadas

Seleciona-se e codifica-se os temas geradores, agrupando todas as palavras e frases relacionadas ao tema gerador, reunindo-se em grandes temas.

3.3.4 Ordem dos Temas Geradores

Ordena-se os temas geradores pedagogicamente, numa seqüência lógica no planejamento e execução das atividades educativas estabelecidas.

3.4 Desenvolvimento da Ação Educativa

O projeto de investigação, a pesquisa-ação, pressupõe relação de participação entre pesquisando e pesquisador. A ação conjunta permite refletir e elucidar dúvidas e problemas. Manifestações verbais e participação ativa das escolares refletem a eficácia da ação/intervenção educativa implementada. Inicia-se com as situações e problemas

encontrados, ligados às questões do corpo e da sexualidade. Em seqüência, analisa-se criticamente as situações encontradas, seus medos, aspirações e dúvidas. O debate em torno disso tudo proporciona ao grupo a conscientização.

As respostas dos participantes são submetidas à análise, agrupando-os de acordo com o consenso de idéias em convergência ou divergência, resultando em categorização, após várias leituras, seguindo critério de sintetizar e desvendar informações relativas à sexualidade, corpo e auto-imagem, de modo a estabelecermos alguns parâmetros e visão panorâmica, na construção das oficinas.

3.5 Avaliação do Processo

Foi realizada de forma dialógica e interativa, acontecendo de maneira positiva.

3.6 Procedimentos (Passos)

Visando manter os preceitos éticos e o rigor científico, o presente estudo foi avaliado pelo Comitê de Ética e Pesquisa com Seres Humanos da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto - EERP/USP - para apreciação do projeto, bem como do termo de consentimento livre e esclarecido, entregue aos participantes, professores e direção, com a intenção de garantia do sigilo, respeito e esclarecimento sobre os meios utilizados nesta investigação. Após a aprovação no Comitê de Ética, entregamos aos professores e alunos o termo de consentimento livre e esclarecido, com as seguintes informações: explicação sobre do que se trata a pesquisa, objetivos, resultados, métodos, horários, local e duração, além de se mencionar a importância de se manter respeito ao desejo dos mesmos em continuarem na pesquisa ou interrompê-la, caso sentissem necessidade de assim fazê-lo, podendo desistir a qualquer momento. E, por fim, informamos o anonimato da participante, esclarecendo ainda não existir custos e nenhum dano para a mesma.

Em um primeiro momento, a coleta de dados foi realizada através da técnica da observação participante, utilizando-se de levantamento, visando à melhor compreensão da

realidade em questão (MINAYO, 2004; RUDIO, 1979). Como forma de registro dessas observações, foi utilizado um diário de campo, para anotação das informações pertinentes ao contexto pesquisado, de modo a conciliar o rigor científico com as peculiaridades e nuances que o ambiente pode proporcionar. Para tanto, a formulação prévia do que se buscava conhecer se fez necessária na primeira fase, assim como o embasamento do corpo teórico em questão, como um meio de aproximação da imparcialidade dos dados (MINAYO, 2004).

Em um segundo momento, foi aplicado um questionário com as alunas, de forma a levantar informações para elaboração das oficinas pedagógicas. Tal processo culminou, em um terceiro momento, fase que possibilitou e permitiu maior contato e aproximação com o universo e com as adolescentes em foco.

Essa cumplicidade nos permitiu abertura e interação saudável para elaborarmos este estudo conjunto em 2005/2006, o que certamente contribuiu para a promoção da saúde física e mental da escolar. Para tanto, descrevemos de forma resumida tais etapas vivenciadas

- **Primeira**, observação participante para melhor conhecimento do universo em foco.
- **Segunda**, levantamento dos dados com as alunas, por meio de questionário (APÊNDICE A).
- **Terceira**, ação/intervenção, com a realização de oficinas pedagógicas semanais, atendendo às necessidades levantadas e a avaliação do processo.

3.7 Características do Local e da População em Estudo

A escola em foco reporta uma clientela de alunos, com nível socioeconômico baixo, trazendo assim um perfil carente, constituído de vários problemas, de várias ordens, com necessidade principal de orientação adequada sobre corporeidade, sexualidade, auto-estima, auto-imagem, violência, entre outros aspectos. Isso por si só justificou o desenvolvimento desta pesquisa, no resgate de dificuldades, demandando, assim, atenção especial à educação preventiva para a saúde da escolar. A instituição Estadual está situada na cidade de Ribeirão

Preto, SP, interior do Estado de São Paulo, localizada em um bairro de classe média-baixa, na zona norte, onde atende adolescentes residentes da periferia e favelas das cercanias, sendo que, alguns deles, apresentam antecedentes criminais e passagem pela polícia.

Participaram da amostra do estudo 80 alunos, das duas 8^oséries (A e B), onde aplicamos os instrumentos com todos os escolares (conforme pedido deles), respeitando aqueles que não quiseram participar da pesquisa. Posteriormente, selecionamos as respostas e informações somente das meninas que retornaram com o termo de consentimento livre e esclarecido (critério de inclusão), assinado pelos pais ou responsáveis. Diante de tais critérios, trabalhamos com uma população de análise composta por 26 adolescentes, do sexo feminino, entre 14 e 17 anos de idade, cursando a 8^a série do Ensino Fundamental, da escola pesquisada. As oficinas pedagógicas aconteceram na escola, em conjunto, com a pesquisadora e as alunas em questão.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

4.1 Primeira Fase – Plano Piloto do Estudo em Questão

Elaboramos inicialmente um plano piloto para dar sustentação à continuidade do projeto em foco. Neste estudo, trabalhamos a observação participante e os dados registrados no diário de campo, para testar e validar os instrumentos, assim como aplicamos os questionários e as oficinas, após a identificação dos temas geradores, caracterizando esse momento como primeira fase deste estudo.

Consideramos relevante dedicar um espaço para descrever essa primeira fase sobre as situações, as nuances e as formas de interação que ocorreram no ambiente escolar e que se estabeleceram no convívio com a direção, professores, funcionários e alunos, ressaltando que tais formas de interação foram consideradas fundamentais na parceria e imparcialidade das informações coletadas, a partir do universo investigado.

As informações coletadas daquele instrumento e as categorizações apresentaram dados relevantes em relação à questão de gênero, revelando considerável desinformação sobre sexualidade e meios de prevenção. Descrevemos os achados mais expressivos de forma sucinta, já que maiores detalhes podem ser consultados no APÊNCICE D. Na parte inicial, apresentamos questões sobre o tema central. A maioria das participantes destacou a mãe como a pessoa que mais admirava, bem como a família, **entre as melhores coisas da vida**. Entre **as piores coisas**, a maioria descreveu limpar a casa e brigas. **Sobre a escola**, a maior parte a considera boa. Quanto **à família** mostraram ser ela representativa, que exerce papel importante. Ao serem indagadas sobre **o significado de ser mulher**, referiram as vantagens de sê-lo quando atribuíram a ela serviços mais leves que os homens, não tendo obrigação de ajudar financeiramente em casa, ter sentimentos, podendo usar roupas bonitas e se maquiar. A respeito das **desvantagens**, alegaram sofrer mais que os meninos, ficar menstruada e ter cólicas, não ter privacidade e ter preocupação com gravidez. Esses resultados corroboram

com aqueles da literatura, pois essa aponta que meninas de classe popular são mais internalizadas no lar, a desenvolver atividades domésticas; são mais vigiadas e controladas (RIBEIRO, 2006), além de tardarem para entrar no mercado de trabalho, devido a tais responsabilidades (HEILBORN et al., 2002). Com relação à **auto-imagem**, olhos e boca são **partes do corpo que mais gostam**. Já quanto às **partes do corpo que menos gostam** mencionaram a barriga, as estrias, as mãos e os cabelos. Mas, em geral, as meninas não se mostraram muito satisfeitas ou descontentes a respeito de sua própria aparência física. Todavia, algumas referiram já usar cremes, estarem atentas para comer o que não engorda e praticar atividades físicas. Referente às **questões da sexualidade**, algumas a relacionaram com sexo, enquanto outras não tinham idéia sobre essa questão. Sobre **o que é sexo**, a maioria o relacionou a amor e prazer; sobre **as doenças sexualmente transmissíveis e AIDS**, todas declararam já ter ouvido falar. Nas sugestões deixadas para serem trabalhadas em oficinas com elas, ressaltaram os temas: sexualidade e sexo, gravidez e anticoncepcional, virgindade etc.

Na observação participante, identificamos problemas e dificuldades apontados pelos professores e funcionários, registrados em diário de campo e observados de forma sistemática durante o plano piloto, descritos e discutidos nos encontros e oficinas, na primeira fase, conforme apresentado no APÊNDICE D. Tais dados revelam um perfil de alunos agitados e desinteressados dentro de sala, com dificuldades na escrita, vocabulário reduzido, falta de limites e atitudes agressivas, alguns já com ocorrências na polícia, por causa de roubo e furto.

Isso nos levou à iminente necessidade da continuidade desta pesquisa. Esses indicadores favoreceram o desenvolvimento efetivo do presente estudo, propondo o trabalho, já naquele momento, de imediato, algumas dificuldades emergenciais com as alunas das oitavas séries, ou seja, levantando problemas e desenvolvendo ações educativas, por meio de oficinas pedagógicas.

A partir daí, procedemos da forma exposta a seguir: trabalhamos a observação participante com diário de campo; efetivamos a descrição dos encontros com direção, professores e com as alunas; finalmente, traçamos os temas geradores prévios nesta fase, para a realização das oficinas emergenciais.

Ao concluirmos essa primeira fase, ressaltamos a importância de desenvolvermos a pesquisa naquele momento, ainda que de forma preliminar, pois que isso nos possibilitou subsídios para elaborarmos a fase definitiva deste estudo. Esse plano piloto (primeira fase) nos permitiu o pré-levantamento do diagnóstico das necessidades, mas também nos proporcionou condições de trabalharmos as dificuldades com as alunas envolvidas no projeto.

Assim, contextualizamos a escola pesquisada, continuamente, no período de 2005/2006, através de anotações. As informações registradas foram organizadas de modo sistematizado e os dados oriundos dos questionários foram decodificados em tabelas, gráficos e quadros. A contextualização foi concluída através da análise das oficinas, seguindo critério de organização estabelecido, para melhor compreensão e interpretação dos achados.

4.2 Segunda Fase – Plano Definitivo da Pesquisa em Questão

4.2.1 Observação Participante e Diário de Campo

Atualmente, no período diurno, a escola atende alunos do Ensino Médio, enquanto que, no período vespertino, o escolhido para o desenvolvimento da presente pesquisa, nos anos 2005/06, são atendidos os alunos do primeiro e segundo ciclos do Ensino Fundamental. E, no período noturno, a escola recebe os alunos do Ensino Médio Regular e Supletivo.

No ano 2005, trabalhamos com 9 alunas no plano piloto. No início de 2006, 80 alunos estavam matriculados nas oitavas séries e, desses participaram, na segunda fase, apenas 26 alunas (12 na 8ªA e 14 na 8ªB) que tiveram assinados o termo de consentimento. Todavia, nas oficinas, os alunos, em geral, das oitavas, pediram à direção, aos professores e à pesquisadora autorização para participarem das ações educativas, o que foi aprovado de forma positiva.

No entanto, a quantidade de escolares inscritos nesta segunda fase, comparados com a primeira fase, foi fator importante para o desenvolvimento e fechamento das oficinas, demandando o dobro de tempo para se estabelecer o diálogo, elaboração de conteúdos, troca de informações e questionamentos. Para isso, solicitamos à professora de Educação Artística alguns momentos de sua aula, para desenvolvermos o material de apoio, o que, prontamente, ela veio colaborar e envolver-se no projeto. Além disso, a desistência e a freqüente entrada de novos alunos durante o ano foi questão a ser considerada na análise dos dados, não só no que se refere ao andamento da pesquisa, já que as oficinas e dinâmicas dependiam da participação contínua das escolares, mas também como mais um fator de exclusão social, como mostra alguns estudos, em que a maior parte da desistência desses adolescentes devido à necessidade de ajudar nas despesas familiares, bem como há crescente desmotivação com o ensino (CANO, FERRIANI, MENDONÇA, 1999).

A partir de informações oriundas da secretaria da escola, ao todo, são dez professores que ministravam aulas para as oitavas séries, com dias e horários distintos uns dos outros. Esses docentes realizavam, em dias pré-determinados, no horário do almoço, as reuniões semanais, para cumprir a Hora de Trabalho Pedagógico Coletivo (HTPC). Foi durante esses momentos que aproveitamos para conversar com eles, expor sobre as temáticas das oficinas organizadas, após o levantamento dos dados, das alunas pesquisadas, culminando com os assuntos (temas geradores), trocamos informações importantes e compartilhamos experiências. Essas vivências foram abordadas em um tópico específico desta pesquisa, intitulado: **descrição dos encontros com direção e professores.**

Alguns dos alunos que estudavam na parte da tarde, tiveram passagem pela FEBEM. Possuíam sérios problemas familiares (uso de drogas e violência, inclusive sexual), tendo como fonte de renda o tráfico de drogas. Havia ocorrência de gravidez precoce, alto índice de evasão, chegando a ouvir alguns alunos contanto para outros, em sala de aula, de furtos que

fizeram no centro da cidade, durante os fins de semana. Além dos problemas relacionados à falta de estrutura familiar e desinformação sobre sexualidade, os professores também mencionavam as dificuldades de alguns alunos permanecerem em sala de aula, não conseguindo mantê-los concentrados na aprendizagem por muito tempo. Em várias ocasiões, esses alunos não aceitavam seguir regras estipuladas para o convívio coletivo, fazendo batucada em sala, durante as aulas, desafiando professores, entrando em outras classes para conversas com colegas e não fazendo as atividades propostas, tanto em sala, como em casa. Isso era referenciado pela maioria dos professores.

Partindo da necessidade de se repensar a escola sob o olhar da problematização, em decorrência das dificuldades do cotidiano institucional, da relação do aluno com a escola, com o corpo docente e com os colegas, dentro e fora da classe, isso posto, demanda atenção especial na área da educação e da saúde, já que a direção dessa escola fazia referência sobre esse diagnóstico, parecendo-nos disponível para desenvolvermos a pesquisa-ação no local, em questão (MINAYO, 2004).

Houve boa receptividade por parte da direção e dos professores da instituição, acolhendo-nos com solidariedade, respeito e disposição, relatando trabalhos realizados de forma multidisciplinar, ressaltando a necessidade de se desenvolver trabalho interdisciplinar efetivo, envolvendo várias disciplinas em torno da temática central. Em virtude das informações obtidas com os professores e coordenação da escola, entraram em consenso sobre a importância e o interesse em nos ajudar no que fosse necessário para o desenvolvimento da presente pesquisa. Dessa maneira, disponibilizaram horários, nos quais foram relatadas suas experiências dentro e fora de sala de aula, mostrando material que utilizavam com os alunos, bem como pesquisas intra e extra-escolares que tinham sido feitas pelos discentes. Assim, atividades como a dramatização, a telenovela, os cartazes, entre outras, que foram

mencionadas pelos professores, chamavam a atenção pelo retorno positivo e maior desenvolvimento dos alunos perante tais trabalhos.

Isso nos levou a identificar problemas de alunas e professores sobre o tema focal e a realizar ações/intervenções educativas. Para isso, resgatamos informações da convivência na comunidade e diálogos com colegas que já estudaram nessa escola e que, depois de formados, foram ministrar aulas como professor eventual ou substituto, naquele local. Eles mencionaram as mudanças dessa clientela, que vem procurando pelo ensino na instituição, nos últimos cinco anos, que não é representada, em sua maioria, por adolescentes que moram no bairro, mas de alunos provenientes de arredores muito carentes. Essas características da escola investigada, de forma geral, já eram conhecidas por nós, em razão do desenvolvimento de outras atividades realizadas, conjuntamente, com os professores de Educação Física dali. Por intermédio deles, pudemos freqüentar e investigar essa escola, dialogando e trocando experiências através das observações participantes. Tais ocasiões nos permitiram as anotações e registros em diário de campo, detectando conversas formais e informais, a respeito das situações vistas por nós ou relatadas pelos educadores, informações que vieram somar à necessidade em se trabalhar com esses problemas emergenciais, o que nos possibilitou mapeamento inicial das carências e necessidades da escola e de seus integrantes.

Houve interesse dos professores e da direção, assim, de se conhecer melhor e se preparar para lidar com algumas temáticas no processo ensino-aprendizagem como sexualidade, conscientização corporal, auto-imagem, auto-estima, prevenção de doenças sexualmente transmissíveis (DST), AIDS, gravidez precoce, drogas e violência, fazendo-se mister adequar tais assuntos a uma linguagem educativa, preventiva e interdisciplinar, envolvendo docentes de diversas áreas de conhecimento e alunas. Vale ressaltar que um dos problemas enfrentados pela escola é a freqüente mudança de professores, decorrente do processo de escolha, carga horária e disponibilidade de cada um. Assim, o professor titular ou

com mais tempo de serviço possui, normalmente, maior pontuação e a prioridade na seleção da instituição e da quantidade de horas aulas que vai ministrar.

4.3 Descrição das Reuniões com Direção e Professores

Neste momento, apresentamos a descrição das quatro reuniões que antecederam um primeiro contato com as alunas, realizados na sala dos professores, em março de 2006. Recordamos que, durante todo o período de investigação, o diário de campo foi instrumento fundamental de anotação e interpretação do meio estudado.

4.3.1 Primeira Reunião

Após marcar horário para conversar com a direção, com o objetivo de agradecer o espaço oferecido e tomar nota sobre os horários de classe, nome dos professores que estavam trabalhando com as oitavas séries, bem como número de séries abertas e alunos deste semestre, contatamos a professora de Ciências para marcar um primeiro encontro. Conversando e apresentando à nova professora de Ciências a proposta da pesquisa e os dados coletados em 2005 (primeira fase), ela relatou alguns aspectos interessantes sobre sua vivência com as alunas, como desejarem elas sempre ridicularizar e brincar com a questão da sexualidade e os métodos de prevenção, comportamento que ela acreditava ser um meio de se esconder e não refletir sobre o assunto, como se tais temáticas estivessem distantes de suas realidades. Ressaltou que a falta de perspectiva das escolares em relação ao ensino, futuro, possibilidades e oportunidades profissionais, dificultava o desempenho e interesse das mesmas em sala de aula. E que, atualmente, existia *status* em namorar garotos envolvidos na bandidagem, no tráfico de drogas. Ela revelou se sentir sem perspectivas de atuação, desmotivada pelo desinteresse dos alunos pela matéria e nas aulas, mostrando-se preocupada com o cenário vigente da escola e com o processo educacional em geral.

4.3.2 Segunda Reunião

Neste momento, a professora de ciências se mostrou desencorajada e intolerante pela falta de interesse e de educação dos alunos, ao mesmo tempo em que revelou sentir pena deles, pela falta de possibilidades que eles enfrentavam. Comentou que ninguém tinha interesse em fazer qualquer coisa: “os adolescentes só querem saber de beijar na boca e paquerar, sair da sala e conversar”. Principalmente, nas sétimas e oitavas séries, afirmava a professora que sentia muita dificuldade para trabalhar o conteúdo da disciplina, bem como conquistar a empatia e o respeito dos alunos, desabafando que estava sendo complicado o processo de aceitação de uma nova professora, com métodos de ensino diferentes daqueles que eles estavam habituados. Ela nos conta que “as meninas só queriam saber de paquerar os mais bandidos e que estes podiam oferecer alguma coisa (material) em troca. Aqui, aluno que está a fim de estudar não tem espaço, fica restrito aos bagunceiros e àqueles que não querem saber de nada”. E reforça a dificuldade de desenvolver um trabalho nessas condições.

4.3.3 Terceira Reunião

Nesta reunião, descrevemos, de forma sistematizada, à professora todos os procedimentos que seriam realizados com as alunas, explicando o objetivo do estudo e dos encontros, bem como o fechamento de cada oficina, que dependia dos temas geradores elucidados, ou seja, da curiosidade, questionamentos, anseios e perguntas realizadas pelas alunas. Esclarecemos a importância dos relatos das escolares, de seus saberes, ou não, sobre o assunto e de suas vivências, entendendo as oficinas como espaço de diálogo, discussão, reflexão e conscientização sobre a sexualidade, limites, valores e prevenção. Nessa troca de informações e aprendizagem dos conteúdos científicos, ressaltamos que visávamos resgatar possibilidades de convívio mais saudáveis e solidários, exercitando interação humanizada e cidadã, nas formas de interação e relacionamento entre familiares e filhos, homem e mulher, homem e homem, mulher e mulher, professor e aluno, aluno e aluno; professores e familiares;

direção/aluno/familiares. Ela confirmava que poderíamos iniciar naquela semana, com a oitava série A, da qual era responsável. Na oitava série B, quem ministrava as aulas de Ciências era outra professora, também nova na escola, e que tivemos maior dificuldade de encontrar-la, pois só teria três aulas por semana nessa escola, no primeiro semestre de 2006. Marcamos uma hora extracurricular e mostramos para a outra professora os conteúdos e os procedimentos do estudo em questão

4.3.4 Quarta Reunião

Encontramos com as professoras de Ciências, afirmando que entraríamos nas aulas seguintes. Naquele momento, vivenciamos vários problemas com os alunos. Direção e coordenação pediram ajuda à Ronda Militar, para resolver os problemas surgidos naquele local, naquele instante.

4.4 Descrição dos Primeiros Contatos com as Alunas

Dedicamos este espaço ao relato dos dois momentos nos quais estabelecemos contato com as escolares pesquisadas. Isso ocorreu no primeiro semestre de 2006. Nesses encontros, dialogamos sobre a importância da participação delas na pesquisa, antes da aplicação do questionário e da realização das oficinas, propriamente ditas.

4.4.1 Primeiro Contato

- **Contato com os Professores:** ao chegarmos, vivenciamos um confronto verbal e físico, entre um menino e uma menina da mesma sala. Segundo a professora, tais acontecimentos fazem parte da rotina da escola, no enfrentamento de sérios problemas de violência.
- **Contato com as Alunas:** apresentamo-nos às alunas, revelando quem éramos, nossa formação e com que trabalhávamos. Em seguida, explicamos sobre a pesquisa, seus objetivos e finalidade, e a importância de dialogarmos e refletirmos sobre a nossa vida, a sexualidade e outros assuntos que vocês achassem pertinentes, através de oficinas que iríamos trabalhar conjuntamente com elas, caso quisessem participar do projeto.

Objetivos

- Conhecer as alunas, explicar detalhadamente o propósito e em que consistia o estudo, esclarecendo dúvidas e verificando o interesse das mesmas em participar. Pontuar o rigor ético e científico da pesquisa como anonimato, participação voluntária, isenção de gastos e respeito com o material recolhido.

Estratégias Didáticas

- Dialogamos naturalmente, detalhando todos os procedimentos, como participação voluntária e o não despendimento de nenhum custo, além da importância de sua contribuição na pesquisa. O termo de consentimento livre e esclarecido foi descrito como importante documento para a conscientização de seus responsáveis sobre as temáticas discutidas no âmbito escolar e permissão das mesmas na participação da pesquisa. Reforçamos que sem essa permissão não seria possível documentar os dados. Explicamos também que as informações dadas por elas de forma alguma seriam repassadas para os professores ou utilizadas como um meio de julgamento e avaliação.

- O material utilizado nesse contato foi: giz e folhas (termo de consentimento livre e esclarecido/APÊNCICE D).

Comentários

– Embora apenas algumas alunas quisessem voluntariamente participar da pesquisa, permitimos que os demais interessados na oficina pudessem frequentá-la também. A cada dia, procurávamos trabalhar as temáticas que iam surgindo. As meninas se mostraram muito interessadas nas temáticas referentes a métodos anticoncepcionais e gravidez, além de preocupadas com os procedimentos relacionados às informações que seriam coletadas. Assim, perguntas como “mas o meu pai vai ter acesso a isso?” (informações, decorrentes das oficinas e questionário) ou “os professores vão ver nossas respostas?”, foram frequentes. Alguns estudos sobre a relação de gênero na adolescência vêm pontuando as diferentes formas de

vivenciar a sexualidade, entre homens e mulheres, a associação de culpa e medo que muitas meninas desenvolvem sobre o tema, interferindo na relação que estabelecem com o seu corpo, muitas vezes, de negação. (HEILBORN, 2006; RIBEIRO, 2006; SOUZA, 2002; VILLELA, 2005). Já os meninos apresentaram-se curiosos para aprender técnicas de conquistas e formas de se relacionar, não se mostraram preocupados com possíveis satisfações, que teriam que dar em casa ou na escola, sendo freqüentes tais perguntas: “você vão ensinar como conquistar uma garota?” e “como faz para chegar em uma menina?”.

- A avaliação positiva desse primeiro contato foi a motivação dos alunos em participar, a curiosidade em conhecer mais, como explicitado por Paulo Freire (2002), cuja busca de conhecimento parte do gosto pela curiosidade. Perguntas, dúvidas, conversas paralelas e olhares curiosos reforçaram a necessidade de se trabalhar com tais temáticas. Em virtude do grande número de alunos por sala, da demora dos mesmos para entrar e se acomodar em suas carteiras, do curto espaço de tempo que nos restava depois de nos apresentar e explicar a pesquisa, achamos melhor esperar um segundo momento para entregar os questionários, de forma a terem mais tempo para responder e pensar melhor nas respostas.

- Pensar em ações educativas práticas, partindo da realidade do aluno, de forma a buscar uma pedagogia fundamentada na reflexão crítica e emancipadora são alguns dos referenciais de Paulo Freire, eternizado em suas obras, as quais contribuíram no processo de elaboração e planejamento de cada encontro com as alunas.

4.4.2 Segundo Contato

- **Contato com os Professores:** neste momento, conversamos sobre a questão da violência de modo geral, tema muito freqüente nos diálogos dos professores, bem como da rotina com os alunos em sala de aula, segundo eles mesmos.

- **Contato com as Alunas:** algumas alunas estavam sentadas no pátio conversando, no final da aula de Educação Física. Aproveitamos o momento para conhecê-las melhor. Sentamos

próximas e começamos o diálogo. Uma estava lixando a unha, ao mesmo tempo em que tirava uma pinça enferrujada da bolsa, começando a tirar os pêlos da sobrancelha. A colega ao seu lado pediu que tirasse seus pêlos também. Essas informaram ser freqüente esse hábito entre elas, na escola. Mostravam as unhas pintadas, de vermelho, muito borradas. Então, percebemos a importância de falar sobre higiene pessoal e esterilização do material, bem como de seu uso compartilhado, com o cuidado de não interferir nas dinâmicas sociais construídas por elas, no sentido de compartilhar experiências, troca de materiais e solidificação de relacionamentos de amizade e confiança. Explicamos a importância do questionário, reforçando a seriedade da pesquisa e a relevância de descrever o máximo de informações possíveis.

Objetivos

- Recolher a autorização dos pais ou responsáveis. Explicar e aplicar os questionários.

Estratégias Didáticas

- Mostrando às alunas as quatro partes que dividiam o questionário, explanando sobre cada uma, reforçamos a importância da pergunta, em caso de dúvida.

- Material utilizado: giz, e folhas e questionário.

Comentários

- O questionário era constituído de quatro temas centrais, formulado com perguntas fechadas (testes) e abertas (descritivas), com linhas para elas responderem, apresentando o total de três páginas, sendo motivo de queixa de algumas escolares. Muitas nos chamavam para tirar dúvidas de escrita, de conjugação de verbo, de acentos e emprego de singular e plural, além da dificuldade em transcrever seus pensamentos. Algumas deixaram as perguntas finais em branco.

Com um pouco de resistência inicial de algumas meninas para escrever, no decorrer do encontro, elas foram demonstrando mais interesse e preocupação em se fazerem entender, usando todo o tempo da aula para se dedicar ao material por escrito.

- A elaboração final do material contou com a reavaliação do questionário aplicado no plano piloto, revisado pelas orientanda e orientadora, e com base em outros estudos (MINAYO, 2004; TRINDADE & BRUNS, 2003; TRIVIÑOS, 1987).

4.5 Levantamento de Dados - Questionário

Neste momento, propusemos aplicar os questionários. Esses foram entregues no segundo encontro, após explicação da pesquisa, termo de consentimento assinados e aprovação do Conselho de Ética em Pesquisa (CEP) da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, USP.

O questionário foi dividido em quatro partes: 1) perguntas referentes à identificação das alunas; 2) questões sobre o tema central; 3) sexualidade; 4) sugestões dadas pelas alunas. A seqüência das temáticas foi mantida nessa ordem para melhor organização e visualização das respostas. As alunas foram identificadas como participantes(P) e por número, começando com as adolescentes da 8ª A, de 1 a 12; e as da 8ª B identificadas a partir do número 13 até 26, perfazendo o total de 26 participantes do presente estudo.

As respostas foram categorizadas entre as oitavas séries (A e B) e as informações foram representadas em gráficos, tabelas e quadros, com as respostas abertas organizadas por temáticas afins e por categorização, que serviram de direcionamento para a elaboração e planejamento das oficinas.

4.5.1 Primeira Parte: Dados de Identificação das Alunas (Sociodemográficos)

Neste momento, apresentamos os dados de identificação sociodemográficos das participantes, representados de duas formas: em gráficos, por meio da discussão e análise do conteúdo, e em tabela (APÊNDICE E), de forma resumida. Para tanto, iniciamos a apreciação

com o número, sexo, série, nas três primeiras questões. A quarta refere-se à idade das adolescentes, representada na Figura 1, com a distribuição percentual da faixa etária das alunas.

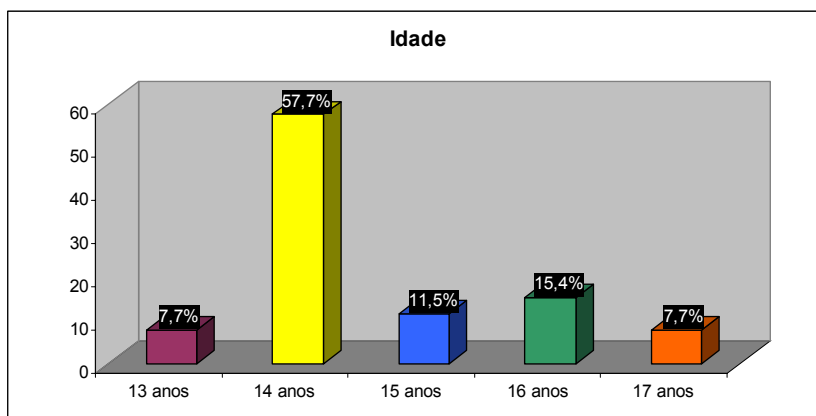


Figura 1. Gráfico de distribuição percentual das alunas de oitavas séries, sobre a idade

Com relação à **idade**, quinze alunas possuíam catorze anos, constituindo a faixa de idade mais representativa do grupo, com 57,7%; com dezesseis anos havia quatro alunas (15,4%); três alunas (11,5%) tinham quinze anos; duas alunas (7,7%) estavam com treze anos e com dezessete anos de idade duas alunas (7,7%). Na população analisada, a faixa etária superior aos 14 anos de idade é de 34,6%, somando o total de nove participantes com 15, 16 e 17 anos, tal disparidade entre os pares evidencia distanciamento que, em muitos momentos, justificam a falta de interesse e a dificuldade de comunicação.

Entre as histórias de vida das participantes, relatadas em conversas informais, umas contam que perderam o ano porque tinham que ficar cuidando da casa e de irmãos menores, outras por causa da mudança de emprego de seus pais e por desinteresse em permanecer dentro de sala de aula, repetindo por falta. Durante nossa instância no ambiente escolar, era notória a preocupação dos alunos com a presença assinalada no diário do professor, sobretudo de alguns que adolescentes, que depois da chamada, saíam de sala, sem dar satisfação ao docente.

O elevado número de alunas, com mais de 14 anos, corrobora os dados da literatura que articulam classe social, gênero e abandono escolar. Heilborn et al. (2002) descrevem mudanças de domicílio, precariedade das redes de ensino público e, ainda, a violência como causas da evasão escolar, temporária ou definitiva, sendo a internalidade feminina no ambiente doméstico fator determinante nas classes populares. Nesta pesquisa, as carreiras escolares também revelam-se marcadas pela descontinuidade e repetência, sendo a tarefa de cuidar da casa e dos irmãos menores justificativa do universo feminino para o abandono do estudo. Cano et al. (1999) também revelam como as maiores causas de abandono e repetência escolar o desinteresse com o ensino e a necessidade de auxiliar em despesas familiares, principalmente em classes carentes. A baixa renda ainda foi assinalada, em artigo publicado por Andi (2005) como agravante da evasão escolar. Em reportagem de Pagnan e Spinelli (2003), da Folha de São Paulo, professor e estudioso do assunto, afirma que a violência é um dos principais causadores da evasão escolar, com maior incidência no período noturno, juntamente com a concorrência do mercado de trabalho.

Na quinta pergunta sobre o **estado civil** das alunas, as respostas propiciaram os seguintes dados, ilustrados na Figura 2.

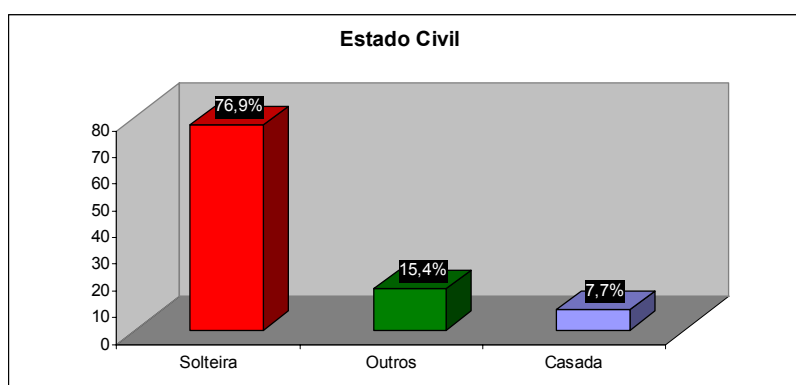


Figura 2. Gráfico de distribuição percentual das alunas de oitavas séries, sobre o estado civil

Referente ao **estado civil**, de ambas as turmas, a maior parte das adolescentes, com vinte respostas (76,9%) responderam estar solteiras e outras quatro alunas (15,4%) descreveram

estar namorando, respostas que entraram na temática outros. Duas alunas (7,7%) declararam ser casadas. A participante 1 possui 16 anos. Disse que está esperando ter idade suficiente para poder legalizar seu casamento, no momento vive com seu cônjuge e conta com a permissão de seus pais. Segundo ela, só falta legalizar sua situação perante a lei. Relacionamento precoce é apresentado na tese de Taquette (1997) como importante marcador de múltiplos fatores que precisam ser analisados conjuntamente, são eles: desejo sexual na adolescência e dúvidas sobre suas possibilidades de controle, aliados à condenação moralista e religiosa ao exercício sexual feminino antes do casamento, bem como ausência de diálogo em casa e falta de perspectiva profissional, nesse sentido, o desejo de ter filhos e casar substituem outras expectativas de realização pessoal. Portanto, pouca escolaridade e pertencer à classe popular são fatores pontuados em outros estudos como definidores de projetos de vida e formas de vivenciar a sexualidade (HEILBORN et al., 2002).

A sexta pergunta refere-se às informações sobre a **religião** das participantes, com as respostas ilustradas na Figura 3.

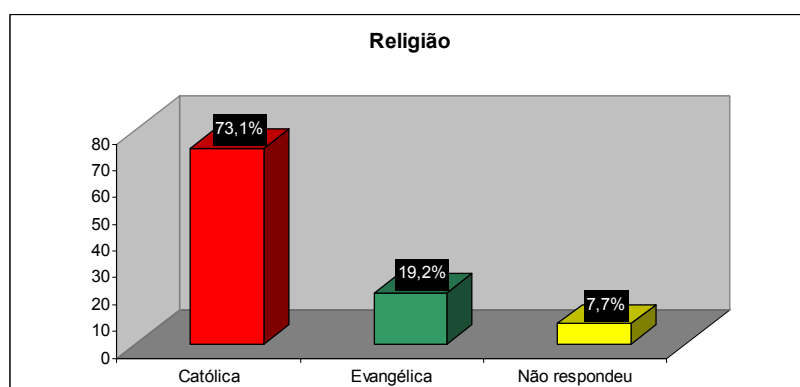


Figura 3. Gráfico de distribuição percentual das alunas de oitavas séries, sobre a religião

Os dados representados na Figura 3 revelam que a maioria das alunas, dezoito (73,1%), é católica, cinco (19,2%) são evangélicas e duas (7,7%) deixaram a questão em branco. Tais respostas evidenciam maioria católica na amostra pesquisada, dado interessante para a análise, visto que a religião desempenha papel significativo na relação de gênero, com

atitudes tradicionais à sexualidade feminina. Segundo Toledo (1996), sob um discurso de matrimônio voltado para procriação e coibição do prazer, o ato sexual é visto como um dever e não como fonte de amor e desejo. Giddens (1995), ao abordar o amor romântico, explora a orientação católica ortodoxa como instrumento de subordinação feminina ao lar e ao isolamento do espaço público, sendo esse associado com casamento e maternidade.

Na questão referente à **profissão**, as alunas que responderam declararam ser estudantes.

A distribuição percentual entre as duas turmas indica que 84,6% descreveram ter como ocupação serem estudantes, no total de vinte e duas estudantes, e 15,4% não responderam essa pergunta, quatro alunas, como pode ser observado na Figura 4.

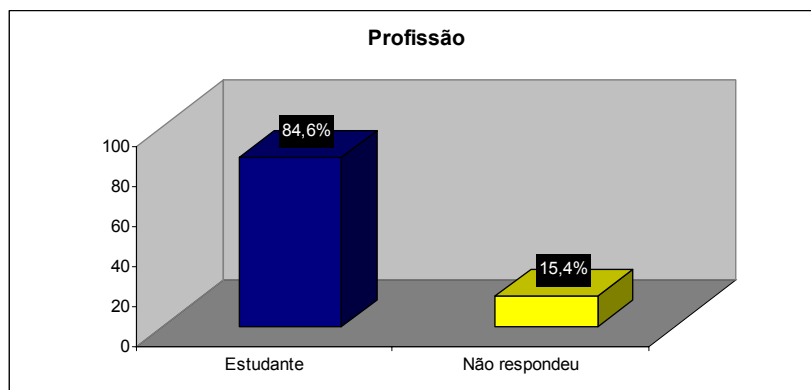


Figura 4. Gráfico de distribuição percentual das alunas de oitavas séries, sobre a profissão

Em conversas informais, grande parte das alunas relataram realizar serviços domésticos e cuidar de irmãos menores. Assim, expressões: “... agora tenho que chegar em casa e arrumar a louça e limpar a cozinha”; “... é um saco ter que ficar cuidando do meu irmãozinho, 4 anos, ele não pára...”; “a gente (irmãs gêmeas) que cuida da casa e do meu irmão pequeno, de 3 anos, para a minha mãe poder trabalhar” e “só eu que ajudo a minha mãe em casa, o meu irmão não faz nada, e ela ainda dá as coisas para ele”, foram frequentes nos comentários das participantes. As falas reforçam dados da literatura que apontam o ambiente familiar, de responsabilidade do gênero feminino, e como conseqüência uma entrada tardia no mercado de

trabalho, bem como menor diversidade de possibilidades de emprego, quando comparado com os meninos (HEILBORN et al., 2002).

Na oitava pergunta, com relação à **renda familiar** das escolares, as respostas revelam os seguintes dados (Figura 5).

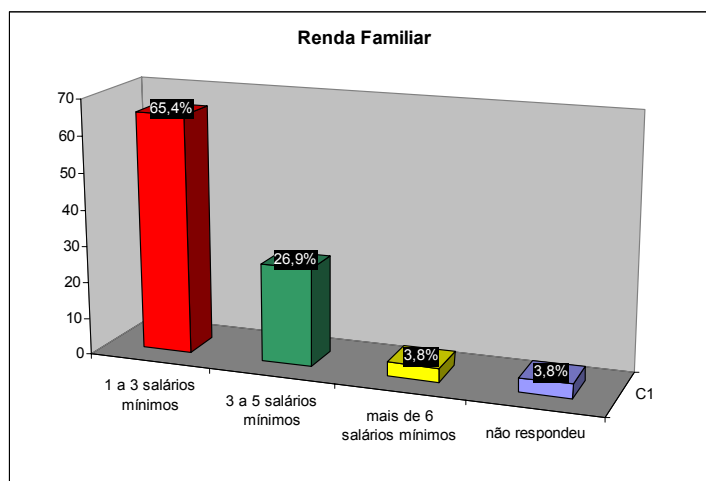


Figura 5. Gráfico de distribuição percentual das alunas de oitavas séries, sobre renda familiar

Os resultados mostram que a maioria das adolescentes, dezessete (65,4%), descreveu estar na faixa salarial de 1 a 3 salários mínimos, entendendo que esse valor é relativo a todas as pessoas que moram na mesma residência, ou seja, à soma total da renda familiar. Sete alunas (26,9%) declararam a faixa salarial de até 5 salários mínimos por mês e apenas uma aluna (3,8%) disse mais de 6 salários. Uma aluna (3,8%) não respondeu a questão. Assim, os dados revelam que grande parte das escolares vive com saldo mensal muito baixo ao mês, caracterizando a amostra em uma classe social carente, visto que a pergunta se refere à manutenção de toda a família.

A questão de número nove, que corresponde à **quantidade de irmãos** que as adolescentes possuem, as informações podem ser observadas na Figura 6.

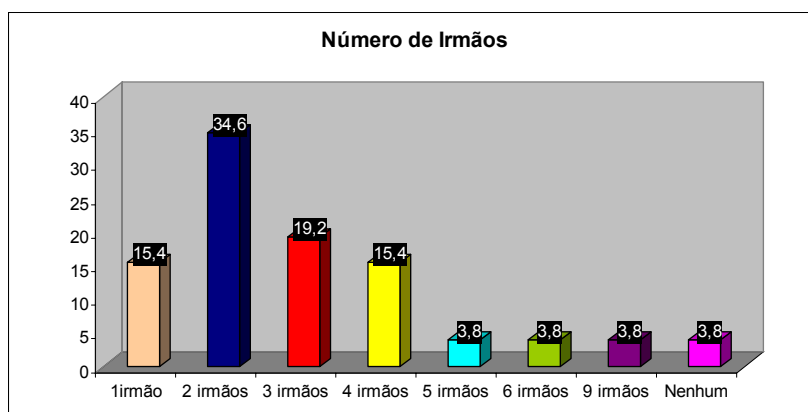


Figura 6. Gráfico de distribuição percentual das alunas de oitavas séries, sobre o número de irmãos

A maior quantidade de declarações, total de nove, foi para as alunas que afirmaram ter dois irmãos (34,6%), em seguida, com três irmãos (19,2%) cinco respostas. As escolares que relataram ter um irmão e quatro irmãos tiveram o mesmo percentual (15,4%), com quatro respostas. Com apenas uma resposta a participante 21 (3,8%) declarou não ter irmão, a participante 4 (3,8%) cinco irmãos, a participante 22 (3,8%) seis irmãos e a participante 3 (3,8%) nove irmãos.

As repostas referem-se apenas ao número de irmãos que possuem, sem contar com a participante. Assim, as que declararam ter 1 irmão corresponde ao fato de seus pais, ou junções familiares terem dois filhos e aquelas que descreveram 2 irmãos corresponde a 3 filhos ao todo. Tais dados evidenciam alto percentual de irmãos comparado ao saldo mensal da maioria das alunas, entre 1 a 3 salários mínimos. Outro fator de análise são as junções conjugais de um segundo ou terceiro casamento, que aderem filhos de outros relacionamentos, como mencionado pela aluna de origem paraense, “...nós viemos para Ribeirão por causa do trabalho do meu pai, quando chegou aqui minha mãe descobriu que ele tinha uma outra família. Eles se separaram e agora moro com meu padrasto”. Novos rearranjos familiares são comuns entre os cuidadores de algumas adolescentes, que disseram cuidar de irmãos não biológicos e viver com padrastos (CARVALHO, 2005).

Ao perguntar às alunas se elas já tinham engravidado, as respostas mostram em porcentagem as decorrentes informações (Figura 7).

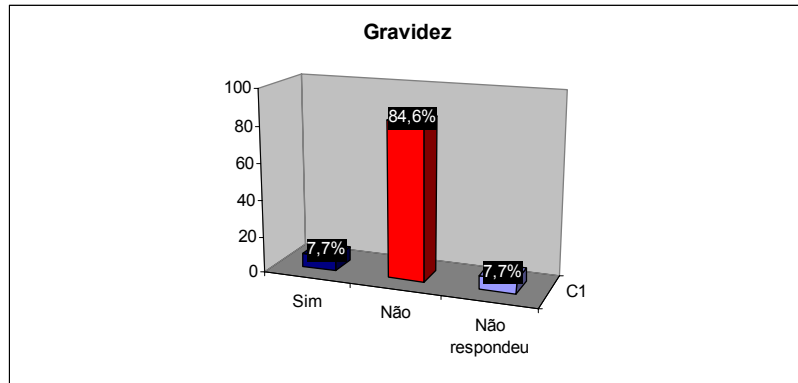


Figura 7. Gráfico de distribuição percentual das alunas de oitavas séries, sobre se já engravidaram

A maioria das respostas (84,6%) mostrou que não, um total de vinte respostas. Duas alunas (23,1%) afirmaram que sim e duas alunas (3,8%) deixaram a questão em branco. É importante considerar as respostas das duas participantes que relataram ter engravidado, visto que a primeira (P:2) declarou ter 13 anos e a segunda (P:3) 17 anos de idade. Há vários estudos da área da saúde (BORGES; NICHATA; SCHOR, 2006; BUENO, 2001; GOMES, et al., 2002; GUIMARÃES; VIEIRA; PALMEIRA, 2003; VILLELA; DORETO, 2006) mostrando dados significativos sobre a importância de se difundir o diálogo e a reflexão sobre a educação preventiva nas escolas, se possível envolvendo familiares e profissionais da saúde local, sendo a gravidez precoce e a transmissão de doenças sexualmente transmissíveis o foco de atenção e prioridade no debate das ações a serem gerenciadas. Entendemos a relevância do tema não só sob a ótica de prevenção e dos riscos fisiológicos aos quais essas adolescentes estão expostas, mas também para questões sociais que permeiam a análise de gênero, como citado nos estudos de Heilborn et al. (2002), Taquette (1997) e Villela e Doreto (2006), ser mãe para ter um reconhecimento social e ser alguém, tanto pela falta de perspectivas no mercado de trabalho, quanto pela mudança de fase, passar de adolescente para adulto.

Na questão de número onze, “ **você conhece alguma aluna da escola que já engravidou**”, as respostas estão apresentadas na Figura 8.

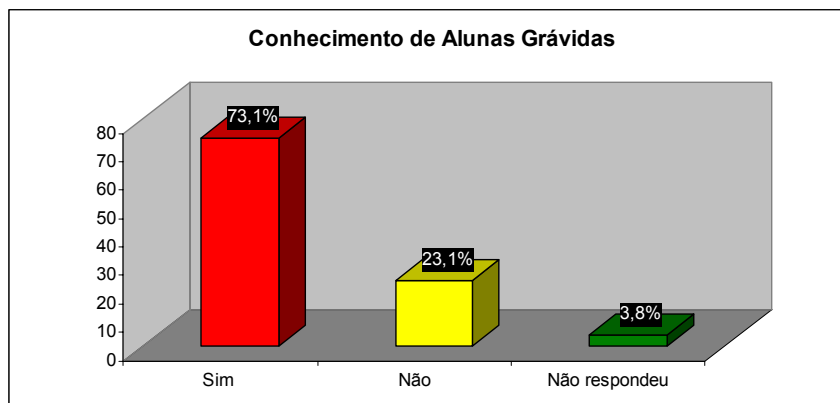


Figura 8. Gráfico de distribuição percentual das alunas de oitavas séries, sobre a colega que já teve filho

Segundo respostas das escolares, dezenove (73,1%) declararam conhecer alunas que já engravidaram, seis alunas (23,1%) afirmaram não conhecer meninas que já engravidaram e apenas uma aluna (3,8%) deixou em branco a questão. Tais informações são significativas e alarmantes, visto que grande parte das participantes relataram conhecer outras escolares que engravidaram, revelando alto índice de gravidez precoce, de forma que tal temática não pode ser considerada como casos isolados, mas assunto a ser discutido em políticas públicas (BORGES; SCHOR, 2005). Esses dados nos remetem a estudos que assinalam socialização baseada em moralismo conservador, no qual a sexualidade feminina consiste na procriação e matrimônio (DEL PRIORI, 1993; RIBEIRO, 2006), ou tantos outros que associam baixa renda, pouca escolaridade, menos *chances* profissionais e gravidez precoce (HEILBORN et al., 2006; TAQUETE, 1997; VILLELA; DORETO, 2006).

Na pergunta que segue “**que idade você acha que ela tinha quando teve o(a) filho(a)**”, pertencendo à mesma questão (nº 11), dentre as dezenove alunas que afirmaram conhecer escolares grávidas, algumas mencionaram mais de uma adolescente grávida, havendo mais de uma citação por participante, somando o total de vinte e duas respostas, representadas em porcentagem na Figura 9.

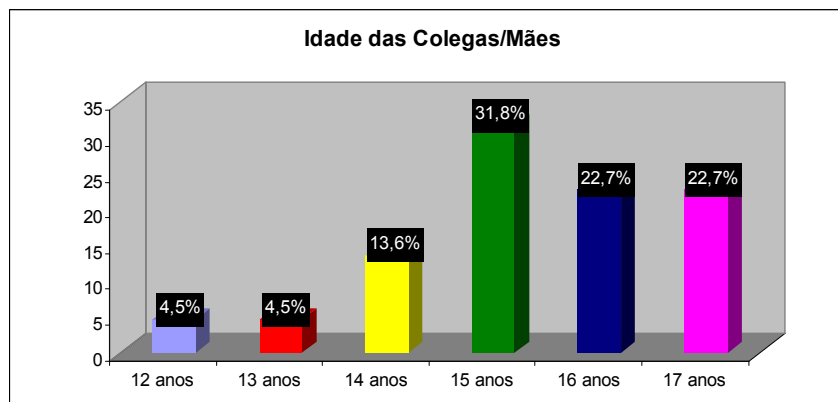


Figura 9. Gráfico de distribuição percentual da idade das colegas das alunas de oitavas séries, quando tiveram filho(a)

Referente às alunas grávidas, a faixa etária mais citada pelas escolares foi de 15 anos de idade, com sete respostas (31,8%), em seguida com 16 e 17 anos, com cinco menções cada uma (22,7%) de 16 anos e (22,7%) de 17 anos. Com três respostas (13,6%) escolares de 14 anos de idade e com uma resposta (4,5%) uma escolar de 12 anos e uma de 13 anos.

Não só a grande quantidade de meninas que disse conhecer outras escolares grávidas, mas, sobretudo, a faixa etária revelada por elas chama a atenção, tendo adolescentes de 12, 13 e 14 anos referidas como grávidas, visto a precocidade e os riscos existentes. Segundo especialista da ONU, citado no artigo de Andi (2005), a menina só está pronta para ser mãe, do ponto de vista biológico, em média três anos após a menarca. A iniciação sexual precoce também aparece em pesquisas que discutem a influência da televisão e das amigas como principais meios de informação sobre práticas sexuais, especialmente, em situações que a família não proporciona momentos de diálogo e acolhimento, ou seja, quando não é fonte de esclarecimento de dúvidas dessas adolescentes. Os cuidadores, muitas vezes, não são os melhores para informar sobre métodos eficazes e possíveis conseqüências de relações desprotegidas, no entanto, desempenham papel relevante na transmissão de valores, segurança e amor (ANDRADE, 2005; BORGES; NICHATA; SCHOR, 2006; GUIMARÃES; VIEIRA; PALMEIRA, 2003; NAVARRO-PERTUSA et al., 2006). Tais pesquisadores assinalam que

boa comunicação entre os adolescentes e seus responsáveis sobre sexo pode ser fator contribuinte para postergar a decisão da primeira relação sexual.

Na décima segunda pergunta, a última questão da primeira parte do questionário, referente à identificação das alunas, ao serem indagadas **“quantas pessoas moram na mesma residência com você”**, as respostas evidenciaram os seguintes achados, ilustrados na Figura 10.

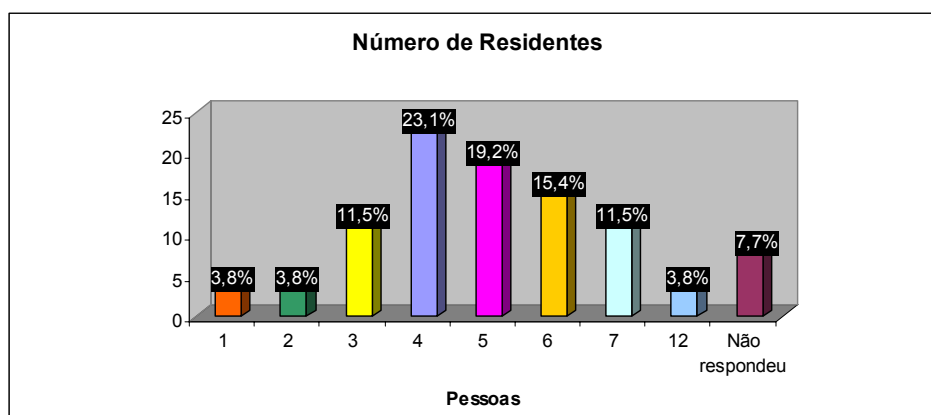


Figura 10. Gráfico de distribuição percentual das alunas de oitavas séries sobre quantas pessoas moram na mesma residência

Com relação à quantidade de pessoas que moram na mesma residência, as alunas disseram morar com: uma pessoa (3,8%); duas pessoas (3,8%); três pessoas (11,5%); quatro pessoas (23,1%); cinco pessoas (19,2%); seis pessoas (15,4%); sete pessoas (11,5%); doze pessoas (3,8%); e duas participantes (7,7%) não responderam a questão. O maior número de respostas se concentrou em escolares que vivem com 4 pessoas (23,1%) e com cinco pessoas (19,2%) na mesma casa, sendo as que descreveram viver com seis pessoas (15,4%) e sete pessoas (11,5%) na mesma residência, elemento relevante para análise dos dados. O grande número de pessoas, convivendo em pequenos espaços, pode interferir na convivência saudável, no sentido de crianças, ou mesmo adolescentes, terem que dividir o quarto com seus pais ou responsáveis, tendo grandes *chances* de vivenciar as intimidades do casal, além de ter pouca privacidade para explorar e conhecer seu corpo.

4.5.2 Segunda Parte: Questões Sobre o Tema Central

Na segunda, terceira e quarta partes do questionário, os dados levantados pelas alunas das oitavas séries da escola pesquisada, foram descritos em alguns momentos em quadros e categorizados de acordo com as convergências e/ou divergências apresentadas por elas, e seguem em ordem decrescente. Outras questões foram discutidas de forma descritiva, valendo-se das respostas de algumas participantes, para melhor contextualizar a análise.

Na pergunta, **“quando você se olha no espelho se vê?”**, oito participantes descreveram estar gorda e seis acima do peso, o total de quatorze meninas possivelmente descontentes com seu peso. A insatisfação corporal é tema de análise de Biancarelli (2002), Cerozzi (2006) e Conti, Frutuoso e Gambardella (2005), que apresentam o padrão de beleza idealizado como a principal causa de alterações da percepção da auto-imagem, sendo também associado às realizações e felicidade. Outros estudos (COURTINE, 1995; HEILBORN, 2006; VÁZQUEZ, 1994) igualmente exploram o alto valor atribuído à beleza, bem como suas associações de cuidado despendido diariamente com a saúde e a falta dele com feiúra e doença (DEL PRIORE, 2000; NOVAES; VILHENA, 2003; SANT’ ANNA, 1995). Estar magra foi a segunda categoria mais mencionada por elas, com sete declarações e esbelta com cinco. É importante mencionar que muitas dessas escolares associam magreza com doença e feiúra, portanto, diferentemente do padrão de beleza feminino idealizado por mulheres de classes A e B, mais próximo do magro sem gordura, com formas rígidas, muitas meninas de classe popular vislumbram corpos com mais curvas e contornos mais arredondados.

Na segunda questão, **“com relação a sua altura, você se considera?”**, a maioria, onze alunas, relatou ser baixa. Dez participantes, declararam ter média estatura, e consideraram-se alta cinco escolares, prevalecendo respostas de baixa e média estatura na amostra pesquisada, com o total de vinte e uma respostas, para essas duas categorias. Os dados apontam para mudanças corporais significativas, decorrentes do crescimento estatural, natural da puberdade.

Algumas pesquisas assinalam a relevância de tais aspectos a serem trabalhados no desenvolvimento e construção da auto-identidade dos adolescentes (CANO et al., 1999; MANDÚ, 2006), já que as transformações auxiliam na construção e formação do conceito maduro de corpo, afirmam Trindade e Bruns (2003).

Quadro 1. Distribuição qualitativa das falas das escolares das oitavas séries, da escola pesquisada, referente à questão 3: “em sua vida, quais são as pessoas que você mais admira?”

CATEGORIA*: PESSOAS QUE ADMIRA NA FAMÍLIA	TOTAL
“Mãe”	18
Outros**	17
“Pai”	11
“Avó”;	4
“Avô”	4
“Irmãos”	2

* Houve mais de uma resposta para algumas participantes.

** Outros: “Amiga”; “Tio”; “Mulher”; “Prima(o)”; Sogra e Cunhada”; “Namorado(a)”; “Padrasto”; “Primo”; “Ficante”; “Sogra e Marido”; “Madrasta” e “Pity”.

Os dados apresentados no Quadro 1 revelam que a maior parte das alunas têm a figura materna como a mais admirada, com dezoito citações. As respostas corroboram a definição de amor romântico, descrita por Giddens (1995), que, ao atribuir um alto valor à mãe como figura materna, a condiciona como principal responsável pelos cuidados dos filhos e do lar. Em seguida, vem a figura paterna com onze menções, sendo que, entre as respostas, nove participantes declararam admirar pai e mãe. Outros familiares também foram lembrados, como avós, tios, irmãos, primos e namorados, até uma cantora de *rock* popular foi mencionada. Muitas adolescentes disseram morar com seus avós ou tios, talvez por isso foram os mais votados, depois dos pais.

Quadro 2. Distribuição qualitativa das falas das escolares das oitavas séries, da escola pesquisada, referente à questão 4: “nos meios de comunicação (TV, revistas, *internet*) quais as pessoas com aparência física mais bonita, na sua opinião?”

CATEGORIA: NA MÍDIA CONSIDERO MAIS BONITA(O)	
MULHER	TOTAL
“Ana Rickman”	8
Outros*	8
Em Branco	6
“Dulce Maria”	3
“Glória Pires”;	2
“Juliana Paes”	2
HOMEM	TOTAL
Outros**	11
“Dado Donabela”	4
Em Branco	4
“Cristhofer”	3
“Reinaldo Gianeccini”	2
“Cristian Chaves”	2
“Homem”	2

*Outros: “Claudia Raia”; “Aline Moraes e Pity”; “Mulheres Malhadas”; “Tiazinha”; “Maite Proença”; “Débora Seco”; “Camila Pitanga” e “Malu Mader”.

**Outros: “Latino e Erick Marmo”; “Bruno Galliardo”; “Eduardo Moscovis”; “Brad Pitty”; “Rodrigo dos Travesos”; “Marcelo Antony e Gustavo Borges”; “Homens Bombados”; “Edison Celulare”; “Leonardo Di Caprio”; “Bejamin”; “Thiago Lacerda e Giovane”.

Quando perguntado sobre as **mulheres com aparência física que mais admiram dos meios de comunicação**, oito participantes responderam a apresentadora de televisão e modelo Ana Rickman, mulher alta, esbelta, loira e de olhos azuis. Tal perfil também se enquadra no estilo de Aline Moraes, somando o total de nove menções. Andrade (2005), ao contextualizar a transmissão de valores e conceitos difundidos pela mídia, reforça o meio como importante divulgador de um modelo ideal de beleza e de papéis masculinos e femininos. Já a mulher morena, com curvas acentuadas, olhos castanhos e cabelos longos foi citada por treze alunas, sendo o perfil mais votado. Ressaltamos que grande parte das figuras femininas mencionadas estava em voga na televisão, naquele momento. Quando indagadas sobre a figura masculina que mais admiram fisicamente elas assinalaram atores, cantores e esportistas, sendo Dado Donabela considerado o mais bonito pela maioria, seguido de Cristhofer e Reinaldo Gianeccini. A participante 11 resumiu sua resposta em “mulheres malhadas” e “homens bombados”.

Referente às **melhores coisas da vida**, a família aparece citada por dezessete escolares, logo amigos com dez respostas e passear e namorar empatados com quatro descrições cada um. As respostas das participantes 9 e 19 que contemplam os estudos, sob um aspecto positivo, entre outros fatores como família e amigos, corrobora o estudo de Heilborn et al. (2002) sobre as expectativas depositadas na carreira acadêmica, visto como meio de conquistar melhores oportunidades e postos de trabalho. A figura divina, “Deus”, foi escrita por duas escolares (P:2 e 4), evidenciando a forte concepção religiosa dessas alunas. Del Priori (1993) sob o ponto de vista da construção histórica, aponta para modelos patriarcal e conservador, de dominação masculina, que favorecem a identificação de gênero, como descrito por três delas: “casar, ter filhos e ser bonita” (P:3), “limpar a casa” (P:7) ou “... ter liberdade” (P:8).

Já sob o ponto de vista negativo, sobre **as piores coisas da vida**, as adolescentes declararam a morte em primeiro lugar, com nove respostas, em seguida vêm brigas com três declarações. Questões familiares revela-se como elemento de análise, devido aos diferentes arranjos produzidos nesse ambiente, segundo falas das adolescentes: “... cuidar do meu irmão. Limpar a casa...” (P:5); “Minha mãe ter falecido e meu avô também e eu não ser próxima do meu irmão de sangue” (P:8) e não gostar dos “... parentes do meu pai” (P:14). Respostas que contemplam a baixa auto-imagem e auto-estima também foram mencionadas pela participante 12 que se acha “... gorda e desprezada” e pela participante 17 que diz “não conseguir um namorado”, ambas as alunas descreveram ser gorda quando se olham no espelho. Quando indagadas sobre as melhores coisas da sua vida, nenhuma adolescente descreveu o corpo como algo positivo em suas vidas, já nas piores coisas, duas relataram estar insatisfeitas com sua imagem, podendo evidenciar um maior descontentamento com a aparência corporal que contentamento. Cano et al. (1999, p. 2) assinalam que a grande preocupação da adolescente é estar em busca da beleza física, demandando esforço e dedicação para isso, já que a “[...] imagem corporal e identidade estão fortemente associadas”.

Com relação à **escola**, nove participantes descreveram como boa, cinco escolares disseram que podia melhorar, no entanto, não deixaram sugestões ou aprofundaram o assunto. Na categoria que contempla alunos ruins, destacamos duas respostas, a da participante 4 que escreve: “... não é uma boa escola, porque os alunos riscam as paredes e fazem o que querem” e da participante 20 que considera uma boa escola, mas com alunos ruins. Quatro alunas declaram ser uma escola boa, mas desorganizada, argumentando a falta de higiene e meios de educação como fatores negativos da instituição. A opinião das alunas sobre tal contexto contribui para a ampliação da discussão do universo escolar ser um ambiente ideal para trabalhar e discutir temáticas emergentes, já que algumas o visualizam como descuidado, desorganizado e com falhas de comunicação interna, tanto de regras, como de limites.

Quadro 3. Distribuição qualitativa das falas das escolares das oitavas séries, da escola pesquisada, referente à questão 8: “o que significa sua família para você?”

CATEGORIA*: SIGNIFICADO DA FAMÍLIA	TOTAL
“... tudo na vida...”	17
“Ter com quem contar...”	5
“... amizade, amor, felicidade...”	3
Outros**	3
“União...”	2

* Houve mais de uma resposta para algumas participantes.

**Outros: “Nada, (...) é separada...”; “... primeiro Deus e segundo a família”; Em Branco.

A maioria, dezessete participantes, declarou a família como “tudo” e as três categorias seguintes a referenciaram como um espaço de segurança e apoio, conforme suas palavras: “... sem ela eu acho que não seria nada, porque sem ela nós vamos contar com quem...” (P:4); “companheiros, legais e gente boa” (P:5); “eu acho que é estar unido acima de tudo”(P:10); “a minha família é como se fosse um porto seguro, um apoio para mim...”(P:11); “... eles me dão muita força” (P:24); “o começo de tudo, o apoio para a vida” (P:25). Uma aluna respondeu sob uma ótica negativa sobre sua família, como descreve: “nada, minha família é separada, não tem união” (P:7). Para a maior parte das alunas a família é mencionada como referência de diálogo,

espaço de afeto e compreensão, entendido como importante dado para análise, visto que tanto a figura materna, como a família são descritos pelas alunas como elementos essenciais para formação e manutenção de referenciais de amizades, de mulher e de mãe.

Ao perguntar às escolares se elas **gostam de ser mulher**, somente uma aluna respondeu que não, a participante 15, todas as outras responderam sim, tais informações levaram à elaboração do Quadro 4, que segue.

Quadro 4. Distribuição qualitativa das falas das escolares das oitavas séries, da escola pesquisada, referente à questão 9: por que você gosta de ser mulher? Identifique vantagem e desvantagem”.

P*	PORQUE	VANTAGENS	DESVANTAGENS
1	“sim”	“... hoje está sendo valorizada, pois o que enfeita nosso Brasil são as mulheres”	“... ter responsabilidade dentro de casa, no trabalho, para ter a honra de ser chamada de Mulher”
2	“... às vezes somos muito amadas”	“estar de bem com a vida”	“ser muito humilhada”
3	“... engravida”	“... usar saia, pintar a unha, por brinco, pintar o cabelo”	“jogar bola, por boné, por bermuda”
4	“sim”	“não depender de ninguém”	“pensar que nós não somos capazes de fazer nada”
5	“... sou feliz assim”	“... se arrumar”	“... os pais pegarem no pé”
6	“... gosto muito!...”	“... eu sou vaidosa”	“... os meus pais ficam no pé”
7	“gosto”	“... numa festa mulher paga menos”	“limpar casa”
8	“sim, muito”	“tem beleza natural e pode ter beleza artificial”	“... gerar filhos durante nove meses e não ter todas as liberdades que um homem têm”
9	“gosto de ser mulher”	“tem suas vantagens...”	“menstruar”
10	“... mulher é muito bom, em alguns sentidos”	_____	“... existe muita desvantagem no mercado”
11	“eu amo ser mulher, recebemos elogios, somos paparicadas, cuidadas...”	“... ganhar presentes, temos tudo que queremos, ...”	“... no setor de trabalho onde os homens tem mais oportunidades”
12	“... pode ser mãe”	“ser mãe”	“menstruação”
13	“... podemos dar a vida”	_____	“emprego”
14	“... tem o privilégio de carregar uma criança consigo”	“mulheres são mais responsáveis”	“aquilo que todo mês tem”
15**	“eu me identifico sendo mais homem”	_____	_____
16	“... é tão legal é divertido	_____	_____
17	“mulher”	“... a gente é muito vaidosa”	“... menstruar...”
18	“eu gosto de ser eu mesma!”	“ter filhos”	“estragar o corpo”
19	“... sonho em casar e ter filhos”	_____	“cólicas”
20	“sim, gosto”	_____	_____
21	“sim”	_____	_____
22	“sim”	“tem coisa que é bom pra mulher”	“ser homem eu acho que é melhor do que ser mulher”
23	“... eu nasci assim”	“... é mais caprichosas com as coisas”	“... a gente sofre demais”
24	“sim...”	“... desenvolve mais rápido a mentalidade”	“menstruação”
25	“... tem muitos meios de ser feliz como, por exemplo, ter filho”	“ter filho que é a vantagem maior”	“a dor de ter!”
26	“... é muito bom e (...) pode ter bebê”	“... ser mãe”	“... tem muita fama...”

*P: Participante.

**A participante 15 é interpretada pela classe como homossexual feminina.

Ao serem indagadas sobre **as vantagens de ser mulher** as alunas declararam como positivo o fato de poder se arrumar, usar maquiagem, pintar as unhas e o cabelo, colocar brinco, com um total de seis respostas, como explicitado na fala de uma participante ao se referir à vaidade feminina: “tem beleza natural e pode ter beleza artificial” (P:8). Os benefícios da aparência física é tema de estudo de Goldenberg e Ramos (2002) que identificam o excesso de significado atribuído ao corpo como expressão de identidade, já que mencionam um contexto social e histórico instável, com instituições como família, igreja e trabalho enfraquecidas. Seguindo a mesma linha de raciocínio, sob um enfoque social, Wüsthof (1998) vê na grande expressividade e importância conferida à imagem corporal uma forma de reconhecimento, e Forones (2000) interpreta os exageros cometidos pelo excesso de vaidade como um pedido de amor.

O fato de ser mãe foi mencionado por quatro adolescentes como vantagem, responsabilidade e amadurecimento mental também foi citado por duas delas.

Com relação **às desvantagens**, as respostas assinalam para questões de distinção de sexo e gênero. Assim, declarações associadas à dor de parto e ficar nove meses grávida foram associadas com desvantagens da fisiologia feminina, bem como cólicas e menstruação. Já no que diz respeito a gênero, as informações se mesclam na falta de oportunidade no mercado de trabalho, no controle e falta de liberdade exercido pelos familiares e a atribuição de responsabilidades em tarefas domésticas. Os dados relacionam-se com outras pesquisas que analisam adolescentes de classes populares como mais internalizadas no âmbito familiar, desempenhando trabalhos de casa e cuidando de irmãos menores, maior controle e vigia dos pais ou responsáveis, além de falta de perspectiva profissional, por entrarem no mercado de trabalho tardiamente, devido à sua dedicação às tarefas domésticas (HEILBORN et al., 2002). Em outros momentos tais temáticas já foram levantadas, tanto no questionário, quanto em conversas informais, mostrando a relevância em discutir e refletir sobre gênero, nível socioeconômico, grau de escolaridade e entorno social.

Respostas sobre cobrança estética “estragar o corpo” (P:18) e ser malvista socialmente, “por que a mulher tem muita fama de várias coisas” (P:26) também foram somadas aos aspectos de gênero e a estudos que associam o discurso de sexualidade às construções e representações sociais para os distintos sexos, tendo a mulher cobrança estética maior em relação à sua aparência física, relacionada à juventude e rigidez e o homem referenciado como forte e viril, sendo valorizado por sua *performance* sexual (HEILBORN, 2006; RIBEIRO, 2006; VILLELA, 2005).

Quadro 5. Distribuição qualitativa das falas das escolares das oitavas séries, da escola pesquisada, referente à questão 10: “o que você mais gosta no seu corpo?”

CATEGORIA: GOSTO MAIS	TOTAL	RESPOSTA*
CABEÇA	17	“Olhos”(P:2, 3, 4, 6, 11, 19, 20, 23, 25 e 26); “Boca”(P:1, 3, 7, 10, 11, 17, 19 e 23); “Cabelo”(P:2, 3, 11 e 15); “Sorriso”(P:5 e 6); “Rosto”(P:11 e 24) e “Sobrancelhas”(P:10).
CORPO	14	“Pernas”(P:4, 7, 11, 13, 22 e 25); “Barriga”(P:5, 13, 14, 19 e 22); “Seios”(P:7, 8, 9 e 21); “Mãos”(11 e 14); “Bumbum”(P:1) e “Cintura”(P:3).
TUDO	2	“Tudo”(P:16 e 18).
EM BRANCO	1	_____

* Houve mais de uma resposta para algumas participantes.

Nessa questão, as participantes demonstraram **gostar mais** dos olhos, boca, pernas, barriga, cabelo e seios, sendo, nessa seqüência, as partes mais mencionadas por elas. A saúde bucal de adolescentes de diferentes estratos sociais é apresentada como fator de aceitação social por Elias et al. (2001), considerado importante componente da aparência pessoal, sendo os dentes encarados como um recurso para se ficar bonito. As respostas referentes a pernas e barriga chama a atenção, visto que outros estudos evidenciam tais partes de forma negativa, como motivo de insatisfação corporal pelas mulheres (CONTI; FRUTUOSO; GAMBARDELLA, 2005), bem como o cabelo que no quadro seguinte é apontado como a parte que menos gostam do seu corpo e aqui o quinto mais votado, entre as partes que mais gostam.

Quadro 6. Distribuição qualitativa das falas das escolares das oitavas séries, da escola pesquisada, referente à questão 11: “o que você menos gosta no seu corpo?”

CATEGORIA: GOSTO MENOS	TOTAL	RESPOSTA*
CORPO	13	“Barriga”(P:4, 9, 15, 17, 23 e 25); “Mãos”(P:2, 3 e 21); “Pernas”(P:3, 8 e 12); “Pés”(P:3 e 24); “Bunda”(P:3); “Braços”(P:5); “Estrias”(P:9) e “Seios Grandes”(P:26).
CABEÇA	11	“Cabelo”(P:1, 7, 13, 20, 22 e 23); “Rosto”(P:6, 12 e 22); “Bochechas”(P:11 e 25) e “Nariz”(P:19)
TUDO	2	“Eu não gosto de 90% do meu corpo”(P:10); “Nada”(P:14).
SATISFEITA COM O CORPO	1	“...estou satisfeita com o meu corpo”(P:16).
EM BRANCO	1	_____

* Houve mais de uma resposta para algumas participantes.

Ao perguntar sobre **as partes que menos gostam**, as escolares elegeram o cabelo, a barriga, as mãos e as pernas como as mais citadas. A comparação entre elas é elucidada nos comentários feitos: “minha barriga não está maior que a dela!” ou “queria ter o seu corpinho”, e é também tema do estudo de Outeiral (1994), citado no artigo de Cano et al.(1999), que descreve a estatura, peso, menstruação, volume das mamas, acne, celulite e estrias como elementos que servem de comparação freqüente entre as adolescente, norteador da elaboração de identidade. Em pesquisas que exploraram questões fisiológicas e o desenvolvimento corporal nessa fase da vida, como assinala Gherpelli (1996), sobre o aumento de alguns órgãos que acontece primeiro que outros como mãos, orelhas, pernas, havendo desequilíbrio visual momentâneo no aspecto corporal, assim como mudança no timbre de voz e nascimento de pêlos em determinadas partes do corpo. Rice (2000) explora a temática da acne e do cheiro corporal liberado na puberdade, ocasionado por aumento de produção das glândulas sudoríparas e sebáceas, aumentando a oleosidade da pele e cabelo, bem como as *chances* de mau odor.

Em estudo desenvolvido na Espanha, com 690 adolescentes, entre 12 a 18 anos, realizado em colégios públicos de Madrid, os dados mostram maior insatisfação corporal por parte das

meninas, sob vislumbamento de um corpo feminino delgado, sendo as partes que causam maior mal-estar nelas correspondentes à metade inferior do corpo (cintura, quadril, nádegas e coxas), região que acumula maior quantidade de gordura nessa fase de desenvolvimento puberal (MIÑANO; GALLIANO; DÍAZ, 2002). Em um outro momento, Miñano (2005) detecta, também, na chegada da puberdade, maior insatisfação feminina com a aparência física comparada com a masculina, sendo partes que acumulam gordura como quadril, nádegas e coxas, descritas como muito grossas por elas, fator que se inverte quando se considera os seios fartos. Em relação à imagem corporal, Conti, Frutuoso e Gambardella (2005) justificaram que meninas, entre 10 e 14 anos de idade, com excesso de peso, estão mais insatisfeitas com diversas áreas do corpo como cabelo, nádegas, quadril, coxas, pernas, estômago, ombros/costas, tônus muscular, peso e aparência de forma geral.

Quadro 7. Distribuição qualitativa das falas das escolares das oitavas séries, da escola pesquisada, referente à questão 12: “você faz algo para o seu corpo estar sempre bem? Se positivamente, o quê.”

CATEGORIA: SE FAZ ALGO PARA O CORPO	TOTAL	RESPOSTA
SIM	16	“Caminhada”(P:6, 11, 16 e 26); “Exercícios”(P:1, 3 e 19); “Dieta”(P:5 e 23); “Dançar”(P:7 e 16); “Comer coisas saudáveis...”(P:15 e 22); “Correr”(P:3); “Bicicleta”(P:8); “Lutas...”(P:10) e “Futebol e Malhação”(P:8)
NÃO	10	“Comer muito”(P:13 e 14); “... nasci de bem com a vida”(P:2); “...como de tudo...”(P:13 e 14) e “...uma alimentação balanceada...”(P:20)

A maior parte das respostas corrobora à literatura que indica atividades físicas desenvolvidas por meninas de cunho individual e direcionadas para a parte estética, como a caminhada, descrita por quatro participantes, exercício (abdominal) e dietas, sendo os esportes coletivos, que desenvolvem outras competências, como as afetivo-cognitivas e sociais pouco estimulado entre elas, conseqüentemente pouco praticado (CONTI; FRUTUOSO;

GAMBARDELLA, 2005; MIÑANO; GALLIANO; DÍAZ, 2002; SALLES-COSTA et al., 2003). Segundo García et al. (2002), em estudo realizado em 82 centros escolares de ensino público espanhol, com o total de 4 320 alunas, entre 12 a 16 anos de idade, os dados confirmam a desmotivação em aulas de Educação Física, especialmente vivenciada no Ensino Médio, conforme avança a idade diminui a valorização e a quantidade de atividade física realizada pelas meninas. Os estudiosos atribuem as causas a fatores familiares, grupos de amigos, identificação e afirmação com os esportes, desenvolvimento pessoal, socialização e riscos derivados da competição. Para eles, os níveis de abandono são significativos, quando se compara à faixa etária de 12 e 16 anos.

Quadro 8. Distribuição qualitativa das falas das escolares das oitavas séries, da escola pesquisada, referente à questão 13: “você já sofreu preconceito por alguma característica do seu corpo? Descreva”

CATEGORIA: SE JÁ SOFREU PRECONCEITO	TOTAL	RESPOSTA
SIM	18	“...cabelo...”(P:2, 9, 11 e 22); “Gorda”(P:7, 12 e 25); “...nariz”(P:6 e 19); “...baixa”(P:12 e 14); “...magra”(P:16 e 20); “...ser alta...”(P:10); “...bunduda”(P:12); “...gostar de mulher e por causa da minha roupa”(P:15) e “...meu peito...”(P:26).
NÃO	7	“...todo mundo diz que meu corpo é bonito”(P:3).
EM BRANCO	1	_____

A maior parte das citações está atrelada ao cabelo, peso e estatura, com dezoito menções mescladas entre si. Uma participante descreveu sofrer **preconceito** por ser homossexual, como afirma: “eu sofri preconceito por gostar de namorar mulher e por causa da minha roupa” (P:15), a mesma aluna descreveu não gostar de ser mulher e se identificar mais com menino, como apresentado no Quadro 3 . O desabafo pode explicitar a intolerância com aquele que é considerado diferente, em outras palavras, que foge dos padrões heterossexuais e convencionais, conforme argumenta Silber e Castells (2002) sobre a diversidade das expressões da sexualidade. Os autores

esclarecem que a homossexualidade não constitui um desvio ou uma anormalidade, e que todas as pessoas têm o direito de vivenciar sua sexualidade de forma plena, merecendo amor familiar, aceitação social e atenção profissional. Sete participantes revelaram não ter sofrido nenhum tipo de preconceito.

4.5.3 Terceira Parte: Questões Sobre Sexualidade

Quadro 9. Distribuição qualitativa das falas das escolares das oitavas séries, da escola pesquisada, referente à questão 1: “o que você entende por sexualidade? Descreva”.

CATEGORIA: SIGNIFICADO DE SEXUALIDADE	TOTAL
“Nada”	7
Em Branco	6
“...sexo”	5
“Pouco”	5
“...opção sexual”	2
Outros*	2

*Outros: “...ter filhos...”; “Preconceito.”

Grande parte das escolares, sete, descreveu “nada” e cinco relataram “pouco”, além de seis respostas deixadas em branco, somando o total de dezoito citações sem contextualização. As demais associaram **sexualidade** com ato sexual e reprodução. Nesse sentido, fica evidente a falta de conhecimento sobre o tema, constituindo assunto importante a ser desenvolvido e explorado nas oficinas. Em estudo realizado na Bahia com quatrocentos estudantes de 10 a 14 anos de idade, também foi analisado o nível de compreensão sobre sexualidade, os resultados mostram nível de informação insatisfatório em todas as faixas etárias (GOMES et al., 2002).

Quadro 10. Distribuição qualitativa das falas das escolares das oitavas séries, da escola pesquisada, referente à questão 2: “para você o que é sexo? Descreva”.

CATEGORIA*: SIGNIFICADO DE SEXO	TOTAL
Outros**	11
“...relacionado com o amor”	10
“...relação entre duas pessoas”	4
“...complemento no relacionamento”	4
Em Branco	2

* Houve mais de uma resposta para algumas participantes.

**Outros: “...confiança...”; “...algo bom”; “...não sei...”; “...prevenção...”; “... forma de descanso...”; “...não quero fazer tão cedo...”; “... relacionado com prazer”.

O ato sexual, associado como o elemento amor, foi citado por dez participantes, as quais descrevem “uma relação entre duas pessoas que se amam...” (P:2); “...é uma coisa que a pessoa faz com a pessoa amada” (P:4); “sexo para mim é: importante quando se ama muito” (P:6); “eu acho que sexo é uma coisa normal, mas que tem que ser feito com amor” (P:26). Relacionar prática sexual e amor parte da idéia de amor romântico e entrega, calcada na identidade de gênero, vinculado ao exercício da maternidade (BORGES; SCHOR, 2002; GIDDENS, 1995; VILLELA, 2005). Tais considerações também contemplam as respostas que vêm na prática sexual como complemento do relacionamento ou algo que deva ser feito com uma pessoa de confiança, “...tem que saber a pessoa certa, porque não é com qualquer pessoa” (P:23).

Na terceira pergunta sobre **violência sexual**, apenas uma aluna respondeu não ter conhecimento sobre o assunto. Nove mencionaram o estupro como sinônimo de violência sexual e todas as outras que disseram conhecer associaram como algo desprezível e deplorável. Duas acreditam não ter explicação, alegando existir prostitutas.

Quadro 11. Distribuição qualitativa das falas das escolares das oitavas séries, da escola pesquisada, referente à questão 4: “você já ouviu falar de Doenças Sexualmente Transmissíveis? E AIDS? Fale um pouco disso”

CATEGORIA: SE JÁ OUVIU FALAR DE DST/AIDS	TOTAL	RESPOSTA *
SIM	25	“...a AIDS pega quando faz sexo sem camisinha...”(P:3, 4, 5, 6 e 24); “sim”(P:7, 8, 14 e 22); “... são transmitidas durante a relação sexual e AIDS é uma delas”(P: 2, 10 e 12); “...da AIDS...”(P:9, 16 e 17); “... acontece com quem não se previne”(P:1 e 19); “...são muitas que matam”(P:12 e 26); “...não tem cuidados especiais com a própria saúde”(P:1) “...na escola”(P:13); “...muitas vezes!”(P:18); “...quando a pessoa tem AIDS ela faz sexo e a outra pessoa pega e eu acho que essa doença mata”(P:20); “...não sei explicar como elas são”(P:25).
EM BRANCO	1	_____

Ao questionar sobre o **conhecimento de doenças sexualmente transmissíveis**, as escolares associaram o não uso de preservativos, durante o ato sexual, como principal fonte de transmissão de **DST e AIDS**. Respostas vagas, como ter escutado “muitas vezes” (P:18) ou “são muitas que matam” (P:12 e 26) merecem atenção, visto a falta de esclarecimentos e argumentação das adolescentes, que não citaram outras formas de contágio, sem ser aquele atrelado à prática sexual.

4.5.4 Quarta Parte: Sugestões

Quadro 12. Distribuição qualitativa das falas das escolares das oitavas séries, da escola pesquisada, referente à questão 1: “cite cinco temas ou questões que você gostaria de discutir conosco”.

CATEGORIA	TOTAL	RESPOSTA*
TEMAS RELACIONADOS À SEXUALIDADE		
Discussão sobre Sexo	18	“DST”(P:10, 13, 15, 22, 23 e 25); “Sexo”(P:6, 7, 8 e 23); “Como pega AIDS, seus sintomas e se tem cura”(P:3, 6)
Discussão sobre Gravidez		“Violência sexual” (P:7 e 15); “Sexo antes da hora”(P:7); “Prostituição”(P:8);
Discussão sobre Métodos Contraceptivos		“Como se faz sexo oral”(P:22); “Posições no sexo”(P:24)
Discussão sobre Virgindade		“Gravidez na adolescência”(P:12, 13 e 25); “...aborto”(P:8); “Porque têm mulheres que não engravidam”(P:19). “Remédio para se prevenir”(P:1, 12, 13, 17 e 19); “...como se proteger de doenças”(P:16, 19 e 22); “Camisinha”(P:12). “...dói?”(P:17 e 24) “...quando o homem tira a virgindade de uma menina ele faz como a gente pede...”(P:5); “Virgindade”(P:11).
TEMAS RELACIONADOS AO CORPO		
Discussão sobre Sexualidade	11	“Sexualidade”(P:10, 12, 14, 19 e 25); “Tudo da nossa idade”(P:2, 4 e 26); “Sobre o corpo...”(P:6 e 19); “Amar a si mesma”(P:11); “Aspectos físicos”(P:11).
Discussão sobre Homossexualismo		“Homossexualismo”(P:15)
Discussão sobre os Cuidados Pessoais		“Obrigação de ir ao ginecologista”(P:1); “Cuidados com as partes íntimas”(P:1).
EM BRANCO	4	_____

* Houve mais de uma resposta para algumas participantes.

As temáticas, de **maior interesse e curiosidade**, referenciadas pelas participantes, relacionam-se com sexo, gravidez, transmissão de doenças, métodos preventivos, sexualidade e virgindade.

Quadro 13. Distribuição qualitativa das falas das escolares das oitavas séries, da escola pesquisada, referente à questão 2: “livre para falar ou desenhar o que quiser”

CATEGORIA: LIVRE PARA EXPRESSÃO	PARTICIPANTE
“A maior alegria é viver de bem com a vida”	1
“Antes éramos três eu, você e a felicidade, hoje somos dois eu e a saudade”.	2
“Dar valor na sua vida porque tua vida é valiosa... Boa Sorte. !!!”	3
“Perguntei a Deus qual o maior pecado? me respondeu, amar sem ser amada”	4
“não tenho nada para desenhar nem falar”	5
“SEXO”	6
“Porque Deus não colocou as pessoas nos lugares certos, tipo amor”.	7
“EU ADORO A PITY”	10
“Eu gostaria que não existisse a violência sexual e as DST”	12
“LOVE”	15
“Aproveite até o último dia de sua vida porque ela é curta!”	16
“Obrigada !!! OK”	19

Nesta terceira parte do questionário, referente às questões de sexualidade, os resultados coletados evidenciaram uma excessiva curiosidade das adolescentes ao ato sexual e à reprodução, bem como tais temáticas são apresentadas por elas como preocupações que as afligem em relação à sua sexualidade. No que se refere às inquietações levantadas sobre o corpo, três estudantes mencionaram que gostariam de discutir melhor tal questão, contudo, as respostas centralizaram-se na higiene corporal. O cuidado diário e a atenção despendida com a aparência física apareceram em algumas respostas, sob a forma de coisas ruins da vida, no caso, estar acima do peso idealizado socialmente, nos meios utilizados para ganhar formas corporais, dietas e exercícios, no uso de ornamentos e vestimentas que as deixem mais expostas e atraentes. Os achados também mostram uma idealização por figuras femininas midiáticas, principalmente atrizes e personagens de novelas.

4.6 Plano Didático/Pedagógico às Ações/Intervenções Educativas(Oficinas Pedagógicas)

As oficinas desenvolvidas com as adolescentes aconteciam durante as aulas, no período vespertino, com um encontro semanal, com duração de 50 minutos, em sala de aula. O planejamento dos encontros foi estruturado a partir do calendário escolar e de acordo prévio estabelecido com as duas professoras de Ciências e direção. Em algumas ocasiões especiais, pensando na possibilidade de imprevistos, também foi estabelecido contato antecipado com as docentes de Educação Artística, Português e Inglês, para as oficinas serem realizadas durante suas aulas.

O tempo de vivência no contexto escolar, da pesquisa propriamente dita, foi de vinte e três semanas, iniciando em março e a última atividade foi concluída na segunda semana de outubro de 2006. Decorreu em um ano turbulento e, muitas vezes, passando por situações incontroláveis, elucidadas no universo em questão. Assim, ataques de facções criminosas organizadas, copa do mundo de futebol, programação da feira do livro, passeios extra-escolares, bem como o alto número de alunos por classe, demora para entrar em sala, falta de professores, com conseqüente dispensa dos alunos, vieram alterar a programação do nosso calendário e contribuir para o prolongamento do estudo de campo. A maior permanência na instituição possibilitou diálogos com professores, funcionários, direção e alunos de outras séries, somando elementos e enriquecendo a análise qualitativa.

As participantes estiveram em interação com as pesquisadoras, por meio de um processo educacional de elaboração e construção de conhecimento, de forma a resultar “[...] um produto novo e confrontante tanto com a realidade concreta como com as hipóteses e pressupostos teóricos, num processo mais amplo de construção de conhecimentos.” (MINAYO, 2004, p. 105). Tais ações estiveram articuladas ao processo educativo e ao meio social ao qual pertencem, sendo baseadas em métodos participativos, de forma a contemplar a pesquisa-ação, como meio para se alcançar subsídios para a análise, compreensão e

interpretação dos problemas em foco, “[...] favorecendo o estabelecimento do diagnóstico, das necessidades e do perfil do grupo específico investigado.” (BUENO, 1997-8, p.117).

Os dados apresentados permitiram uma primeira avaliação diagnóstica das participantes como forma de um olhar inicial e estabelecimento de diálogo contextualizado com a realidade, detectando algumas necessidades das alunas estudadas. A construção e o desenvolvimento das oficinas dependeram dessa análise inicial e das dúvidas e questionamentos elucidados em cada prática educativa. Aclaramos que tanto as temáticas mais mencionadas por elas no questionário, quanto perguntas decorrentes da vivência se confirmaram no decorrer do estudo. Assim, temas relacionados à sexualidade, ato sexual, gravidez na adolescência, métodos anticoncepcionais, DST e prevenção de doenças foram os mais citados nos questionários, bem como os assuntos que despertaram maior curiosidade nas escolares, durante o desdobramento da pesquisa. Reforçamos que as informações coletadas no plano piloto serviram de base para possíveis ajustes, e não como cópia, visto que cada vivência foi construída segundo as necessidades vigentes desta amostra em foco.

As oficinas, detalhadas em seguida, estão estruturadas nas respostas das alunas, nas conversas informais e nos questionamentos advindos de cada encontro, apresentadas por temáticas e descritas com a seguinte organização: ordem crescente de oficinas, contato com os professores, contato com as alunas, conteúdo desenvolvido, objetivo(s), estratégia(s) de ensino, material(is) utilizado(s), comentário(s), avaliação e referência. A interpretação e discussão dos achados discorrem em cada oficina, sendo o tópico “comentários” o de maior riqueza de análise, já que aborda conversas extraclasse, com falas carregadas de sentimentos, dúvidas pessoais e desabafos.

4.6.1 OFICINA 1 – SEXUALIDADE E A TOLERÂNCIA COM O OUTRO

● Contato com os Professores

Nesse dia, a professora de Ciências faltou e a professora substituta, formada em Letras, nos acompanhou.

● Contato com as Alunas

Os alunos se mostravam muito agitados, tardaram para entrar em classe e insultavam uns aos outros. Gritos, muita movimentação e conversas paralelas que atravessavam a sala eram utilizados para chamar a atenção. Os celulares e aparelhos de som também foram motivos para distração e interrupção durante o diálogo.

- Conteúdo Desenvolvido

Exploramos o tema sexualidade, sua dimensão e suas diferentes vivências em determinadas culturas.

- Objetivos

Identificar o conhecimento que as escolares tinham sobre sexualidade. Conceituar e mostrar diferentes formas de vivenciar a sexualidade em distintas culturas e épocas. Estimular diálogos sobre a tolerância com o diferente.

- Estratégias de Ensino

Através da exposição oral (aula dialogada e interativa), utilizamos da dinâmica de grupo, tempestade cerebral, para resgatar conceitos sobre sexualidade. Fomos escrevendo na lousa as expressões mencionadas pelas alunas, em cores diferentes. Depois pedimos para quem quisesse ir à frente para fazer a ligação entre as palavras que consideravam ter um elo. Elas chegaram à conclusão que sexualidade é um termo amplo, pois se expressa de diversas formas. Dialogamos sobre suas vivências e sobre o conhecimento de outros hábitos de vida, costumes e tradições. Para estimular a curiosidade, apresentamos imagens xerocadas e ampliadas do livro de Marcel

Mauss, sobre modos de vida de povos primitivos. Trabalhamos conceitos de beleza em diferentes culturas e suas manifestações, bem como o valor atribuído a ela em distintas épocas.

- Material Utilizado

Giz e folhas com imagens.

- Comentários

Acreditamos que o fato de a professora titular estar ausente, com a chegada de duas novas professoras (a professora substituta e a professora pesquisadora), representou acréscimo ao processo de dispersão e agitação da classe, de forma geral. Conversas paralelas, insultos e discussões dificultavam o desenvolvimento da oficina, os quais recordamos: uma menina era chamada de baleia o tempo todo por um menino, que sentava carteiras atrás; uma outra aluna, que estava escutando música, com fones de ouvido, levantava da carteira e começava a dançar e cantar em voz alta e no outro extremo da sala uma menina e dois meninos lançavam bolinhas de papel nos colegas, com um estilingue improvisado, os quais miravam no rosto e pescoço dos colegas.

Paramos a atividade e estimulamos a reflexão sobre a situação. O menino que insultava a menina de baleia, disse que ela era mesmo gorda e gesticulou, indicando que não se importava com a opinião de ninguém. Insultos entre os adolescentes eram rotineiros, principalmente, relacionados à aparência física, como excesso de massa adiposa em alguma parte do corpo, estatura alta ou baixa, manchas na pele e problemas de dentição, expressas por eles como características corporais mais freqüentes nas ofensas e desqualificação do outro. Estudos (COURTINE, 1995; GOLDENBERG; RAMOS, 2002; SANT'ANNA, 1995; VÁZQUEZ, 1994), que exploram o corpo sob o valor de padrões físicos ideais, revelam que os atributos de corpo malhado, torneado, jovem e sem marcas superdimensionam qualidades vinculadas à condição física. E, ao fazer um paralelo com as situações elucidadas entre os

escolares, percebemos a exigência de tal padrão e a importância de tais atributos em suas formas de relacionar.

A adolescente que escutava música respondeu em voz alta que não iria parar, “porque eu tenho que ficar quieta, que parar...”, reforçando sua posição de forma agressiva para a professora: “fica na sua, que eu fico na minha”. Já a aluna que estava com o estilingue disse que não iria guardá-lo, alegando: “agora que eu não paro mesmo, ninguém mandou me acertar”.

Depois de muita conversa e atropelos, no sentido de terem dificuldades de ouvir uns aos outros, não esperar o outro terminar de perguntar, não ouvir a resposta e já questionar outra coisa em cima, os alunos participaram.

- Avaliação

Percebemos grande necessidade de expressão entre eles, de forma a estimular trabalhos mais dinâmicos e coletivos. O exercício do diálogo nesse momento mostrou-se limitado e tumultuado.

- Referência

Utilizamos como base de imagens e fundamentação teórica Marcel Mauss (1974) e os tratados civilizatórios descritos por Nobeit Elias (1990). Para levantar discussões sobre sexualidade, usamos os referencias teóricos de Cano, Ferriani e Gomes (2000), Louro (2001) e Trindade e Bruns (2003).

4.6.2 OFICINA 2 - VIOLÊNCIA

• Contato com os Professores

Foi uma semana tumultuada e tensa, devido aos ataques do Primeiro Comando da Capital (PCC) contra policiais do Estado de São Paulo que, segundo os meios de comunicação, aconteceram porque presos que comandam essa facção criminal iriam ser transferidos para presídios de segurança máxima. Vários presos de diferentes presídios se

organizaram e, por meio de ligações celulares, fizeram rebeliões com reféns. Do lado de fora dos presídios, queimaram ônibus, mataram à queima roupa policiais e civis, aterrorizaram os comerciantes para fecharem as portas de seus comércios, em horas determinadas, bem como instituições escolares, através de ameaças que chegavam por telefonemas e boatos que circulavam, entre outras atrocidades. As afrontas causaram impacto na sociedade, sentimento de insegurança e medo, as pessoas ficaram com receio de sair de casa, ir à escola, fazer compras, ou seja, realizar suas atividades diárias.

Entre os professores esse era o assunto, já que a escola encontrava-se vazia.

● **Contato com as Alunas**

Diante dessa situação, havia apenas duas alunas da oitava série B e uma aluna da oitava série A. Aproveitamos para discutir sobre o tema, saber suas opiniões sobre a violência e o quanto tal situação afetava suas rotinas.

- **Conteúdo Desenvolvido**

Incentivamos diálogos referentes às organizações criminais, a relação do crime e os consumidores de drogas, a naturalização e institucionalização dessas facções na sociedade e a falta de perspectiva social.

- **Objetivos**

Conhecer a opinião das alunas sobre a violência institucionalizada e levantar questionamentos sobre a naturalização da violência no nosso dia-a-dia.

- **Comentários**

Uma aluna afirmou conhecer um dos comandantes do crime organizado (PCC) da cidade, dizendo morar no mesmo bairro. Ela conta que os moradores têm um trato velado com eles, nunca vêem nada e não sabem de nada, em troca comércios e residências recebem proteção dos criminosos. Caso alguém não queira colaborar, provavelmente paga um preço alto, sua vida. Um sistema movido pelo medo e silêncio. Ela diz perceber a adesão cada vez

maior de adolescentes a viver na marginalidade, na ilusão de ter moto, carro, casa e dinheiro no bolso. E relatou que é comum ouvir discursos assim “prefiro viver pouco e morrer jovem com dinheiro no bolso, do que viver muito e morrer velho e pobre”.

4.6.3 OFICINA 3 – DESENVOLVIMENTO SEXUAL E CUIDADOS PESSOAIS

● Contato com os Professores

Chegamos mais cedo, à espera do horário na sala dos professores, onde já se encontrava a professora de Educação Artística. Conversamos sobre a dificuldade dos alunos em seguir as regras, a falta de limites e os valores transmitidos na educação familiar, fatores que estavam desencadeando processos irrecuperáveis de convívio social e de cidadania. Concomitantemente, o diretor da escola, juntamente com uma professora, conversavam com um aluno que, aparentemente, estava sendo chamado à atenção por mau comportamento em sala de aula. Ao soar o sinal, acompanhamos a docente que ficou ao lado da porta esperando os discentes entrarem na sala, chamando-os, a maioria estava dispersa no pátio e no corredor. Ela disse que isso era uma rotina, que perde parte de sua aula para recolher alunos fora de sala, esperar que eles se acomodem e fazer a chamada. Contou que aparelhos eletrônicos, como celulares, *disckman* e *mp3*, também contribuem para saídas da classe e dispersão dos mesmos.

● Contato com as Alunas

- Conteúdo Desenvolvido

Após dividir a sala em dois grupos, pedimos para desenhar, em uma folha de papel cartão, tudo aquilo que é visível no corpo humano de um homem e de uma mulher. As alunas foram orientadas que aquele desenho seria o início de um processo educativo sobre o desenvolvimento sexual de homens e mulheres, suas transformações hormonais e transformações físicas, como o aumento da estatura, aumento de mamas, além das

transformações psicológicas, tais como o desenvolvimento do desejo sexual, da libido, além de outros fatores.

Explicações sobre aspectos biológicos, psíquicos, emocionais e sociais, relacionaram-se com conceitos explorados no encontro anterior, como sexualidade e respeito às diferenças. Para melhor contextualizar as mudanças na puberdade, pontuamos temas referentes à identidade sexual, aparência física, mudanças hormonais e comportamentais, complementando a discussão com modelos de beleza idealizados em outras culturas.

Questões do cotidiano das alunas foram citadas para informar sobre a importância da higiene pessoal e coletiva. Assim, aspectos relacionados a lavar as mãos antes e depois de ir ao banheiro, cortar as unhas, lavar e pentear os cabelos, não dividir a toalha de banho e roupas íntimas, vestir roupa limpa, bem como esterilizar objetos cortantes e de uso em comum (alicate, pinça, tesouras, agulhas) foram ilustrados no momento em que falávamos de mudanças hormonais e diferenças entre sexo e/ou gênero. Levantamos questionamentos sobre as fases de transição na adolescência, contextualizando experiências relatadas por elas.

- Objetivos

Verificar no desenho do corpo humano, realizado pelas alunas, os detalhes e as formas realçadas na figura feminina e masculina. Estimular o trabalho em grupo. Resgatar conceitos biológicos das aulas de Ciências, apresentar interferências sociais e psicológicas que atuam no processo de transição hormonal das adolescentes. Contextualizar todo o conteúdo com questões de higiene e cuidados pessoais.

- Estratégias de Ensino

Separamos a turma em dois grupos, havendo uma alteração na disposição das carteiras, e pedimos para desenharem o corpo de um homem e uma mulher em uma folha de papel. Depois de terminado, os desenhos foram afixados na lousa para iniciar o diálogo. Resgatamos conceitos sobre o corpo humano e desenvolvimento hormonal, além de aspectos sociais e

culturais que envolvem tais transformações. Dialogamos interativamente sobre temáticas de higiene e cuidados pessoais, bem como sobre auto-imagem, auto-estima, sexualidade e padrões de beleza.

- Material Utilizado

Papel de 1,20 x 0,60cm, canetinhas coloridas, de ponta grossa e fina, e giz.

- Comentários

No momento que soa o sinal para a troca de professores, os alunos saem das salas e ficam circulando no corredor e no pátio. Alguns entram em outras salas, tiram carteiras de dentro, lançam papel e outros objetos nos colegas. Algumas meninas aproveitam para dar uma volta, falar com suas colegas de outras classes, paquerar e ir ao banheiro. Segundo a professora, isso acontece todos os dias e em todas as aulas, sendo as sétimas e oitavas séries as que mais demoram a retornar às salas. A desmotivação com o ensino é tema de discussão abordado por Cano, Ferriani e Mendonça (1999) e as conseqüências da falta desse ensino apontada por Villela e Doreto (2006) como responsável pelas poucas *chances* de interpretação de mensagens pejorativas atreladas à pobreza, negritude e feminilidade, interferindo na forma de vivenciar sua sexualidade.

A professora de Ciências, tentando ajudar, chamou os alunos para entrar na sala, ameaçando colocar faltas para aqueles que não adentrassem à sala de aula, dizendo ainda que, caso os mesmos não entrassem, as pesquisadoras não viriam mais.

- Avaliação

Em detrimento da grande quantidade de informações e da conciliação de atividade prática (desenho) com o embasamento científico, demandamos dois encontros para atingir os objetivos propostos e trabalhar as dúvidas e questionamentos elucidados. Ao final, chegamos a um balanço positivo dessas oficinas, a partir da participação das alunas com perguntas e exposição de suas vivências.

- Referência

O diálogo com as alunas envolveu diferentes correntes de pensamento e fatores que atuam na passagem da infância para a vida adulta, desde abordagens com enfoque biológico e social, decorrentes de mudanças hormonais e construções culturais, até abordagens psicológicas como estudos recentes sobre o cérebro do adolescente. As informações científicas para a elaboração das oficinas foram retiradas dos estudos de Bouer (2006), Gherpelli (1996), Ranña (2005) e Rice (2000).

4.6.4 OFICINA 4 – PADRÕES DE BELEZA E AUTO-IMAGEM

● Contato com os Professores

A linguagem corporal dos professores evidenciava a insatisfação com o ensino, estórias relatadas de outros companheiros de trabalho e pessoais, expressavam o descontentamento com cenas de agressão e violência, que já eram parte da sua rotina escolar. Reclamações de alunos sem limites, agressivos, mal-educados, sem valores e descompromissados com o ensino eram freqüentes nas reuniões. Cada semana havia um caso novo, como o menino que bateu na menina; aluno que lançou a carteira no colega de classe; alunos que não entram em aula e ficam passando nas outras séries gritando; casais namorando nos corredores, com beijos que duram quase todo intervalo; alunas com saias muito curtas e blusas decotadas; garotos que pulam o muro da escola; alunos que agredem o professor, ameaçando-o; depredação da instituição; familiares que dizem não ter controle sobre seus filhos e que já entregaram a Deus, enfim, poderíamos elaborar extenso trabalho com as estórias que ouvíamos nos encontros e que eram cada vez mais freqüentes no convívio.

O diretor nos pediu para conversar com as alunas sobre suas vestimentas, relatou não ter mais meios para lidar com tal situação, pois ao se movimentarem suas roupas íntimas ficam à mostra, assim como partes do seu corpo, seios e nádegas. E relatou que, em alguns casos extremos, quando chama a responsável para conversar sobre o assunto, a pessoa está com

menos roupa do que a adolescente, ele disse que o fato de serem mães muito jovens, esse é um fator que contribui para essa identificação.

- **Contato com as Alunas**

- **Conteúdo Desenvolvido**

Para explorar a temática proposta, trouxemos algumas revistas (Veja, Isto É, Super Interessante, Revista Expressão, Revide, Nova e Marie Claire) e folhas A4 em branco. Solicitamos às meninas que selecionassem fotos de mulheres com diferentes perfis. Assim, estilos executivo, esportista, intelectual, roqueira, alternativa, praia e festivo, foram mencionados nesse primeiro momento, para realizarem os recortes. Pedimos, se possível, buscar um estilo mais próximo do seu e um que mais gostava, caso não fosse o mesmo. O material serviu tanto para fazer um álbum como para começar um diálogo sobre auto-imagem e padrões de beleza. Durante todo o processo, as figuras que mais despertavam a curiosidade e a atenção das escolares eram de pessoas que estavam constantemente na mídia, principalmente na televisão. Após apresentar o trabalho realizado por todas, folheando, perguntando e comentando sobre suas escolhas, estimulamos um olhar mais realista para aqueles recortes, levantando questionamentos sobre os aspectos comerciais que permeavam tais imagens, construídas para vender perfumes, bebidas, óculos, cosméticos etc.

Pedimos para pensar em seus familiares, colegas, vizinhos e todos que as rodeiam, de forma a verificar que cada um possui uma estrutura corporal própria, com cabelo, cor de pele, estatura, peso e massa corporal diferentes uns dos outros. Ressaltamos a normalidade das transformações corporais que estavam vivenciando e seus estranhamentos, umas com o aumento de peso, outras de quadril e mamas, bem como nariz, mãos e pernas. E que o diferente não significa ser feio nem bonito, mas ser único e original. Além de estilos e biótipos, propomos diálogos sobre a exposição do corpo feminino, comparando homens e mulheres nos meios de comunicação.

- Objetivos

Identificar como anda a auto-imagem das adolescentes e quais os padrões de beleza feminino por elas idealizados e apresentar estilos e biótipos distintos, estimulando o diálogo e reflexão sobre modelos de beleza e venda.

- Estratégias de Ensino

Através de recortes e colagem de imagens extraídas de revistas, iniciamos diálogo interativo, estimulando a reflexão e discussão sobre o assunto.

- Material Utilizado

Folhas em branco A4, tesouras, régua, cola e revistas (Veja, Isto É, Super Interessante, Revista Expressão, Revide, Nova e Marie Claire).

- Comentários

Ao término do encontro, uma aluna referiu achar que estava grávida. A mesma já havia perguntado como eram os exames realizados pelos médicos ginecologistas e, caso estivesse grávida, ela iria ou poderia contar para sua mãe. Também pontuou a falta de sensação de prazer das últimas vezes que se relacionou sexualmente, com seu namorado. Ela estava muito confusa e amedrontada com tal possibilidade, descrevendo os sintomas que poderiam ser característicos de uma gravidez, como barriga volumosa, mamas inchadas, menstruação atrasada, falta de tesão sexual, sensações de enjôo, falando de forma acelerada e questionadora, no sentido “será que isso seria suficiente para indicar uma gravidez?”. Finalizou dizendo ter apenas 17 anos de idade e que sua mãe era muito brava e que a colocaria para fora de casa. Tentamos acalmá-la, dizendo que aquele momento não era propício para se conversar, por haver outros alunos por perto ouvindo. Advertimos que, no momento do intervalo, conversaríamos com mais tranquilidade, no sentido de intervenção e encaminhamento.

Com base em estudos (CAMPAGNA, 2003; CANO et al., 1999; MANDÚ, 2006), que descrevem sobre as mudanças na vida e nos corpos das adolescentes, ressaltamos a importância das transformações biológicas e psicológicas decorrentes dessa fase, no que diz respeito ao amadurecimento sexual e reprodutivo feminino, na identificação e manejo consciente e responsável de seu corpo, agora visto e vivenciado como de adulto, pois, como alerta Bueno (2001) sobre a relevância do diálogo aberto e educativo para lidar com a sexualidade, tanto no meio escolar, quanto no âmbito familiar e comunitário, já que a falta de informação e linguagem conscientizadora podem gerar e reforçar discurso carregado de mitos e tabus, submerso em uma cultura de violência, medo e repressão.

Ao bater o sinal, havia quatro meninas aguardando para o diálogo. Com uma expressão de preocupação, uma aluna repetiu a história, dizendo estar com medo de estar grávida. Segundo suas palavras “eu sempre falo para ele (namorado) parar de brincar (se referindo ao uso do preservativo), mas ele sempre fala que sabe quando vai gozar, que eu não preciso me preocupar, que dá para saber...”. A negociação do uso do preservativo é contextualizada em pesquisa de Heilborn et al.(2002) que abordam alguns fatores agravantes do diálogo com o parceiro, principalmente porque envolvem questões de gênero e são transmitidos e reforçados por amigos e familiares. Os autores citam a pouca intimidade, a postura submissa da adolescente e a gravidez como sendo responsabilidade feminina, como elementos importantes de análise. Em outras investigações, os estudiosos apresentam a simbologia que as meninas atribuem ao ato sexual, relacionando com afetividade e amor. Assim, elas procuram estabelecer relacionamentos mais estáveis como o namoro, as quais subentendem maior intimidade e confiança, de forma a substituir o preservativo por outros métodos, tentando prevenir somente a gravidez (BORGES; SCHOR, 2005; NAVARRO-PERTUSA et al., 2006; OLIVA; SERRA; VALLEJO, 1997; TRINDADE; BRUNS, 2003).

A aluna diz que sempre usa camisinha, mas que o problema é que eles brincam muito e que no momento de muito tesão ele acaba tirando e gozando fora, ou colocando a camisinha quando está para gozar. O discurso vem reforçar a análise feita anteriormente, sobre o amadurecimento biológico e psicológico para lidar com seu corpo, seus desejos, bem como perspectivas de gênero recebidas do meio. Por conseguinte, iniciar a vida sexual com pouco planejamento e informação é discorrido por vários estudiosos (BRASIL,1998; BUENO, 2001; NARDI, 2007; WÜSTHOF, 1998; SOUZA, 2002; VILLELA; DORETO, 2006) que alertam para a importância do conhecimento e de responsabilidades sobre seu corpo e do outro.

Aproveitando o momento, explicamos alguns métodos contraceptivos, o uso da tabelinha e as probabilidades de riscos de realizar o ato sexual pensando em tirar o pênis e ejacular fora. Também foi levantada a questão dela não estar grávida, de acontecer um atraso no seu ciclo menstrual e, por isso, aqueles sintomas, mostrando a importância de procurar um médico ginecologista urgente. Ainda muito nervosa com a hipótese de gravidez, mencionou o fato da sua mãe ser uma mulher muito brava, afirmando que ela a colocaria para fora de casa, se soubesse que estava grávida e solteira, caso seu namorado não quisesse assumir o filho e se casar com ela. Usando suas palavras:

só quem conhece a minha mãe sabe como ela é brava, nervosa, com os outros ela parece ser boazinha, mas comigo ela se transforma. Ela não gosta de mim, acho que ela não queria que eu tivesse nascido, ela me maltrata até na frente das pessoas, se desfaz de mim, briga comigo, me xinga. Se você soubesse o inferno que é minha vida. Eu sempre faço de tudo em casa, ajudo no que posso, já a minha irmã que não faz nada em casa, não ajuda em nada, ela trata superbem, como uma rainha, leva ela para sair no centro da cidade, conversa com ela sobre tudo mesmo sabendo que a minha irmã teve um caso com o meu padrasto há oito anos atrás, desde os dez anos de idade ela sai com o meu padrasto, e o pior é que minha mãe sabe, aliás toda a minha rua sabe disso. Até hoje eu acho que eles saem juntos, pois ele trata a minha irmã muito bem, dá de tudo para ela, fica bajulando, quando ela arrumou um namorado foi a maior briga dentro de casa, todo mundo ficou sabendo na rua. Mesmo eu falando para a minha mãe se minha irmã pode ter namorado e até trair ela, porque eu não posso ter também, o que seria pior? Mas não tem conversa se eu estiver grávida, ela vai me colocar para fora de casa e não vai querer saber de conversa.

Perguntamos se era o padrasto dela que sustentava a família. Respondeu que sim, reforçamos o quanto deveria estar sendo difícil para a mãe aceitar tal situação e que, devido às circunstâncias e todos os problemas que sua irmã passou, ela (mãe) se preocupava e tentava amenizar a situação, e com ela existia maior exigência e, talvez, maior concentração de expectativas. A fala da adolescente evidencia tanto a questão de gênero, a figura da mulher submissa e responsável pelo universo doméstico, como vertentes da marginalidade explicitada nos relacionamentos que estabelecem no seu entorno familiar. Exploramos algumas hipóteses como forma de refletir sobre a temática exposta: o agressor e/ou violador sexual (padastro), sendo o mantenedor das despesas, o qual exerce um certo poder, no universo em questão; a submissão da mãe a essa situação, no trato e responsabilidade com sua filha e consigo mesma; a precária condição socioeconômica, evidenciada na falta de perspectivas e possibilidades de emprego, além da forte estrutura patriarcal masculina, que oferece suporte a tal condição. A adolescente também evidencia, em sua linguagem, a falta de diálogo, apoio e carinho que mantém com seus cuidadores, uma outra vertente importante de análise, visto que alguns estudos pontuam a importância desse elo e dessa comunicação para se sentirem mais seguros, possibilitando uma vida sexual mais responsável (BORGES; NICHATA; SCHOR, 2006; TAQUETTE, 1997). Tais fatores se somam à possível gravidez indesejada, a qual demandaria mais custos, talvez por isso a preocupação da mãe, explicitada no discurso da aluna, no sentido de perder seu mantenedor, com a chegada de mais uma pessoa para comer.

Compartilhavam da conversa mais três alunas, sendo duas irmãs e uma outra aluna que já havia participado de alguns encontros no semestre anterior. Por motivo de falta, repetiu a oitava série. Essa adolescente, ao perceber uma brecha, perguntou, um pouco sem jeito, “desculpa perguntar, não sei nem se eu deveria, mas eu gostaria de saber se tem jeito de eu não ser mais lésbica?”. Continuou

minha mãe também não gosta de mim, porque sou lésbica, eu sinto desejo por outra mulher, eu até cheguei a dar um beijo e namorar uma outra menina, mas não deu certo. No ano passado, eu falei para uma amiga minha que sentia desejo por mulheres, ela espalhou para a escola inteira, fiquei com vergonha e encanei várias aulas (fui embora), pois as pessoas ficavam me olhando diferente, tirando sarro de mim (debochar). O diretor ligou para a minha mãe, a chamou aqui na escola e contou para ela. Depois disso minha vida virou um inferno, ela me bateu, apanhei também do meu irmão, que é supermachão e casado, eles me levaram ao médico para realizar exames e ver o que eu tenho que fazer para largar, parar de ser lésbica. O médico disse que os exames deram que era genético e que não havia o que fazer, eu nasci assim. Minha mãe é evangélica e ela não me aceita desse jeito. Eu queria muito mudar para as pessoas me aceitarem, gostarem de mim, eu não quero ser diferente.

O sinal já havia soado e a inspetora de alunos passou chamando-os para entrarem nas salas de aula. Nesse momento conturbado, levantamos alguns pontos com ela. Primeiro, nessa fase tudo parece ser mais confuso, há muitas transformações acontecendo ao mesmo tempo. Às vezes, ela ainda estivesse indecisa sobre sua opção sexual, o que seria normal. Depois, indagamos sobre a importância de se respeitar a opção sexual de cada um e o quanto a sociedade cobra comportamentos padronizados, no caso, a heterossexualidade, como comportamento tido como normal e aceitável. Era preciso paciência e tolerância com sua mãe e que o momento exigia respeito e amor, expressando isso para sua família, além de manifestar como está sendo duro conviver com a sensação de ser uma “anormal”, e isso ser respaldado pelas pessoas próximas (família) e pelos colegas da escola, que não a estão aceitando.

Associar homossexualidade a falha genética, ou seja, entendê-la como doença e/ou anormalidade é conceito corrente no senso comum e divulgado também em outras épocas, por meios médicos, religiosos e pedagógicos. Como expõe Altmann (2001), ao descrever os conhecimentos médico-higienistas que eram transmitidos nas escolas, na década 20 e 30, os quais divulgavam e entendiam a homossexualidade como desvio sexual e doença que deveria ser prevenida. A igreja católica também contribui e exerce forte influência nesse processo de padronização do comportamento heterossexual, já que não concebe conciliações de

homossexuais e estabelece o casamento, entre homem e mulher, como o único modelo aceito (CANO; FERRIANI; GOMES, 2000; TAQUETTE, 1997). E, assim, pessoas que não se encaixam no padrão social estabelecido convivem diariamente com olhares e comentários preconceituosos e discriminatórios, além da não aceitação e, muitas vezes, do distanciamento familiar, além da própria culpa internalizada de se achar diferente e/ou anormal (SILBER; CASTELLS, 2002).

- Avaliação

Trabalhar com imagens e atividades práticas desperta maior interesse nas adolescentes, considerando positiva a participação e envolvimento de todas. Algumas alunas recortaram fotos de atores, para colar em suas agendas e cadernos, os mais cobiçados faziam parte da “Malhação”, programa transmitido no final da tarde, de grande audiência entre os adolescentes, como mostram alguns estudos (ANDRADE, 2005; FÁVERO; ABRÃO, 2006).

- Referência

A influência cultural e os interesses envolvidos nesta divulgação de um corpo inatingível, que lucra com esses padrões de beleza (cabelo liso, corpo malhado, mamas e glúteos, redondos e empinados, e cintura fina), sempre condicionando o belo à saúde e o feio à doença, no sentido de só é feio quem quer, quem não se cuida, não gasta com cremes, roupas, maquiagens, academias, cirurgias, medicamentos, caracterizando um verdadeiro arsenal da indústria do embelezamento. O valor social atribuído a um determinado modelo de beleza é apresentado como fonte de discussão entre estudiosos (BRETON, 2002; CANO et al., 1999; COURTINE, 1995; DEL PRIORE, 2000; GOLDENBERG; RAMOS, 2002; SANT’ANNA, 1995).

4.6.5 OFICINA 5 – RELACIONAMENTOS E GÊNERO

● Contato com os Professores

Ao chegar à escola, encontramos com seis escolares na secretária, sendo três alunas da oitava série e, como todos já estavam em sala, perguntamos o motivo de estarem ali, responderam que chegaram mais tarde e não possuíam bilhete de seus responsáveis, explicando o motivo do atraso. O diretor disse que sempre os mesmos alunos chegam na segunda aula, sem motivo aparente, por isso teve que tomar essa medida para tentar controlar a situação.

● Contato com as Alunas

- Conteúdo Desenvolvido

Retornamos alguns conceitos, transmitidos em encontros anteriores, de maturação biológica e as transformações pelas quais o corpo passa nessa fase como aumento do quadril, do volume das mamas, menstruação, peso e estatura, para iniciar o diálogo sobre relacionamentos. Assim, aquele amigo do bairro ou primo que brincava de mamãe da rua e pique-esconde, em um determinado momento, vai mudando a forma de vê-los. As cobranças familiares, para prestar mais atenção na roupa que veste, não sentar com as pernas abertas, tomar cuidado com os meninos e constante vigia são alguns dos conselhos e cuidados sentidos e percebidos por muitas adolescentes, de forma que não só as transformações no corpo, mas também as relações e cobranças estabelecidas no âmbito social se alteram nessa fase.

Aparatos como brincos, anéis, sapatos de salto, maquiagem, perfumes que não tinham muita utilidade, nesse momento parecem se tornar necessidade para algumas meninas, aumentando a preocupação com a parte estética. A vontade de se tocar aumenta, concomitantemente, com o desejo de amar e ser tocada, assim como paqueras, namoros e relacionamentos esporádicos começam a fazer parte dos questionamentos, curiosidades, medos e anseios da vida da adolescente.

- Objetivos

Recuperar lembranças das adolescentes a respeito das mudanças ocorridas no convívio social, familiar e pessoal, estimular o diálogo sobre comportamentos femininos e masculinos, refletir sobre questões de gênero e sexualidade nos relacionamentos.

- Estratégias de Ensino

Após explorarmos as diferentes formas de expressão da sexualidade, por meio de explanação oral, perguntamos sobre suas vivências e estimulamos a reflexão sobre as formas de se relacionar e os papéis desempenhados pelas meninas nessa interação consigo e com o outro.

- Comentários

Uma aluna, que senta à frente, muito participativa, disse que damos muito espaço para as escolares, no sentido de ouvirmos e estimularmos o diálogo, que dessa forma demora muito e as pessoas não sabem trabalhar dessa forma, portanto, deveríamos falar e deixar para lá os comentários e perguntas, pois segundo ela “...não pode ficar dando ouvidos para essa gente”. Tal comentário parte da visível dificuldade dos alunos em escutar o outro, como já mencionado em encontros anteriores. Eles não têm paciência em escutar a resposta, atropelam a pergunta do outro, apresentam pouca concentração e limitações em desenvolver um raciocínio lógico e reflexivo. Levantamos algumas hipóteses: uma aparente falta de estímulo e possibilidades para desenvolver tais capacidades, tanto por parte do ensino recebido na escola, quanto em casa; uma alimentação pobre de vitaminas e minerais durante sua infância; falta de regras e limites pensados e construídos para um convívio coletivo e harmonioso, seguidos por direção, funcionários, professores e alunos, além de linguagem pobre fundamentada no respeito, amor e tolerância, entre outros valores humanos que precisam ser reativados e vivenciados.

- Avaliação

Dificuldade em trabalhar com as alunas pelo método expositivo e dialogal, a falta de concentração e paciência que elas demonstram em escutar as dúvidas da colega e de suas vivências, auxiliando na dispersão do assunto, assim como conversas paralelas e uso de celulares, fatores tidos como limitadores para o desenvolvimento e fechamento do tema.

- Referência

Buscamos estabelecer diálogo próximo e coerente com suas experiências e realidades, de forma a buscar referências atuais para discutir as dinâmicas elucidadas, consideramos importante pontuar algumas: Borges e Schor (2002), Cano, Ferriani e Gomes (2000), Gomes et al. (2002), Ribeiro (2006), Silber e Castells (2002); Silva (1999) e Villela e Doreto (2006).

4.6.6 OFICINA 6 – DST E AIDS

● Contato com os Professores

As professoras ficaram interessadas no material da oficina, acharam-no didático. Essas cartilhas explicativas foram doadas pela Secretaria Municipal de Saúde da cidade, com informações sobre doenças sexualmente transmissíveis, sintomas e seus diferentes estágios, ilustrados com fotos. Deixamos alguns exemplares na biblioteca da escola para que alunos e professores tenham acesso.

● Contato com as Alunas

- Conteúdo Desenvolvido

Iniciamos a oficina explorando algumas crendices populares e preconceituosas como, por exemplo: as DST e AIDS pertencerem a grupos de risco específico, como homossexuais e prostitutas, ou casais heterossexuais estarem livres de qualquer risco. Perguntamos quais as doenças sexualmente transmissíveis que conheciam e as formas de prevenção para cada uma. Entregamos uma cartilha, para cada duas alunas, com as seguintes informações: fotos referentes a distintos estágios das DST e AIDS, com explicações e formas de prevenção.

Fomos lendo e folheando, cada página, junto com as alunas, respondendo perguntas e formulando questionamentos.

- Objetivos

Estimular linguagem mais crítica e responsável sobre DST e AIDS com as alunas, apresentar e explicar as formas de contaminação, estágios das doenças e meios de prevenção.

- Estratégias de Ensino

Em duplas, as alunas, folhearam o material, ilustrado com fotos e explicações sobre as DST e AIDS. Foi pedido para, quem quisesse, ler o conteúdo, dialogando e relacionando o assunto com experiências do dia-a-dia.

- Material Utilizado

Giz e cartilhas sobre doenças sexualmente transmissíveis e AIDS, doadas pela Secretaria Municipal de Saúde de Ribeirão Preto, como mostra a Figura 11.



Figura 11. Cartilhas informativas sobre DST/AIDS

- Comentários

Em um primeiro momento, as escolares disseram que AIDS era doença de *gays* e prostitutas. Uma relatou sobre um homossexual que morava em sua rua e que estava com o bicho (AIDS), afirmando que ele tinha vários namorados e também saía com homens casados. Ao final da oficina uma outra aluna veio comentar que seu primo estava com o bicho e que

naquele momento estava hospitalizado, fazendo tratamentos, mas não estava muito bom de saúde, apresentava complicações pulmonares. Disse que ele tinha uma vida desregrada, usava muitas drogas e saía com muita gente. A fala da adolescente atribui o sentido de promiscuidade ao contágio do vírus HIV e reforçou a idéia de a AIDS estar relacionada a um grupo específico, no caso, aos usuários de drogas e não a comportamentos de risco. Os relatos das escolares contribuíram para iniciarmos a discussão e reflexão sobre comportamentos de risco, independente da opção sexual de cada um.

- Avaliação

Positiva. Material com imagens coloridas prende a atenção das alunas, as quais participam mais, interagem, perguntam e expõem suas vivências.

- Referência

Cartilhas sobre DST/AIDS elaboradas e doadas pela Secretaria Municipal de Saúde de Ribeirão Preto, além de *sites* que foram pesquisados, para melhor conhecimento dos temas, são eles: www.aids.gov.br e www.unaids.org.

4.6.7 OFICINA 7 – DST, AIDS, MÉTODOS CONTRACEPTIVOS E GRAVIDEZ PRECOCE

• Contato com os Professores

Docentes de outras disciplinas e séries vieram parabenizar o trabalho desenvolvido com os adolescentes, divulgados em comentários positivos sobre as oficinas que, através de conversas ouvidas nos corredores e relato das próprias alunas, sobre as informações aprendidas nos encontros, foram transmitidas aos professores e aos alunos de outras séries que estão pedindo as mesmas aulas.

- **Contato com as Alunas**

- **Conteúdo Desenvolvido**

Resgatamos conceitos importantes da oficina passada, como comportamentos de risco, a importância da comunicação no relacionamento, da negociação do método preventivo, do diálogo entre valores, limites e desejos que permeiam a relação.

O foco de intervenção centrou as seguintes temáticas: práticas de sexo seguro, doenças sexualmente transmissíveis, infecção por HIV e saúde reprodutiva. Nesse sentido, resgatamos conteúdos sobre a transmissão e contaminação de doenças transmitidas sexualmente e dialogamos sobre o modo de vivenciar as práticas sexuais, antes da década de 60 e depois desse período, a posição da igreja católica sobre o assunto e a revolução dos métodos contraceptivos (anticoncepcional e preservativo, principalmente), no comportamento feminino. E como a descoberta do HIV interferiu no modo de vivenciar a sexualidade e as práticas sexuais.

Utilizamos como material educativo, pênis de plástico, diversos modelos de anticoncepcionais, preservativos, diafragma, DIU, *folders*, folhetos, propondo maior articulação entre a teoria e a prática, aproximando as alunas tanto do material disponível no mercado como do seu manuseio.

- **Objetivos**

Apresentar, informar e dialogar com as escolares sobre práticas de sexo seguro (camisinha feminina e masculina, DIU, diafragma, anticoncepcionais, adesivos contraceptivos), doenças sexualmente transmissíveis, infecção por HIV e gravidez precoce.

- Estratégias de Ensino

Através da exposição oral (aula dialogada e interativa), resgatamos conceitos mencionados anteriormente, dialogando com as alunas os métodos de prevenção às DST e AIDS que conheciam e quais consideravam mais eficazes, verificando o grau de conhecimento das adolescentes sobre o assunto. Trabalhamos com material manuseado e folheado, instigando, questionando, problematizando saídas aos enunciados formulados por elas. Fizemos um círculo na sala, para poder ver um ao outro e conversar. Após explicação dos procedimentos e demonstração, as meninas se mostraram envergonhadas para colocar o preservativo no pênis de plástico, mas logo que uma tomou à iniciativa todas as outras participaram. Gravidez na adolescência foi tema de fechamento desse encontro, que partiu do relato das alunas, sobre colegas jovens que engravidaram, para desenvolver a discussão.

- Material Utilizado

Giz, DIU, diafragma, camisinha feminina e masculina, diferentes anticoncepcionais, (pílula, injeção e a ampola, adesivo contraceptivo) *folder* explicativo, evidenciando as regiões do corpo que poderiam ser aplicadas e sua durabilidade, pênis de plástico, folhetos e *folders*; quadro resumido do ciclo menstrual e suas irregularidades e particularidades, principalmente nessa fase, assim como os riscos do uso da “tabelinha”(Figura 12).

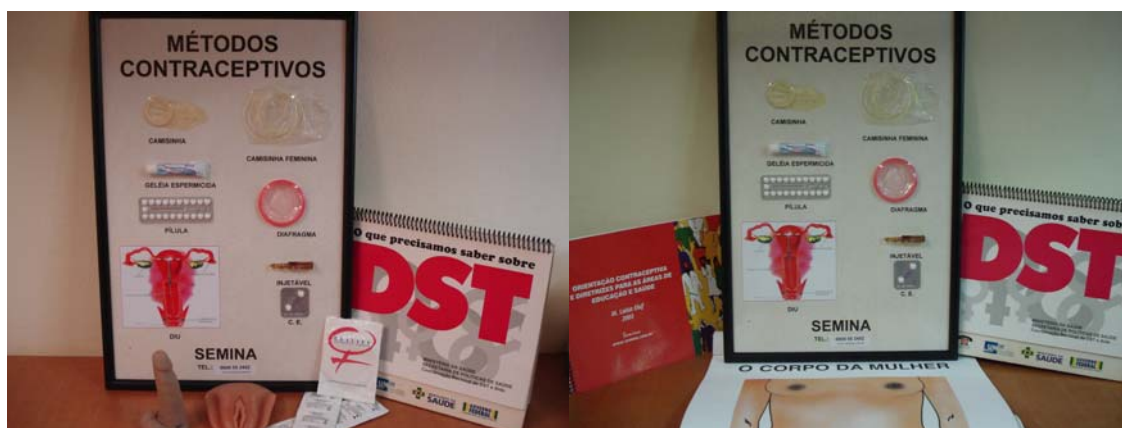


Figura 12. Materiais didáticos utilizados com as alunas

- Comentários

Alguns meninos vieram pedir para passarmos filmes pornô, perguntamos se servia um filme educativo, elaborado também por adolescentes e que tratava dos temas que estávamos abordando. Eles responderam que sim, de princípio um pouco decepcionados, mas concordaram e mostraram-se contentes em ver um filme, mesmo não sendo o gênero que buscavam.

No final da oficina, duas alunas pediram para conversar em particular. Com vergonha de expor sua vivência, uma delas começou a relatar sobre suas angústias e anseios. Disse namorar um menino dez anos mais velho que ela, conhecido de seu pai, e que já teve muitas mulheres. Fazia dois meses que eles estavam juntos e ele estava querendo concretizar seu amor com ela. Segundo a adolescente ele não a estava pressionando para ter relação sexual, pois relatou esperar o tempo que fosse preciso para eles ficarem juntos. No entanto, como era mais velho e vivido não queria ter outras relações fora e para isso ela teria que também dar uma prova do seu amor, assim como ele estava dando de não se relacionar com outras garotas. Ela com 15 anos de idade, com medo de perder a virgindade e a moral perante seus familiares e amigas, receio de sentir dor ou não gostar de ficar com ele, bem como de ser realmente o homem da sua vida, relatou:

nós já ficamos juntos uma vez, assim... não fizemos nada, ele pediu para eu segurar lá, sabe (pênis) e ele também me tocou, ficamos assim até que eu ele veio para cima de mim (penetrar) e eu pedi para ele parar. Como ele também não tinha camisinha e estávamos na minha casa, fiquei com medo do meu pai chegar. E meu pai iria me matar, pois não gosta muito dele (namorado), fala que ele é muito mulherengo.

A fala da adolescente corrobora informações de outros estudos que pontuam as relações de gênero estabelecidas no meio social, as quais evidenciam a sexualidade masculina apoiada na vontade de querer e pedir, portanto, mais livre para falar e exercer socialmente. Já nas meninas, a sexualidade vem atrelada a negar e controlar seus desejos, sendo a prática sexual

associada ao casamento e à procriação (RIBEIRO, 2006; SILVA, 1999). No entanto, o diálogo também oferece outros elementos de análise, como namorar um menino mais velho e que, provavelmente, exerce sua sexualidade com muitas parceiras, a importância da virgindade para a mulher, que tem que ser pura e sensível, atributos que a tornam mais feminina e as negociações estabelecidas entre o casal.

No momento do intervalo, uma outra aluna, também acompanhada de uma amiga, veio perguntar sobre gravidez, “...a gente pode engravidar quando está menstruada?”, e sua amiga interrompeu “ai credo, que nojento, eu não teria coragem” (ter relações sexuais em seu período menstrual), ela continuou se explicando e indagando, “... a gente usa camisinha, mas de vez em quando ele (namorado) coloca só no final, antes de gozar. Tem perigo de engravidar? Eu sempre falo pra ele colocar antes, mas ele disse que não tem nada (não tem problema). E que é pra começar a tomar pílula, que assim não teria preocupação...”. Ela também comentou que seu namorado era mais velho que ela e que, por isso, ela teria que confiar mais nele, por ser uma pessoa mais experiente. E, mais uma vez, notamos na menção da adolescente a forte presença do gênero nas relações, referenciado pela perda de negociação da mulher em sua prática sexual, tanto pelo uso da sexualidade ser entendida de domínio masculino, como pelo medo de engravidar, visto que a responsabilidade de uma gravidez é considerada própria da mulher (PAIVA; PERES; BLESSA, 2002).

- Avaliação

Para desenvolver o conteúdo proposto, utilizamos dois encontros, pois o grande número de alunos por sala, a entrada tardia dos mesmos quando soa o sinal, as conversas paralelas e brincadeiras fora de hora, demandaram muito tempo, além de ter que esperar a classe se tranquilizar para manusearem o material com calma e consciência sobre a importância do assunto.

- Referência

Material (preservativos masculino e feminino, amostra de remédios e outros métodos hormonais) e folhetos explicativos, sobre DST/AIDS e métodos contraceptivos.

4.6.8 OFICINA 8 – DST, AIDS, GRAVIDEZ PRECOCE E PREVENÇÃO

● Contato com os Professores

Os professores comentaram sobre o envolvimento dos alunos em filmes, disseram utilizar bastante em suas aulas, já que dessa forma eles permaneciam quietos e concentrados, mas que, no momento, a direção estava fiscalizando seu uso. Segundo o diretor, é importante conciliar o uso do vídeo com os objetivos e conteúdos da matéria em voga, utilizando-o com fins educativos e não como um passatempo para reter a atenção dos alunos.

● Contato com as Alunas

- Conteúdo Desenvolvido

Através do resgate de conceitos trabalhados em oficinas passadas, no sentido de reforçar os comportamentos de riscos, as DST, os métodos contraceptivos e a gravidez precoce utilizamos como instrumento didático um vídeo educativo, produzido por alunos, que participaram de oficinas educativas. O filme consegue reunir uma linguagem mais próxima e empolgante, que, além de envolver as alunas, também consegue passar conceitos e valores importantes, ampliando as diferentes formas de expressão e comunicação.

- Objetivos

Apresentar uma forma de linguagem educativa e próxima das alunas, que englobasse os seguintes temas: DST, AIDS, gravidez precoce e prevenção. Elaborar junto com elas uma leitura crítica e reflexiva sobre tais temáticas, utilizando como instrumento didático um audiovisual (imagem e som).

- Estratégias de Ensino

Antes de iniciar o filme, fizemos alguns comentários sobre o que se tratava, o porquê da sua escolha, as pessoas que produziram e dirigiram, bem como que observassem, atentamente, alguns aspectos como o desdobramento do roteiro, a mensagem principal e a forma escolhida para finalizar a estória.

- Material Utilizado

Televisão, videocassete e fita de vídeo (Figura 13), produzido pelo Ministério da Saúde.



Figura13. Fita de vídeo do Ministério da Saúde

- Comentários

Neste dia, duas alunas, ao nos ver, saíram de dentro da sala e vieram correndo questionar o que era orgasmo. Na hora do intervalo mais uma adolescente, da mesma classe, perguntou: “como a gente sabe que teve um orgasmo?”. Percebemos que, mesmo questões que não foram referenciadas por elas nos questionários, em um primeiro momento, mas que são divulgadas nos meios de comunicação, fazem parte de seus diálogos, bem como de suas vivências sexuais, portanto, mereciam ser contextualizadas, pensadas e discutidas em um momento adequado.

- Avaliação

No término do filme resgatamos alguns conceitos importantes e que foram apresentados no desenvolver da trama, como: relacionamentos esporádicos, diálogo na negociação do uso de métodos preventivos, gravidez precoce e doenças sexualmente transmissíveis. Instigamos a relacionarem a temática com vivências próximas e comentarem suas opiniões.

- Referência

Fita de vídeo produzida pelo Ministério da Saúde, em parceria com jovens de periferia que participaram de um projeto de prevenção de DST, AIDS e gravidez precoce.

4.6.9 OFICINA 9 – SEXUALIDADE FEMININA**• Contato com as Alunas****- Conteúdo Desenvolvido**

Os conteúdos desenvolvidos nesta oficina basearam-se em questionamentos, dúvidas e perguntas elucidadas durante as oficinas ou em conversas informais com as alunas, de forma a trabalharmos com as seguintes temáticas: mitos da sexualidade humana; cuidados com a saúde sexual feminina e masculina; do que as mulheres gostam; do que os homens gostam; homossexualidade feminina; doenças sexualmente transmissíveis; AIDS; tamanho do pênis e das mamas. Os artigos utilizados nesta oficina foram os mesmos trabalhados no plano piloto, os quais foram separados e distribuídos por classificação de temáticas afins como cuidados femininos, mitos e sexualidade e homossexualidade.

Pedimos para sentarem em duplas, explicamos rapidamente os procedimentos da dinâmica, instigando-as a buscarem algumas respostas, logo distribuimos os textos, conforme preferência da dupla. Após a leitura e apontamento da mensagem principal, cada dupla explicava verbalmente o que leu e seu ponto de vista, nesse momento abrindo espaço para discussão geral.

- Objetivos

Reforçar questões que permeiam a sexualidade e discutir assuntos vistos como tabus, por meio de linguagem próxima e atual.

- Estratégias de Ensino

Trabalhamos com textos educativos curtos e didáticos, extraídos da *internet*, por meio de aulas expositivas e dinâmicas de grupo, de forma a estimular a vivência em grupo, partindo de um número reduzido e depois ampliando a discussão para toda a sala.

- Material Utilizado

Textos extraídos de *sites* da *internet*, explorando questões como prevenção, formas de contágio, mitos, orientação sexual e dúvidas de internautas.

- Comentários

Durante a oficina, algumas alunas contaram já ter ouvido falar que masturbação faz nascer pêlos nas mãos e espinhas no corpo, pergunta feita por um internauta, descrita em um dos textos. Outra relatou não saber que era normal a mulher se masturbar, pensava que era coisa de menino.

No final, uma aluna se aproximou e afirmou conhecer uma menina do seu bairro, de 17 anos, que só tinha relação sexual anal com seus parceiros, para quando conhecer o homem da sua vida poder casar virgem. A importância atribuída à virgindade feminina é revelada na fala da aluna que, ao apresentar a articulação realizada por sua amiga para se manter intocada no seu órgão sexual vaginal, também evidencia o amor romântico (GIDDENS, 1995), ainda presente no imaginário das adolescentes, sendo o casamento o momento em que a mulher vivencia sua prática sexual com seu marido. Segundo esse modelo, ao homem é permitido exercer suas vontades e desejos sexuais com outras parceiras, fora do casamento, e para a mulher fica restrita a busca do prazer dentro do matrimônio, sendo o controle e a repressão atributos que a tornam respeitável e passível de admiração social. O reforço de valores e

conceitos sociais direcionados para a virgindade feminina é contextualizado no estudo de Andrade (2005) que, ao analisar um programa televisivo direcionado para adolescentes, apresenta conceitos morais e conservadores presentes nas tramas. Assim, garotas decentes são aquelas que conseguem controlar seus desejos e, conseqüentemente, são valorizadas no campo matrimonial e social.

- Avaliação

As alunas se interessaram pela dinâmica, lendo, perguntando, discutindo com a colega e participando da discussão geral. Acreditamos que o fato dos textos conterem poucas páginas, possuir vocabulário próximo ao delas e contextualizar temas tabus contribuiu para maior motivação e envolvimento.

- Referência

Os endereços eletrônicos descritos, a seguir, se referem aos *sites* que recorreremos, para utilizar como fonte de informação e discussão com as alunas.

[http:// www. abia.org.br](http://www.abia.org.br)

[http:// www.aids.gov.br](http://www.aids.gov.br)

[http:// www.adolesite.aids.gov.br](http://www.adolesite.aids.gov.br)

[http:// www.unaids.org](http://www.unaids.org)

[http:// www.isexp.com.br](http://www.isexp.com.br)

[http:// www.andi.org.br](http://www.andi.org.br)

[http:// www.projetojuventude.org.br](http://www.projetojuventude.org.br)

[http:// www.redece.org](http://www.redece.org)

[http:// www.unicef.org/brazil](http://www.unicef.org/brazil)

4.6.10 OFICINA 10 – FECHAMENTO: DESCRIÇÃO DO PONTO DE VISTA DAS ALUNAS

• Contato com as Alunas

- Conteúdo Desenvolvido

Como fechamento das oficinas realizadas com as alunas, durante o primeiro e segundo semestres de 2006, propusemos atividade escrita para melhor avaliar a retenção e aproveitamento dos temas trabalhados. Assim, entregamos uma folha para cada uma, na qual deveriam escrever seu nome e série, e dar continuidade à estória: “Mary, a aluna menos notada da oitava série, nem acreditava que John, o garoto mais paquerado da escola, estava a fim dela. E foi então que eles...”. Depois, na mesma página, mais duas perguntas: “Com base nas oficinas de sexualidade, quais os conselhos que daria a ela?” e “... quais os conselhos que daria a ele?”. Ainda utilizando o mesmo recurso, pedimos para deixar uma mensagem ou desenho sobre as oficinas desenvolvidas, podendo usar todo o verso da folha.

- Objetivos

Verificar as principais mensagens que as alunas apreenderam sobre os assuntos abordados e seus pontos de vistas sobre questões referentes à sexualidade, gênero, corpo, auto-estima e prevenção.

- Estratégias de Ensino

Método descritivo, em que as alunas teriam que dar continuidade a uma estória, além de duas perguntas referentes aos conselhos que elas dariam tanto para o mocinho, quando para a mocinha do enredo. Tivemos o cuidado de não utilizar nomes conhecidos, tanto da classe, quanto da escola, para não ter nenhum tipo de comparação, por isso a escolha de nomes de origem inglesa.

- Material Utilizado

Giz e folhas A4.

- Avaliação

As adolescentes se mostraram interessadas em escrever, perguntaram se poderiam descrever de determinadas formas, chamando para lermos suas histórias e apresentando indignação com seus próprios contos. As professoras, que participaram da oficina, comentaram sobre a participação positiva das alunas, afirmando ser difícil presenciar tais momentos.

4.6.11-DESCRIÇÃO DOS RESULTADOS DERIVADOS DA DINÂMICA DESENVOLVIDA

Das vinte e duas alunas que estavam presentes nesse dia, seis não fizeram parte da análise, visto que entraram nessa escola no final do primeiro semestre ou no início do segundo semestre de 2006. Portanto, nesse momento, consideramos somente informações das escolares que participaram desde o princípio da coleta e que compõem a amostra do estudo, total de dezesseis participantes, sendo oito da oitava série A e oito da oitava série B.

Como complementação da dinâmica desenvolvida, foi solicitada uma outra atividade que consistiu na elaboração de uma mensagem e/ou um desenho, no verso da folha, referente as temáticas trabalhadas durante as oficinas anteriores. Auto-estima, auto-imagem, sexualidade, métodos contraceptivos, DST, AIDS, gravidez precoce como pontos de apoio descritos no início da folha, as quais foram introduzidas no decorrer da discussão.

Para melhor visualização dos achados, categorizamos as respostas das alunas e as descrevemos em quadros, organizando as informações em temáticas, por ordem decrescente. A numeração dos quadros segue os anteriores, apresentados no tópico, Levantamento de dados – questionário, parte da discussão dos resultados.

Quadro 14. Distribuição qualitativa das respostas das escolares das oitavas séries, da escola pesquisada, referente à história: “Mary, a aluna menos notada da oitava série, nem acredita que John, o garoto mais paquerado da escola, estava a fim dela. E foi então que eles...”

CATEGORIA	TOTAL	RESPOSTA*
TEMAS RELACIONADOS À SEXUALIDADE	13	“... ela engravidou dele” (P:3, 4, 7, 8, 11, 12, 13, 15, 18 e 24).
Discussão sobre Gravidez		“...ela é insegura e tímida por ser feia”(P:8, 12 e 23); “...ninguém acredita que estavam juntos, por ela ser feia”(P:3 e 20); “... ele com vergonha dela, por ser feia”(P:13); “... ela se produziu e ficou linda, para poder ficar com ele”(P:14).
Discussão sobre Auto-Imagem	11	“...ele pediu para beijar”(P:8, 12, 16 e 23); “...ele pediu para transar”(P:2, 4 e 15); “...ele declarou seu amor por ela”(P:3 e 5); “...ele a chamou para sair...”(P:5 e 8); “...ele pediu para namorar”(P:16).
Discussão sobre Atitude e Gênero		“...ele não quis usar camisinha”(P:2 e 7); “... ela insegura, mas de tanto ele insistir, cedeu”(P:4); “...ela transa com ele para segurá-lo, de ciúmes”(P:24).
Discussão sobre Práticas Sexuais e Negociação		“... ela pede para usar camisinha”(P:2); “...sua mãe a levou no ginecologista...”(P:4).
Discussão sobre Métodos Preventivos		“...ele só queria comer (transar) ela...”(P:2, 11, 12, 13, 18 e 24); “... quando ele ficou sabendo que ela era virgem saiu fora”(P:5); “... se tornou mulher e foi só alegria”(P:8).
TEMAS RELACIONADOS AO COMPORTAMENTO SEXUAL	10	“...ela perdeu sua virgindade por amor”(P:2, 4, 11, 12, 13, 16 e 18).
Discussão sobre Virgindade e Moralidade		“...estão juntos e felizes”(P:16, 20 e 23); “... se casaram e tiveram filhos, foram felizes para sempre”(P:3); “...grávida e o pai assume o filho”(P:4); “Permanece virgem”(P:5); “Perdeu a virgindade”(P:8); “Mãe solteira e feliz”(P:11); “...depois de se produzir e ficar bonita, foi a garota mais notada da escola e foram felizes”(P:14); “...casou com outro e tem dois filhos”(P:18).
Discussão sobre Virgindade e Amor	10	“...mãe solteira”(P:12, 13 e 24); “... ela tinha AIDS, seus pais a expulsaram de casa”(P:2); “...ela está com DST”(P:7); “... grávida, teve que parar de estudar”(P:13).
TEMAS RELACIONADOS A GÊNERO		5
Discussão sobre Virgindade e Amor	5	
TEMAS RELACIONADOS AO FECHAMENTO DA HISTÓRIA		
Discussão sobre Final Feliz	5	
Discussão sobre Final Infeliz		

* Houve mais de uma resposta para algumas participantes

A maior parte das respostas evidencia o menino como aquele que toma as decisões, a iniciativa de pedir para sair com a menina, de beijar, de namorar e se relacionar sexualmente, praticando a insistência como meio de exercer sua masculinidade, a qual se confirma no ato sexual. Villela (2005), ao analisar a sexualidade reprodutiva brasileira, explica que a relação entre feminilidade e práticas sexuais vincula-se à maternidade, já a idéia de masculinidade pauta-se no número de penetração e na não contenção de seus desejos, informações que confirmam as descrições das alunas. Papéis estruturados socialmente e que revelam relação de desigualdade entre os gêneros, tanto no discurso, quanto na manifestação da sexualidade, oferece a impressão que aos meninos é permitido falar, pedir, querer, desfrutar de forma aberta sua sexualidade. E as meninas ficam restritas a submissão perante os desejos masculinos, que atribuem à mulher deveres de esposa e mãe. Segundo esse pressuposto, podemos citar a importância da virgindade feminina na nossa sociedade, pois já que perdê-la não é apenas deixar de ser criança para ser adulta, mas um momento de reprimir vontades e desejos em prol da moral social (ANDRADE, 2005).

O desenho que ilustra a mensagem de amor romântico, expresso no casal feliz, com sua casa ao fundo, sugere o ato sexual como pertencente ao matrimônio, em outras palavras, uma sexualidade exercida dentro dos padrões tradicionais familiares, corroborando algumas respostas do Quadro 14 que apresenta os finais felizes sob o viés da união conjugal.



Figura 14. Desenho feito pela Participante 3, referente ao amor romântico

O fato de ser uma população composta por meninas de baixa renda econômica marca ainda mais o processo de gênero nas relações, apresentado nos discursos das escolares pelo alto índice de respostas que evidenciam a gravidez como parte do relacionamento juvenil, nas práticas sexuais, realizadas com amor, na pouca exploração da sexualidade feminina perante a masculina, na falta de negociação de métodos preventivos e na submissão da menina perante as vontades e desejos do menino.

A auto-imagem também aparece com força nas discussões, no sentido de rirem de Mary por ser feia, de ter poucas amigas e só conseguir ser feliz ao lado do seu amor depois de se arrumar e ficar bonita, em outras palavras, o respeito só foi conquistado pela beleza. No entanto, ressaltamos que, em nenhum momento da história, descrevemos Mary como feia, utilizamos a expressão menos notada, de forma a reforçar achados de outros estudos que revelam a alta valorização atribuída ao corpo ao *status* que ele pode proporcionar, instrumento de cuidado e poder (BRETON, 2002; FOUCAULT, 1979; GIDDENS, 1995; VÁZQUEZ, 1994). A mensagem sobre um corpo forte e musculoso também pode ser visualizada no desenho feito pela participante 15.



Figura 15. Desenho feito pela participante 15, referente ao padrão de beleza musculoso.

Quadro 15. Distribuição qualitativa das respostas das escolares das oitavas séries, da escola pesquisada, referente à questão: “com base nas oficinas realizadas, quais os conselhos que daria a ela?”

CATEGORIA*: ACONSELHARIA ELA A ...	TOTAL
“...usar camisinha...”	8
“...esperar o momento certo, para perder a virgindade...”	8
“... se prevenir...”	6
“...tomar anticoncepcional...”	5
“...ir ao ginecologista”	2
“... não se relacionar sem o consentimento dos seus pais”	1

* Houve mais de uma resposta para algumas participantes.

Respostas relacionadas ao uso de preservativo e escolher o momento certo para ter a primeira relação foram as mais mencionadas pelas alunas, merecendo análise mais atenciosa na menção ao uso da camisinha, como descreve a participante 23 sobre métodos preventivos, que aconselhou “que ela nunca parasse de usar camisinha ou outro tipo de prevenção” ou como a participante 20 recomendaria a Mary “...usar camisinha ou, se esquecer, tomar pílula”, como também ilustrado na Figura 16.



Figura 16. Desenho e mensagem feito pela participante 11, referente ao uso de preservativo nas relações amorosas

Estudos, que exploram com maior atenção tal assunto, mencionam que as práticas preventivas e a negociação do uso de preservativos esbarram na falta de intimidade, na postura submissa da mulher, no desconforto associado ao uso da camisinha e na entrega sentimental das adolescentes, sendo as meninas que possuem relacionamentos estáveis as mais expostas à contaminação de doenças sexualmente transmissíveis e gravidez precoce, pois trocam o

preservativo por outros métodos, como pílula e tabelinha (BORGES; SCHOR, 2005; HEILBORN et al., 2002; OLIVA; SERRA; VALLEJO, 1997).

A virgindade também aparece como importante ponto de partida para a discussão sobre práticas sexuais, negociação e gênero, segundo falas das participantes, que descrevem como necessária a contenção e repressão do desejo feminino. Nesse sentido, a participante 5 aconselharia: “para ela não se entregar fácil...” (P: 5); já a participante 12 “...não ir para cama com uma pessoa só porque estava caída por ele”, e a participante 13 para ela “escolher bem a pessoa com quem vai perder sua virgindade...”. O diálogo representado por elas entre sentimento, entrega e relevância social da virgindade propõe uma figura feminina não participativa e desprovida de vivência sexual, já que os estímulos e as possibilidades de exercer são canalizados para a figura masculina. Assim, em seus discursos, aquele que corresponde às expectativas de virilidade e comportamento sexual ativo é o menino, bem como aquele que expõe e expressa sua sexualidade no meio social, de forma livre e aberta. Ribeiro (2006), ao estudar a socialização em uma comunidade pobre e negra da Bahia, apresenta modelos de sexualidade para meninos e meninas, sendo o primeiro seu poder centrado no uso do corpo, dando constantemente demonstração social de virilidade, força e controle das emoções. As meninas mais estimuladas a atividades domésticas sofrem maior controle, tanto familiar, quando das próprias colegas que vinculam a feminilidade à negação do corpo e da sexualidade. A autora complementa que, para as meninas, a pureza permeia as relações, sendo que a sexualidade “[...] estaria relacionada a algo sujo, imoral, indecente, obsceno, e próprio do masculino, enquanto as meninas representariam a inocência e ingenuidade”.(RIBEIRO, 2006, p. 168).

O uso de preservativo e a virgindade foram mensagens marcantes nas respostas das alunas, as quais demonstraram ter conhecimento sobre os métodos preventivos. No entanto, transpor esse conhecimento e fazer uso dele envolve questões de gênero, sexualidade, valores

familiares e sociais, nível cultural e econômico, crenças, medos, de forma que ter acesso à informação não necessariamente leva à prática. Portanto, pensar nas diferenças de gênero é recorrer às variações sofridas no tempo, às características histórico-culturais que constituiriam o universo feminino e masculino, sendo que papéis estabelecidos para ambos os sexos não são mais os mesmos (RIBEIRO, 2006).

Assim, sexualidade e virgindade feminina são temáticas muito divulgadas nos meios de comunicação, contextualizadas por Andrade (2005), a partir de análise de um programa de televisão voltado para adolescentes. Ela centra sua discussão na sexualidade vivenciada pelas protagonistas da série, descrevendo alto valor atribuído à virgindade feminina, sempre atrelada a valores morais e religiosos, subordinando a mulher a deveres domésticos e à maternidade. A autora entende que a televisão, para muitos jovens, é a principal fonte de informação sobre sexo e que, ao divulgar e reforçar somente um tipo de amor, no caso, romântico, contribui para a construção de estereótipos e discriminação de outras formas de lidar com a sexualidade.

Quadro 16. Distribuição qualitativa das respostas das escolares das oitavas séries, da escola pesquisada, referente à questão: “com base nas oficinas realizadas, quais os conselhos que daria a ele?”

CATEGORIA*: ACONSELHARIA ELE A	TOTAL
“... use camisinha”	12
“...não pressione ela, espere o momento certo(transar)”	5
“Assumir seus atos...”	3
“...não brincar com o sentimento dos outros”	2
“Seja honesto,..., dê atenção a sua mulher”	1
“...procurar um urologista para orientá-lo sobre as doenças”	1
Em Branco	1

* Houve mais de uma resposta para algumas participantes.

Aconselhar John a usar preservativo foi a categoria mais citada pelas escolares, talvez por associar o método ao uso do corpo. Sob esse ponto de vista, preservativo masculino é pensado como responsabilidade do menino, assim como pílula e gravidez responsabilidade da menina. Uma outra hipótese levantada para a questão se refere ao homem ser considerado o centro da relação, aquele que domina e controla a situação. A mulher, nesse caso, assumiria

papel secundário, mais passivo, que pode até informar, mas não decidir. Segundo tais pressupostos, ao mesmo tempo em que o responsável é aquele que exerce o controle sobre o seu próprio corpo, por outro lado, as conseqüências recaem na mulher, por meio da gravidez. Portanto, de práticas sexuais, para essas adolescentes, emergem temas de submissão e atribuição dos riscos à figura feminina, assim como de controle masculino exercido, tanto em decisões como na falta de responsabilidades prestadas socialmente.

Partindo para a análise do conteúdo, observamos a resposta da participante 14, que aconselha o jovem a ir “...devagar em ter relações, que ele tivesse certeza do que estava fazendo...”, como se a sexualidade fosse exclusividade masculina, desde a masturbação, até a compra de revistas pornográficas e atividade sexual. Tal mensagem também pode ser visualizada na Figura 17 que explora a questão do gênero, já que reflete a figura masculina sempre em busca de sexo e a feminina de amor, sendo o ato sexual uma conseqüência para a mulher.

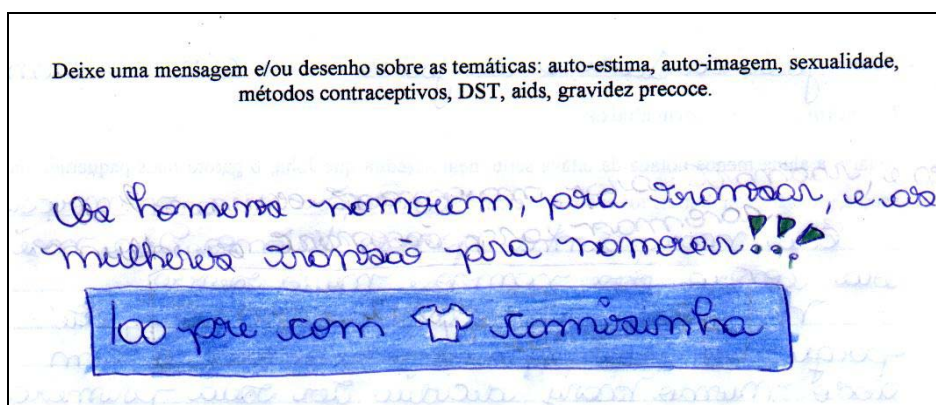


Figura 17. Mensagem feita pela participante 24, referente aos interesses despertados em cada sexo

- Referência

A avaliação teve como fonte inspiradora o livro ‘Complexo de Cinderela’, de Colette Dowling, que, no sexto capítulo, ao tratar do pânico do gênero feminino, apresenta o resultado de uma pesquisa realizada na Universidade de Michigan no final da década de 60, onde homens e mulheres foram solicitados a compor estórias com base na frase “Após os exames

do primeiro semestre, Anne descobre ser a primeira aluna de sua turma de medicina”, (para os homens a frase era idêntica só que com o nome de John). Os relatos mostram uma visão feminina negativa advinda das conseqüências do sucesso como ser socialmente rejeitada, perder a perspectiva de arranjar namorado ou se casar, medo de ficar isolada, solitária e infeliz. A discussão abarca uma tendência feminina a se diminuir, a desviar o desenvolvimento de suas habilidades devido ao receio da perda de amor, o que a autora chama de pânico do gênero feminino é a nova confusão sobre a nossa identidade feminina.

4.7 Avaliação do Processo Educativo Pedagógico

Ao levantarmos as necessidades das escolares, quanto ao tema central, detectamos significados atribuídos por elas sobre seu corpo e sua sexualidade, expostos em suas descobertas, anseios e inquietações. Tais mensagens foram trabalhadas dentro processo educativo, por meio da compreensão da corporeidade, valendo-se da aceitação de sua estrutura corporal, como importante informação para elaboração de sua auto-imagem. Durante as oficinas, esclarecemos preconceitos e desmistificamos tabus, desenvolvendo e estimulando o diálogo, a discussão e a reflexão, propiciando espaços para lidarem com suas inseguranças, vergonhas e medos. O fato de se trabalhar com os temas geradores possibilitou a compreensão e o envolvimento das alunas, à medida que a consciência corporal da adolescente fosse instaurada, havendo, assim, compromisso consigo e com os outros. A responsabilidade pressupôs partir primeiro do individual para se expandir para o coletivo, visualizando a auto-identidade como o primeiro passo para a sensibilização e comprometimento.

Diante das informações discutidas e analisadas, neste processo, esperamos ter contribuído, ainda que timidamente, à reflexão referente ao questionamento da corporeidade, da imagem que a adolescente tem de si, bem como a criação de espaços competentes para a valorização dessa construção, desconstrução e reconstrução da imagem corporal, valorização do corpo e da própria sexualidade, através do diálogo educativo, conscientizador e reflexivo.

Isso posto, fechamos as Oficinas Pedagógicas, com a impressão de avaliação positiva do processo de intervenção didático/pedagógica. Sensação que vem confirmar e reforçar a validade e a autenticidade da pesquisa-ação, como método de intervenção dialogal, ativo e crítico. Técnica que possibilitou momentos de convívio com a realidade estudada, conversas informais e confissões pessoais, além de trocas de experiências, laços de confiança e cumplicidade entre pesquisador e educandos. Elementos que permitiram estabelecer novo olhar para as dinâmicas e as essências daquele universo e de seus integrantes.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

- Considerando o tempo de permanência no ambiente escolar e o caráter humanista e qualitativo desta pesquisa, isso nos possibilitou conhecer e aprofundar os olhares investigativos sobre a realidade da clientela em foco, de forma a vivenciar os diversos arranjos de linguagens estabelecidos pelas escolares, consigo e com os outros. No entanto, para melhor transcrever os resultados colhidos, retomamos, aqui, os objetivos anteriormente propostos, como forma de verificar os efeitos das ações/intervenções educativas sugeridas, inicialmente, neste estudo. Para tanto, descrevemos as primeiras impressões do universo estudado, que partiu das buscas literárias e da própria experiência profissional, no campo da motricidade humana, como meio de identificar a necessidade de se trabalhar uma educação conscientizadora voltada para o diálogo sobre o corpo, sexualidade e auto-imagem.

- Os dados coletados em questionário, conversas informais com alunas, professores, direção e a observação participante e escrita em diário de campo permitiram identificar problemas e necessidades das alunas, por meio da análise das informações verbais e escritas. Tais achados possibilitaram montar e desenvolver, conjuntamente com as alunas, oficinas educativas direcionadas para suas inquietações, inseguranças e dúvidas, esclarecendo e firmando laços de confiança, além de momentos de confiança. Percebemos que as adolescentes tinham mais necessidade de conversar, sem medo de ser reprimidas ou avaliadas, do que uma real necessidade de informação científica. Como expressa uma participante, na descrição da última oficina “[...] eu gostei muito da aula de sexualidade, por que eu fiquei sabendo sobre coisas que eu queria saber, mas tinha vergonha de perguntar, aprendi muito com essas aulas”.

- Uma impressão importante a ser mencionada da experiência das oficinas pedagógicas foi trabalhar com atividades práticas e dinâmicas, com recortes e colagem, material colorido, fotos, desenhos e imagens, instrumentos eficientes para a apreensão da atenção das alunas. As

intervenções se pautaram em vivência anterior, decorrentes do projeto piloto, e dos relatos dos professores, que apontaram a indisciplina, a falta de limites e regras como dificultadores do processo educativo. Como características marcantes, citamos a impaciência dos alunos em escutar seus colegas, ouvir as respostas de suas próprias perguntas e vocabulário escasso, tanto no que se refere à transcrição das respostas do questionário, como nos diálogos estabelecidos nas oficinas. Recordamos que tais dificuldades, por um lado, limitaram o aprofundamento da análise dos trabalhos escritos, mas, por outro, nos exigiu maior empenho e criatividade na construção e elaboração das oficinas, entendendo como verdadeiro desafio, estimular a discussão, manter a concentração e estabelecer diálogo com os escolares. Essa dificuldade de comunicação, decorrente de vocabulário restrito, muitas vezes, era manifestada em atitudes e comportamentos agressivos entre eles, ofensas mútuas, uso de expressões chulas, que ocasionalmente levavam às vias de fatos, através de tapas e pontapés.

- As adolescentes descreveram a mãe como forte figura familiar e principal agente socializador, visto que a maior parte dos exemplos mencionados pelas escolares se apoiavam na força, na determinação, no trabalho e no amor desprendido pela figura materna. Pesquisas (BUENO, 2001; TAQUETTE, 1997; TRINDADE; BRUNS, 2003) mostram a relevância da família no apoio, carinho e diálogo com as adolescentes, sendo o principal canal de intervenção e reflexão para desempenhar sexualidade mais responsável, madura e segura. Sob o viés da socialização, os modelos que as jovens têm acesso apresenta a mãe em dupla jornada de trabalho, sendo o ambiente doméstico de sua responsabilidade, bem como o cuidado e educação dos filhos. Tais informações cotidianas transmitem a idéia de mulher apoiada em um sistema patriarcal conservador, com mostras de feminilidade submissa, cuidadora de sua prole e controladora de seus desejos, absorvidas pelas suas filhas e filhos de forma naturalizada. Segundo Villela (2005), a pouca escolaridade promove menor possibilidade de interpretação subjetiva de miséria, pobreza e sexualidade.

- O imaginário de amor romântico, referido por Giddens (1995), foi o conceito de relacionamento prevalente entre as adolescentes, evidenciado, principalmente, aos enredos construídos por elas, na última oficina pedagógica. A maior parte das histórias terminavam sob o viés do casamento ou encontro do par ideal, sendo os filhos parte integrante dessa suposta rede de felicidade. Sob esse viés, as meninas buscavam meninos mais velhos, para poderem se relacionar e amenizar suas inseguranças e medos, visualizando em pares de sua idade comportamentos imaturos e brincadeiras infantis, reforçadas pelo aspecto físico, cujo desenvolvimento de muitos deles ainda não está completo. Esse tipo de formação, segundo Dowling (2001), em Complexo de Cinderela, impede que a adolescente tão necessitada da aceitação do namorado e tão insegura quanto ao seu desempenho sexual, prefira correr os riscos de uma doença ou uma gravidez indesejada do que desagradar o parceiro. A necessidade de aprovação e o medo de ficarem sozinhas supera qualquer outro risco.

- A maior parte das adolescentes, ao mesmo tempo que se mostraram bem resolvidas em suas linguagens corporais, expressos em discursos e no uso de roupas sensuais, também apresentavam fortes traços sociais patriarcais, em seus diálogos e indagações. Assim, o tabu da virgindade foi tema iminente de suas preocupações, as quais depreciavam as colegas, que verbalizavam suas experiências sexuais e que se acercavam dos meninos, sendo referidas como garotas sem pudor e moralidade. Portanto, percebemos a marcante presença do gênero nas relações estabelecidas, tanto nas perguntas e nos comportamentos, quanto nas perspectivas de vida enunciados e descritos pelas escolares, sendo o sonho de casar e ter filho a principal resposta dada pelas adolescentes ao construir uma história e escrever um final feliz.

- A preocupação das adolescentes perante o contágio de doenças sexualmente transmissíveis, em contrair gravidez indesejada, em conhecer métodos contraceptivos, bem como atribuir alto significado à virgindade foram temáticas que mereceram grande preocupação, inquietação e curiosidade pelas participantes, verificado tanto na descrição do

questionário, quanto na freqüente menção durante as oficinas. A saúde reprodutiva, portanto, foi temática inserida como subtema, dentro do referencial teórico, e abordada nesta pesquisa, visto a curiosidade que o tema despertou nas adolescentes durante nossa instância na escola, além das possibilidades de discussão que o assunto abarcou. O desejo de ser mãe jovem também aparece como informação relevante para análise, estabelecendo vertentes com outros dados, extraídos da literatura e relato das alunas como raízes patriarcais conservadoras atuando no imaginário das adolescentes, falta de perspectiva no mercado de trabalho, pouca possibilidade de cursar o ensino superior, sobretudo fortes questões de gênero interferindo sobre suas vontades e planos futuros. Além disso, as alunas expressaram alta valorização dos atributos físicos, sendo a beleza contextualizada por elas como importante instrumento para estabelecer vínculos sociais e possuir méritos como pessoa.

- As conversas informais, que ocorreram durante o intervalo, estabeleceram laços de confiança, momentos de desabafo e esclarecimentos, propiciando relação mais próxima com as alunas e com o universo estudado. Os relatos que nos foram confienciados demonstraram a confiança em nós depositada, além da necessidade de criar espaços competentes para conversar, discutir e refletir sobre sexualidade, corpo, auto-imagem, padrão de beleza, práticas sexuais, DST/AIDS, métodos contraceptivos, prevenção e gravidez na adolescência.

- Não distante de todos nós, as participantes recebem e reelaboram conceitos moral e religioso, sabedorias populares e científicas, mensagens de gênero, advindas do seu relacionamento familiar, de seus ciclos de amizade, de seus relacionamentos amorosos e do seu entorno social, as quais manifestam tais mensagens, em suas linguagens corporais, em gestos, atitudes, comportamentos, escolhas de vestimenta e adornos, e nas marcas tatuadas em seus corpos (*percing*, tatuagem). Expressões que podem ser entendidas como angústia, rebeldia, anseio e medo, mas que também podem significar euforia, desejo e estilo. A descoberta diária do corpo e da sexualidade da adolescente faz de sua corporeidade um campo

de manifestação diversa e dinâmica, em constante transformação, descontinuidade e peculiaridade. Uma instabilidade biológica e emocional, que necessita ser compreendida e analisada individualmente, pois a história de vida de cada uma evidencia a complexidade das relações humanas, as imposições sociais e as formas de sentir, vivenciar e interagir consigo e com os outros. A sexualidade, nesse sentido, é expressão máxima de sua comunicação com o mundo, motivo pelo qual apoiamos a idéia defendida por Villela (2005) que fala da importância do acesso à educação, não como forma de padronizar comportamentos, como alerta Altmann (2001), mas como possibilidade de informar e conscientizar, sobre questões de gênero, padrões valorizados socialmente, tolerância, atitudes responsáveis e conscientes. O local e forma de emissão de conhecimentos não podem ser desconsiderados dessa análise, sendo o âmbito familiar, importante meio de transmissão de valores e conceitos subjetivos que regem a dinâmica social, além do apoio e afeto, e o âmbito educativo, espaço propício de discussão e diversificação de conteúdos que ofereçam questionamentos do cotidiano do aluno, estimulando o raciocínio crítico e reflexivo.

- O discurso de saúde, divulgado nos meios de comunicação, transmite a mensagem de aproveitamento do tempo de lazer, tendo o esporte como o principal propagador da ‘idéia mágica’, que compõe a fórmula: boa condição física, mental e aparência atlética. A imagem da mulher esportista, também é mensagem bastante comercializada, sendo o corpo ‘malhado’ o maior atrativo para conseguir novos adeptos. Tal modelo carece de altos investimentos financeiros, conferindo poder e *status* aos seus usuários, que pagam por um ‘pacote’, que inclui um corpo magro, delineado e jovem. Para Bourdieu (1988), a idéia de estética para os pobres é mais voltada para a funcionalidade, o qual explica que conceitos e símbolos de consumo, tidos como necessidades para a burguesia, não é entendida da mesma forma pela classe popular, devido à sua falta de acesso, de modo a ter que construir outros ideais de vivência e sobrevivência.

- Em contraposição à análise de Bourdieu, as escolares investigadas, mostraram atribuir alto valor para o corpo, expresso nas escolhas de suas vestimentas, no uso de apetrechos para valorizar seus cabelos, em pinturas para realçar olhos, boca e unhas, em atitudes como deixar de comer e fazer ginástica, além de demonstrar verbalmente em conversas entre elas “queria ser magra como você” ou “ai, que barrigão horrível”. Tais expressões e rearranjos, denotam esforços despendidos e preocupações estéticas fortemente presentes em suas relações, pessoal e coletiva. Tais mensagens revelam que mesmo em classes populares, que não têm a possibilidade de despender um alto investimento financeiro, nem por isso deixa de acompanhar as tendências da moda, consumir produtos e atribuir alto valor para a aparência física, almejando corpos fortes, sem marcas e com contornos.

- Levando em consideração tais pressupostos, conversar e estimular a reflexão sobre as diferenças físicas de cada um, mostrar os diversos atributos de beleza e valores existentes em outras culturas, contextualizar o corpo na história e entender as marcas e as linguagens que atuaram sobre ele no decorrer dos tempos é importante início de diálogo, no sentido de incentivar o conhecimento e respeito ao diferente e à aceitação de si.

- A falta de perspectiva financeira e ascensão social estão marcadas na vida dessas adolescentes, no contexto de pobreza que estão inseridas. A quase nula possibilidade de fazer uma faculdade e conseguir um bom emprego são retratadas nas ambições aspiradas por elas em ter filhos, marido e cuidar da casa. Nesse processo de construção dos sonhos e objetivos de vida, elaborados por essas escolares pobres, as questões de gênero estão presentes de forma determinante, mas não é o único fator que motiva suas escolhas e decisões de vidas. Os dados mostram que mais que conceitos e papéis socialmente construídos, as poucas oportunidades de elaboração de uma identidade pública, calcada em um mercado de trabalho restrito e instável, impedem as jovens de poder sonhar em um dia comprar sua própria moradia, ter seu meio de condução, ser financeiramente independente, enfim, parece que os arranjos

econômicos e políticos do nosso país limitam as classes sociais carentes em seu direito de sonhar e as excluem da dinâmica consumista, pautada na aparência física e nos bens materiais.

“Se ame, cuide de você e dos outros à sua volta. Ame e use camisinha”. A mensagem descrita por uma participante, na última oficina, vem contemplar positivamente os objetivos propostos inicialmente, expressando aceitação da aparência física, independente de padrões impostos de beleza, e atribuindo valor ao cuidado pessoal voltado para o coletivo. Parafraseando com a idéia transmitida no verso de Nascimento e Brant (1986) “[...] de uma gente que ri quando deve chorar e não vive, apenas agüenta [...] mas é preciso ter força [...] é preciso ter garra, é preciso ter sonho, sempre [...]”. A canção “Maria, Maria” fecha o pensamento deste estudo, cujo objetivo é oferecer instrumentos educativos para reflexão, conscientização e mudança de comportamento, incentivando espaços competentes de diálogo, em uma clientela carente de sonho e oportunidades sociais. Assim, finalizamos esta pesquisa com a impressão de ter deixado marcas de inquietação nas alunas e com a intenção de estimular novas investigações na área educativa, que necessita de ações conjuntas e responsáveis.

6 REFERÊNCIAS

ABRAMO, P. Pesquisa em Ciências Sociais. In: HIRANO, S. (Org.). **Pesquisa Social: projeto e planejamento**. São Paulo: T. A. Queiroz, 1979, p. 21-88.

ALBUQUERQUE, L. M. B. de. As invenções do corpo: Modernidade e Contramodernidade. **MOTRIZ**, V. 7, n. 1, p. 33-40, 2001.

ALFARO, E.; VÁZQUEZ, B. Situación actual de las mujeres en los diferentes ámbitos del deporte. **Seminario Permanente Mujer y Deporte – I Congreso Nacional sobre Mujer y Deporte**. Instituto Nacional de Educacion Física (INEF), Madrid, 1990.

ALTMANN, H. Orientação sexual nos Parâmetros Curriculares Nacionais. **Revista Estudos Feministas**, v. 9, n. 2, p.575-585, fev., 2001.

ANDI, A. **Difícil conciliação: gravidez x escola**, 2005. Disponível em <<http://www.unb.br/acs/unbclipping/cp050120-13.htm>>. Acesso em 6 de fevereiro de 2007.

ANDRADE, R. M. B. Entre o dito e o proibido: a sexualidade e o adolescente na soap-opera brasileira. In: XXVIII CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 5 a 9 de setembro de 2005, Rio de Janeiro. Disponível em <<http://www.reposcom.portcom.intercom.org.br/bitstream/1904/18133/1/R0351-1.pdf>>. Acesso em 12 de janeiro de 2007.

BIANCARELLI, A. **Obsessão com forma física é alvo de estudos**, 2002. Disponível em: <<http://www.saúde.bol.com.br/boa-forma/folha/2002/12/31/01.jhtm>>. Acesso em 09 de agosto de 2003.

BORGES, M. L. Gênero e desejo: a inteligência estraga a mulher?. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 13, n. 3, p. 667-676, set./dez., 2005.

BORGES, A. L. V.; SCHOR, N. Início da vida sexual na adolescência e relações de gênero: um estudo transversal em São Paulo, Brasil, 2002. **Caderno de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v.21, n. 2, p. 499-507, mar./abr., 2005.

BORGES, A. L. V.; NICHATA, L. Y, I.; SCHOR, N. Conversando sobre sexo: a rede sociofamiliar como base de promoção da saúde sexual e reprodutiva de adolescentes. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, Ribeirão Preto, v. 14, n. 3, p. 422-427, maio/junho, 2006.

BOUER, J. **Quero entender tudo sobre sexualidade**. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2006, 47 p..

BOURDIEU, P. **La distinción: criterio y bases sociales del gusto**. Madrid, 1988, 597 p.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos: Apresentação dos Temas Transversais** - Brasília: MEC/SEF, 1998, 446 p.

_____. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: primeiro e segundo ciclos** – Rio de Janeiro: DP&A, 2000, 93 p.

BRETON, D. **Antropologia del cuerpo y modernidad**. 1ªed. Buenos Aires: Nueva Visión, 2002, 256 p.

BUENO, S. M. V. **Contribuição ao estudo da aplicação do lazer no ambiente hospitalar** (Dissertação de Mestrado em Enfermagem Psiquiátrica) - Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto/USP, 1981.

_____. **Educação Preventiva em Sexualidade, DST-AIDS, Drogas e Violência**. Ministério da Saúde. Brasília-DF. Documento 1997-1998. 180 p.

_____. **Educação Preventiva em Sexualidade, DST-AIDS e Drogas nas Escolas**. 2001, 263 f. Tese (Livre-Docência em Enfermagem Psiquiátrica) - Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo/USP, 2001.

CAMPAGNA, V. N. **Aspectos da organização da identidade feminina no início da adolescência**. 2003, 160 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Faculdade de Psicologia, Universidade de São Paulo/USP, 2003.

CANO, M. A.; FERRIANI, M. G.; MEDEIROS, M.; GOMES, R. **Auto-imagem na adolescência**. Artigo publicado na Revista Eletrônica de Enfermagem 1999. Disponível em <<http://www.fen.ufg.br/revista>>. Acesso em 10 de janeiro de 2007.

CANO, M.A.; FERRIANI, M. G.; MENDONÇA, M. L. **Repetência e evasão escolar de adolescentes em Ribeirão Preto-SP: uma primeira abordagem**. Artigo publicado na Revista Eletrônica de Enfermagem, 1999. Disponível: <<http://www.fen.ufg.br/revista>>. Acesso em 14 de novembro de 2006.

CANO, M. A. T.; FERRIANI, M. G. C.; GOMES, R. Sexualidade na adolescência: um estudo bibliográfico. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, Ribeirão Preto, v. 8, n. 2, p. 18-24, abril, 2000.

CARVALHO, M. C. B. (org). **A família contemporânea em debate**. 6ªed. São Paulo: EDUC/Cortez, 2005, 122 p.

CEROZZI, M. Doentes pela beleza. **Revista vida & Arte**, edição de junho de 2006. Disponível em <<http://www.diarioweb.com.br/vida/matéria.asp?codigo=91&nredc=19>>. Acesso em 21 de dezembro de 2006.

CHENEY, Sheldon. Quando a Arte era jovem: os primitivos, artistas-crianças do Mundo. In: _____. **História da Arte**. São Paulo: Ed. Rideel, p.3-41, 1995.

CONTI, M. A.; FRUTUOSO, M. F.P.; GAMBARDELLA, A. N. D. Excesso de peso e insatisfação corporal em adolescentes. **Revista Nutrição**. Campinas, v.18, n.4, p.491-497, jul./ago., 2005.

COURTINE, J.J. Os Stakanovistas do Narcisismo. In: SANT'ANNA, D. B. de. **Políticas do Corpo**. São Paulo: Estação Liberdade, 1995, p. 81-114.

DEL PRIORE, M.. **Corpo a corpo com a mulher: pequena história das transformações do corpo feminino no Brasil**. São Paulo: Editora SENAC, 2000, 108 p.

_____. **Ao sul do corpo**. Rio de Janeiro: J. Olímpio; Brasília: Edunb, 1993.

DÍAZ-GOMEZ, N.M.; BARROSO, A.; HERNÁNDEZ, C.; ROMERO, A.; DAROQUI, P.; NOVO, M. **Sexualidad em la adolescencia**, 2001. Disponível em <http://www.comtf.es/pediatria/congreso_aep_2000/Ponencias-htm/N_Marta_D%C3%ADaz.htm>. Acesso em 4 do dezembro de 2006.

DOWLING, C. **Complexo de Cinderella**. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2001.

ELIAS, N. **O processo civilizador**. Rio de Janeiro: Zahar, 1990.

ELIAS, M. S.; CANO, M. A. T.; JUNIOR, W. M.; FERRIANI, M. G. C. A importância da saúde bucal para adolescentes de diferentes estratos sociais do município de Ribeirão Preto. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**. Ribeirão Preto, v. 9, n. 1, p. 88-95, jan., 2001.

ENTRALGO, L. **El cuerpo humano: Oriente y Grecia Antigua**. Madrid: ESPASA – Universidad, 1987, 208 p..

FÁVERO, M. E.; ABRAÃO, L. G. M. “Malhando o gênero”: o grupo focal e os atos da fala na interação de adolescentes com a telenovela. **Psicologia: Teoria e Prática**, v. 22, n. 2, p. 175-182, maio/ago., 2006.

FEATHERSTONE, M. A globalização da complexidade: pós-modernismo e cultura de consumo. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, n. 32, ano II, p. 105-124, out., 1996.

FERNÁNDEZ, M. L.; EXPÓSITO, M. S.; MARTÍNEZ, C. R.; PALOMARES, P.R. **Adolescentes y métodos anticonceptivos**. Disponível em <<http://www.uco.es/organiza/centros/educacional/revistabru/brujula/articulos/noci3.pdf>>. Acesso em 24 de novembro de 2006.

FIATES, G.M.R.; SALLES, R. K. Fatores de risco para o desenvolvimento de distúrbios alimentares: um estudo em universitárias. **Revista Nutrição**, Supl. 14, p. 3-6, 2001.

FREIRE, P. **Conscientização : teoria e prática da libertação – uma introdução ao pensamento de Paulo Freire**. Trad. Kátia Silva. São Paulo: Moraes, 1980, 102p.

_____. **Pedagogía do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992, 184 p.

_____. **Pedagogía da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1993, 148p.

_____. **La educación como práctica de la libertad**. 11ªed. Madrid: Siglo Veintiuno de Espana Editores, 2002.

FORONES, M. **Apelo por beleza é um pedido de amor**, 2000. Disponível em: < <http://www.jt.estadao.com.br/suplementos/domi/2000/10/15/domi006.htm>>. Acesso em 20 de junho de 2003.

FORTUNA, C. A. R. El proceso reproductivo en los ritos populares: dimensiones sociales significativas. **AIBR – Antropólogos Iberoamericanos en Red**, Buenos Aires, n. 35, p. 1-7, mayo/junio, 2004.

_____. **Microfísica do Poder**, 19ªed. Rio de Janeiro: Ed. Graal, 1979, 209 p.

GÁRCIA, E. F.; JORDÁN, O. R. C.; BAÑUELOS, F. S.; RUBIO, C. F. Q. Evolución de la práctica de la actividad física y el deporte en mujeres adolescentes e influencia en la percepción del estado general de salud. **Consejo Superior de Deportes: mujeres y actividades físico-deportivas**. Serie ICd, n. 35, p.25-57, 2002.

GHERPELLI, M. H. B. V. A educação preventiva em sexualidade na adolescência. **Série Idéias**, São Paulo: FDE, n. 29, p.61-72, 1996.

GIDDENS, A. **Consecuencias de la modernidad**. 2ªed. Madrid: Alianza Universidad Editorial, 1994, 166 p.

_____. **La transformación de la intimidad: sexualidad, amor y erotismo en las sociedades modernas**. Madrid: Ediciones Cátedra, 1995.

_____. **Modernidade e identidade**. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar, 2002, 233 p.

GUIMARÃES, A. M. A. N.; VIEIRA, M. J.; PALMEIRA, J. A. Informações dos adolescentes sobre métodos anticoncepcionais. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, Ribeirão Preto, v. 11, n. 3, p. 293-298, maio/jun., 2003.

GOLDENBERG, M.; RAMOS, M. S. A civilização das formas: O corpo como valor. In: _____. **Nu & Vestido: Dez Antropólogos revelam a cultura do corpo carioca**. Rio de Janeiro: Record, 2002, p. 19-40.

GOMES, W. A.; COSTA, M. C. O.; SOBRINHO, C. L. N.; SANTOS, C. A. S. T.; BACELAR, E. B. Nível de informação sobre adolescência, puberdade e sexualidade entre adolescentes. **Jornal de Pediatria**, Rio de Janeiro, v.78, n. 4, p. 301-308, 2002.

HEILBORN, M. L.; SALEM, T.; ROHDEN, F.; BRANDÃO, E.; KNAUTH, D.; VÍCTORA, C.; AQUINO, E.; McCALLUM, C.; BOZON, M. Aproximações Socioantropológicas sobre a gravidez na adolescência. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 8, n. 17, p.13-45, jun., 2002.

HEILBORN, M. L. Entre as tramas da sexualidade brasileira. **Estudos Feministas**, Florianópolis, n.14, v. 1, p. 43-59, jan./abril, 2006.

HERAS, A.B. **La construcción social del cuerpo de la mujer em el deporte**. Tesis (Doctorado em Ciências Políticas y Sociología) - Universidad Complutense de Madrid, Madrid, 1991.

KNIJNIK, J. D. **Mulheres no esporte: uma nova roupa velha**, 2002. Disponível em: < <http://www.efdeportes.com/efd42/mulher.htm>>. Acesso em 15 de outubro de 2002.

LENSKY, H. Poder y juego: problemática de género y sexualidad en el deporte y la actividad física. Este artículo apareció publicado en **International Review for the Sociology of Sport**, v. 25, n.3, 1990. Traducción: Suárez, Toñi; Barbero, José Ignacio. Centro de Estudios sobre la mujer en Educación. Toronto, Canadá. Perspectivas de Atividade Física y el deporte, n.8, p. 9-14, 1991.

LOURO, G. L. **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. 2ªed. Belo Horizonte: Autêntica, 2001, 172 p.

LOYOLA, M. A. Sexualidade e medicina: a revolução do século XX. **Caderno de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 4, p.875-899, jul./ago., 2003.

MANDÚ, E. N. T. Adolescência; saúde, sexualidade e reprodução. **Revista Adolescer – Associação Brasileira de Enfermagem - ABEn Nacional**. Disponível em <<http://abennacional.org.br/revista/cap3.1.html>>. Acesso em: 04 de julho de 2006.

MAUSS, M. **Antropologia e sociologia**. São Paulo: EPU; EDUSP, 1974(a).

_____. **Intruducción a la Etnografía**. 2ªed. Madrid: Ediciones ISTMO, 1974(b), 388 p.

MINAYO, M. C. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em Saúde**. 8ª ed. São Paulo/Rio de Janeiro. HUNITEC/ABRASCO, 2004, 264 p.

MIÑANO, M. J. C. **Imagen Corporal y Práctica de Actividad Físico-Deportiva en la Adolescencia**. 2005. Tesis (Doctoral apresentada en la Facultad de Educación-Departamento de Expresión Musical y Corporal) - Universidad Complutense de Madrid, Madrid 2005.

MIÑANO, M. J. C; GALLIANO, R.; DÍAZ, M. A. La insatisfacción corporal de las adolescentes y la práctica de ejercicio físico como método de control del peso corporal. **Consejo Superior de Deportes: mujeres y actividades físico-deportivas**. Serie ICd, n. 35, p.97-133, 2002.

NASCIMENTO, M.; BRANT. F. **Maria, Maria**. 1986. Disponível em <<http://milton-nascimento.lettras.terra.com.br/lettras/47431/>>. Acesso em 18 de Fevereiro de 2007.

NARDI, H. C. **Sexualidade e direitos humanos: a questão da educação**. Disponível em <<http://www.Madres.org/asp/contenido.asp?clave=1807>>. Acesso dia 9 de fevereiro de 2007.

NAVARRO-PERTUSA, E.; FERRER, A. R.; HEREDIA, E. B.; CASCALE, R. I. F. Grupo de iguais e iniciación sexual adolescente:diferencias de género. **Rede de Revistas Científicas de América Latina y el Caribe, Espana y Portugal**, v. 6, n. 001, p. 79-96, enero, 2006.

NICOLINO, A. da S. **A Formação do Profissional das Práticas Corporais Alternativas**. Dissertação de Mestrado apresentado ao Instituto de Biociências do Campus de Rio Claro- Área da Pedagogia da Motricidade Humana, 2003, 120 p.

NOVAES, J. de V.. **Corpo e Prazer - o corpo do consumo e o consumo do corpo**. Rio de Janeiro: Puc, 1997.

NOVAES, J. de V; VILHENA, J. de. De Cinderela a Moura Torta: sobre a relação mulher, beleza e feiúra. **Revista Interações**, vol.VIII, n. 15, p.9-36, jan.-jun., 2003.

OLIVA, A.; SERRA, L.; VALLEJO, R. Patrones de comportamiento sexual y contraceptivo en la adolescencia. **Revista Infância y Aprendizage**, Sevilla, n. 77, p. 19-34, 1997.

OLIVEIRA, J. E. C. **O papel da disciplina de Educação Física na minimização da indisciplina escolar**. 2004. Dissertação (Mestrado em Educação) – Centro Universitário Moura Lacerda de Ribeirao Preto, 2004.

PAGNAN, R.; SPINELLI, E. **USP monta rede de qualidade educacional**. Disponível no Jornal Folha de São Paulo, caderno de Ribeirão Preto, em 1 de julho de 2003. <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/educacao/ult305u12961.shtml>>. Acesso em 10 de Janeiro de 2007.

PAIVA, V.; PERES, C.; BLESSA, C. Jovens e Adolescentes em tempos de AIDS reflexões sobre uma década de trabalho de prevenção. **Psicologia-USP**, v.13, n. 1, São Paulo, 2002. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttex&pid=S0103-65642002000100004&lng=pt&nrm=isso>. Acesso em 19 de maio de 2006.

QUEIROZ, R. S.; OTTA, E. A beleza em foco: condicionantes culturais e psicobiológicos na definição da estética corporal. In: QUEIROZ, R. S.(org.). **O corpo do brasileiro: estudos de estética e beleza**. São Paulo: SENAC, 2000, p. 13-66.

RANÑA, W. Os desafios da adolescência. **Revista Viver Mente & Cérebro**, Ano XIV, n. 155, p.42-73, dez., 2005.

RIBEIRO, R. P. P.; SANTOS, P. C. M.; DOS SANTOS, J. E. Distúrbios da conduta alimentar: anorexia e bulimia nervosas. **Revista Medicina**, Ribeirão Preto, 31:41-53, jan/mar., 1998.

RIBEIRO, J. S. B. Brincadeiras de meninas e de meninos: socialização, sexualidade e gênero entre crianças e a construção social das diferenças. **Cadernos Pagu**, n. 26, jan./jun., p. 145-168, 2006.

RICE, F. P. **Adolescencia: desarrollo, relaciones y cultura**. Madrid: Novena Edición, 2000.

RODRIGUES, J. C. Corpo ou Corpos?. In: _____. **Tabu do Corpo**. Rio de Janeiro: Achiamé, 1980, p. 43-49.

RUDIO, F.V. **Introdução ao Projeto de Pesquisa Científica**. 2º ed.. Petrópolis: Vozes, 1978.

SALLES-COSTA, R.; HEILBORN, M. L.; WERNECK, G. L.; FAERSTEIN, E.; LOPES, C. Gênero e prática de atividade física e lazer. **Caderno de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 19, sup. 2, p. 325-333, 2003.

SANT'ANNA, D. Cuidados de si e embelezamento feminino: fragmentos para uma história do corpo no Brasil. In: _____. **Políticas do Corpo**. São Paulo: Estação Liberdade, 1995, p. 121-140.

SILBER, T; CASTELLS, P. Expresiones de la identidad sexual y la sexualidad adolescente. **Revista Pediátrica de Atención Primaria**, n. 14, p. 245-259, abril/jun., 2002.

SILVA, S. G. **O conflito identitário: sexo e gênero na constituição das identidades**, 1999. Disponível em <<http://www.espdh.hpg.ig.com.br/texto30.pdf>>. Acesso em 14 de fevereiro de 2006.

SIQUEIRA, I. S.; SHITARA, A.; SALLES, P. E. A. **Perfil de adolescentes de 4 zonas da cidade de São Paulo / Brasil: leitura em diferentes mídias, esporte, lazer e profissão almejada**, 2005. Disponível em <<http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php>>. Acesso em 1 de fevereiro de 2007.

SOARES, C. L. **Entre o humano e o andróide**. 2001a. Disponível em <http://www.unicamp.br/unicamp/unicamp_hoje/ju/abril2001/pag17abril2001.htm>. Acesso em 23 de março de 2007.

_____. **Educação Física: raízes Européias e Brasil**. 2º ed. Campinas: Autores Associados, 2001b, 143 p.

SOUZA, I. F. Gravidez de adolescência: uma questão social. **Revista Adolescência Latinoamericana**, Porto Alegre, v. 3, n. 2, p.1-4, nov., 2002.

TAQUETTE, S. R. **A iniciação sexual da adolescente: o desejo, o afeto e as normas sociais**. 1997, 176 f. Tese (Doutorado em Pediatria) – Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo/USP, 1997.

THIOLLENT, M. **Metodologia da Pesquisa-Ação**. 13ª ed. São Paulo: Cortez, 2004.

TOLEDO, R.P. Sexo e Pecado. **Revista Veja**, ano 29, nº12, p.56-62, março, 1996.

TRINDADE, E.; BRUNS, M. A. T. **Sexualidade de jovens em tempos de AIDS**. Campinas/SP: Ed. Átomo, 2003.

TRIVIÑOS, A. N.S. **Introdução à Pesquisa em Ciências Sociais: pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987, 173 p.

VÁZQUEZ, B. Diferentes concepciones del cuerpo. En la enseñanza de la Educación Física. IV JORNADA INTERNACIONAL DE COEDUCACIÓN. **Anais**. Valencia: Universidad de Valencia, p. 289-296, octubre, 1994.

_____. Nuevos retos para el deporte y las mujeres en el siglo XXI. In: CONGRESO MUJER Y DEPORTE. **Ponencia Inaugural**. Bilbao, 26 de noviembre, 2001.

VILLELA, W. V.; ARILHA, M. Sexualidade, Gênero e Direitos Sexuais e Reprodutivos. In: BERQUA, E. (org.). **Sexo & Vida: panorama da saúde reprodutiva no Brasil**. Campinas, Ed. Unicamp, 2003, p. 95-150.

VILLELA, W. Gênero, saúde dos homens e masculinidades. **Ciência & Saúde Coletiva**, São Paulo, v. 10, n. 1, p. 29-32, jan./mar., 2005.

VILLELA, W.; DORETO, D.T. Sobre a experiência sexual dos jovens. **Caderno de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 22, n. 11, p. 2467-2472, nov., 2006.

WEEKS, J. O corpo e a sexualidade. In: LOURO G. L.(org). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. 2ºed. Belo Horizonte: Autêntica, 2001, p.35-82.

WUSTHOF, R. **Descobrir o sexo**. 11º ed. São Paulo: Ática, 1998.

SITES INVESTIGADOS

[http:// www. abia.org.br](http://www.abia.org.br)

[http://: www.aids.gov.br](http://www.aids.gov.br)

[http://: www.adolesite.aids.gov.br](http://www.adolesite.aids.gov.br)

[http://: www.unaids.org](http://www.unaids.org)

[http://: www.isexp.com.br](http://www.isexp.com.br)

[http://: www.abrapia.org.br](http://www.abrapia.org.br)

[http://: www.andi.org.br](http://www.andi.org.br)

[http://: www.ibge.gov.br](http://www.ibge.gov.br)

[http://: www.projetojuventude.org.br](http://www.projetojuventude.org.br)

[http://: www.redece.org](http://www.redece.org)

[http://: www.unicef.org/brazil](http://www.unicef.org/brazil)

[http://: www.doutorjairo.com.br](http://www.doutorjairo.com.br)

5. Quais as melhores coisas da sua vida?
6. Quais as piores coisas da sua vida?
7. Dê sua opinião sobre a sua escola?
8. O que significa sua família para você?
9. Você gosta de ser mulher/homem. Porquê?

Vantagens: _____

Desvantagens: _____

10. O que você mais gosta no seu corpo?
11. O que você menos gosta no seu corpo?
12. Você faz algo para o seu corpo estar sempre bem? O quê?
13. Você já sofreu preconceito por alguma característica do seu corpo?

III. Questões sobre Sexualidade

1. O que você entende por sexualidade?
2. Para você o que é sexo?
3. Você já ouviu falar de violência sexual? Dê sua opinião sobre isso.
4. Você já ouviu falar de doenças sexualmente transmissíveis? E AIDS?

IV. Sugestões

1. Cite cinco temas ou questões que você gostaria de discutir conosco.
2. Livre para falar ou desenhar sobre o que quiser.

*Pesquisadora Responsável: Aline da Silva Nicolino
Telefone para contato: 91516172*

APÊNDICE B
TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (PAIS)

Nome da Pesquisa: Novas e Velhas Configurações da Sexualidade e do Corpo Feminino: Pesquisa-Ação na Educação com Escolares.

Pesquisadora Responsável: Aline da Silva Nicolino, Doutoranda da Enfermagem Psiquiátrica EERP-USP.

Pretendemos estudar a opinião que cada aluna tem de si, da sua auto-imagem e auto-estima, e com isso verificar se a propaganda que a mídia mostra diariamente, principalmente, da mulher é considerada uma referência a ser seguida. Será que a imagem que você sonha e a imagem que você vê no espelho interferem na sua forma de pensar e agir, tanto consigo mesmo, como com os outros? Assim, o objetivo deste estudo é analisar esta relação entre o real e o que se deseja ser, a partir de ideais de beleza divulgados pela mídia. Para tanto, trabalharemos com as alunas por meio de oficinas de expressão corporal, palestras, aulas dialogais e expositivas sobre temáticas relacionadas a sexualidade, padrões de beleza, conscientização corporal, auto-imagem, auto-estima, prevenção de infecções sexualmente transmissíveis (DST) e AIDS, bem como gravidez precoce e drogas. O estudo será desenvolvido na escola, durante o horário de aula, com encontros a cada 15 dias, realizados na própria sala de aula, neste segundo semestre de 2006, que contará com a participação conjunta dos professores de Ciências, Leitura, Educação Física, Português e Inglês, os quais gentilmente cederam algumas aulas para trabalharmos tais temáticas. No primeiro encontro será aplicado um questionário para os alunos responderem, mostrando suas dúvidas e questionamentos sobre o assunto central, de forma a nos ajudar a traçar ações educativas referente as suas necessidades e questionamentos. Ao final de cada encontro será recolhido o material utilizado com elas, como: relatórios, trabalhos e desenhos para fazer parte da nossa análise. É importante frisar que a participação do aluno nesta pesquisa é totalmente voluntária e não obrigatória, sem desprendimento de gastos, ficando à vontade de continuar ou interrompê-la, caso vier sentir necessidade, podendo desistir a qualquer momento. Além disso, será mantido o absoluto sigilo de todos os dados e informações obtidas neste trabalho, bem como serão respeitados todos os direitos que garantam sua total privacidade a anonimato. Ao final da pesquisa, os dados serão utilizados em uma tese de Doutorado com finalidade social de contribuir com informações que ofereça maior conscientização corporal, aceitação de suas individualidades e, conseqüentemente, prevenção de DST/AIDS.

Pais ou Responsável, caso você tenha entendido as explicações acima e concorde com a participação de seu filho(a) nesta pesquisa é necessário que você assine este Termo de Consentimento, escrevendo seu nome e número do seu RG.

Nome: _____ RG: _____

Ribeirão Preto, _____ de _____ de 2006.

Assinatura do Responsável

Pesquisadora Responsável
Aline da Silva Nicolino

Assinatura do Participante

Telefone para Contato com a Pesquisadora - Celular: 16-91516172

APÊNDICE C
TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (PROFESSORES)

Nome da Pesquisa: Novas e Velhas Configurações da Sexualidade e do Corpo Feminino: Pesquisa-Ação na Educação com Escolares.

Pesquisadora Responsável: Aline da Silva Nicolino, Doutoranda da Enfermagem Psiquiátrica EERP-USP.

Pretendemos estudar a opinião que cada aluna tem de si, da sua auto-imagem e auto-estima, e com isso verificar se a propaganda que a mídia mostra diariamente, principalmente, da mulher é considerada uma referência a ser seguida. Será que a imagem que você sonha e a imagem que você vê no espelho interferem na sua forma de pensar e agir, tanto consigo mesmo, como com os outros? Assim, o objetivo deste estudo é analisar esta relação entre o real e o que se deseja ser, a partir de ideais de beleza divulgados pela mídia. Para tanto, trabalharemos com os alunos por meio de oficinas de expressão corporal, palestras, aulas dialogais e expositivas sobre temáticas relacionadas a sexualidade, padrões de beleza, conscientização corporal, auto-imagem, auto-estima, prevenção de infecções sexualmente transmissíveis (DST) e AIDS, bem como gravidez precoce e drogas. O estudo será desenvolvido na escola com as alunas, durante o horário de aula, com encontros semanais, realizados na própria sala de aula, neste ano de 2006. Com os professores estaremos participando de reuniões realizadas uma vez na semana, durante a Hora de Trabalho Pedagógico Coletivo (HTPC), apresentando os textos que serão utilizados com as alunas e dialogando sobre as ações educativas que serão aplicadas com os mesmos. Além disso, será aplicado um questionário direcionado para os professores, o qual nos possibilitará resgatar algumas dúvidas, contribuições e questionamentos referente as dificuldades e necessidades enfrentadas pelos alunos, bem como reflexões sobre o tema central, de forma a contribuir na elaboração de intervenções educativas. As informações extraídas do questionário e dos encontros semanais possibilitará ações conjuntas com os professores, pais e alunos, de modo a estimular um trabalho interdisciplinar, assim como sua continuidade, por meio da motivação de leituras, diálogos e discussões sobre a sexualidade. É importante frisar que a sua participação nesta pesquisa é totalmente voluntária e não obrigatória, sem desprendimento de gastos, ficando à vontade de continuar ou interrompê-la, caso vier sentir necessidade, podendo desistir a qualquer momento. Portanto, será mantido o absoluto sigilo de todos os dados e informações obtidas neste trabalho e respeitados todos os direitos que garantam sua total privacidade e anonimato. Ao final da pesquisa, os dados serão utilizados em uma tese de Doutorado com finalidade social de contribuir com informações que ofereça maior conscientização corporal, aceitação de suas individualidades e, conseqüentemente, prevenção de DST/AIDS.

Professor(a), caso você tenha entendido as explicações acima e concorde em participar desta pesquisa é necessário que você assine este Termo de Consentimento, escrevendo seu nome e o número do seu RG.

Nome: _____ RG: _____

Ribeirão Preto, _____ de _____ de 2006.

Assinatura do Professor(a)

Pesquisadora Responsável
Aline da Silva Nicolino

Telefone para Contato com a Pesquisadora - Celular: 16-91516172

APÊNDICE D

PLANO PILOTO – COLETA DE DADOS/2005

Primeiro Encontro – Aplicação do Questionário sobre o Tema Central (para testagem e validação do instrumento)

● Contato com os Professores

Na reunião, que aconteceu no horário do almoço, foram entregues textos às professoras das disciplinas de Inglês, Português, Ciências e Geografia. O material sobre sexualidade e gravidez precoce foi apresentado como sugestão para troca de informações, já que no encontro anterior, elas se mostraram interessadas, relatando sobre conteúdos dados em sala de aula, citando trabalhos referentes a sexualidade. Depois, comentamos sobre cada artigo distribuído e mencionamos a facilidade e a qualidade do material didático disponível na Internet, especialmente, em sites específicos de periódicos, teses e dissertações científicas, para os quais passamos alguns endereços eletrônicos e as formas de acesso.

Dado o sinal, fomos com a professora de Ciências para a sua sala de aula, ela nos apresentou para os alunos e gentilmente nos cedeu espaço para explicarmos a proposta do estudo para os mesmos.

● Contato com as Alunas

- Conteúdo Desenvolvido

Primeiramente, nos apresentamos e fizemos uma explanação sobre a pesquisa, mostrando as possibilidades do seu desenvolvimento e finalidade, explicando sobre a importância do questionário e do Termo de Consentimento, para aqueles alunos que quisessem participar do estudo.

- Objetivos

Explicar, claramente aos alunos, o que é a pesquisa, para quê e porque da sua realização, verificar o interesse deles sobre a temática e suas necessidades primordiais.

- Estratégias de Ensino

Foi explicado, por meio do método expositivo, através do diálogo, o que é uma pesquisa, sua importância, os objetivos, como as informações iriam ser coletadas, seu desenvolvimento e a finalidade desta investigação, a participação voluntária e as contribuições que tais informações pudessem gerar para outros estudantes, ou seja, detalhando todos os passos a ser seguidos. Além disso, foi-lhes falado sobre a importância do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e, no final, entregue para os alunos interessados em participar, para levarem para aos pais ou responsáveis assinarem, explicando aos mesmos

sobre a pesquisa. Também foi frisado a seriedade científica do estudo e o sigilo com os dados e trabalhos realizados por eles, bem como a decisão voluntária em participar. Foi reforçada a informação que qualquer uma poderia ter a liberdade de deixar a pesquisa, caso não se sentisse à vontade.

Para tanto, foi ressaltado que não teriam nenhum tipo de gasto e que a intenção era construir conjuntamente, o conhecimento sobre sexualidade e conscientização corporal, falando sobre isso com os professores e pais também, por meio de encontros, oficinas, usando uma linguagem educativa e consciente. Neste momento, sentimos uma reação negativa por parte dos alunos, através de olhares e cochichos com os colegas do lado. Ficou notório que a maioria deles não acreditava que os pais se envolveriam com tais situações. Perante a situação, reforçamos a importância do diálogo franco, aberto, educativo e conscientizador sobre sexualidade, alertando que o modo preconceituoso de lidar com o exercício da sexualidade aumenta as possibilidades de se expor e, conseqüentemente, se contaminar com alguma DST, AIDS, gravidez indesejada, como afirmam as autoras Trindade e Bruns (2003).

Logo em seguida, foi entregue os questionários e explicado algumas questões que poderiam ocasionar confusão, pois foram elaboradas para ambos os sexos responderem. Os questionários foram entregues para os alunos que quiseram participar, bem como pedido a colaboração de todos neste momento, no sentido de concentração, seriedade e honestidade nas respostas, visto que a pesquisa seria utilizada como um meio de informar outros estudantes de necessidades, preocupações e indagações sobre o exercício da sexualidade. Foi ressaltado que os dados, em momento algum, seriam repassados para outros professores, usados como forma de julgamento ou utilizados contra eles para qualquer tipo de avaliação.

- Material Utilizado:

Giz e folhas (Questionário e Termo de Consentimento).

- Comentários

Na oitava série B, as meninas se mostraram muito curiosas e ansiosas para os próximos encontros, perguntando quando iria ser o próximo e se não poderia acontecer mais vezes na semana.

A boa receptividade, o comprometimento e interesse das meninas era nítido. Isto foi observado a partir dos comentários descritos na última pergunta do questionário, em que era livre para descrever ou desenhar o que quisesse. Assim, descrições como: “adorei esse trabalho”; “adorei essa aula, tirei minhas dúvidas”; “adorei o questionário, achei muito legal a iniciativa” são algumas das considerações escritas por elas.

Com relação a escrita e expressão dos alunos, em outros momentos, professores falaram dessa questão, mencionando a dificuldade dos alunos em escrever, bem como a própria resistência. O professor de Educação Física alertou sobre isso, já que realizou sua dissertação de mestrado na mesma escola, durante o período de 2002-2004, tendo como temática a indisciplina. Ele disse que os alunos não eram os mesmos, mas que havia uma dificuldade muito grande daquela clientela em geral em escrever, de se expressar. Perante a limitação, realizou sua pesquisa descrevendo conversas informais que tinha com os alunos e a partir dessas, elaborou ações educativas para trabalhar em parceria com os mesmos, dentro do contexto escolar (OLIVEIRA, 2004).

Ficamos um pouco no recreio conversando com os alunos, os quais foram muito receptivos, no sentido de perguntarem sobre nossas vidas, de falarem de seus colegas, contarem sobre algumas de suas vivências na escola, como paqueras e amigos. Os meninos para chamar atenção fizeram brincadeiras entre si, por meio de apelidos e empurrões. Neste momento, o diretor passou por nós para ir atrás de um aluno, parecia muito preocupado. Minutos depois, fomos à secretária e havia vários policiais. Na noite anterior, foi assaltada uma loja do bairro e o aluno que estava sendo procurado no intervalo pelo diretor, trabalhava nesta loja. Os alunos sabiam de detalhes, de informações específicas sobre o cofre, por exemplo. A sua mãe foi chamada e ambos, mãe e filho, saíram da instituição acompanhados dos policiais.

Logo depois, o diretor nos convidou para entrar em sua sala, momento em que apresentamos o trabalho realizado naquele dia, de modo a informá-lo sobre as expectativas dos alunos e a resposta positiva que tínhamos obtido, retorno que reforça a necessidade em se trabalhar com tal temática.

- Avaliação

As formas de avaliar, tanto ao que se refere a proposta da investigação, quanto a aceitação e empatia dos alunos perante as interventoras, se deu por meio da observação, do comportamento dos alunos, das perguntas feitas durante a apresentação, bem como da atenção dispensada e participação no diálogo. Ao final, com a entrega do questionário, verificamos as respostas e a resistência dos participantes em escrever ou não. Além disso, o fato de todos os alunos quererem participar, com exceção de um, também foi considerado uma avaliação positiva, já que houve uma boa aceitação.

- Referência

Os questionários foram elaborados em conjunto, doutoranda e orientadora, utilizando como base, outros estudos (MINAYO, 2004; TRINDADE; BRUNS, 2003; TRIVIÑOS, 1987),

bem como um projeto piloto, por meio de um estudo efetuado em uma escola particular de Ribeirão Preto, somente com meninas do Ensino Médio.

RESULTADOS/PLANO PILOTO – 2005

Para validação dos instrumentos propostos, foi aplicado um Plano Piloto, no segundo semestre de 2005, com o objetivo de avaliação diagnóstica das participantes, levando em consideração à realidade de cada uma delas, bem como de todo o grupo, que nortearam a elaboração e aplicação das oficinas.

A amostra inicial foi composta de 16 alunas, divididas em 6 alunas da 8ªA e 10 alunas da 8ªB. Destas, 3 estudantes da 8ªA e 6 alunas da 8ªB trouxeram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido assinado por seus responsáveis, perfazendo um total de 09 alunas integrantes deste Plano Piloto. As alunas foram identificadas por número, começando com as adolescentes da 8ªA, de 1 a 3; e as da 8ªB identificadas a partir do número 4 a 9.

Neste tópico, os dados referentes aos questionários do Plano Piloto estão demonstrados a partir da categorização das oitavas (8ªA e B), baseada nas respostas coletadas através de perguntas abertas e fechadas, ilustradas em tabelas, gráficos e quadros.

O questionário foi dividido em quatro partes: 1) identificação sócio-demográfica (idade, religião, profissão) das alunas; 2) questões sobre o tema central; 3) sexualidade; 4) finaliza com sugestões realizadas pelas alunas. A seqüência das temáticas foi mantida nesta ordem para melhor organização e visualização das respostas. É importante relatar que, mesmo concordando em participar da pesquisa e em responder integralmente o questionário, algumas alunas deixaram em branco algumas perguntas, que foram devidamente incluídas na avaliação do questionário. Seguiu-se os preceitos éticos e o rigor científico na identificação da clientela estudada.

A primeira parte do questionário, sobre a identificação das alunas, os dados socio-demográficos estão representados nas tabelas 1a e 1b, em seguida, oito gráficos. Informações referente ao tema central, sexualidade e sugestões dadas pelas alunas estão descritas em quadros.

I Parte: Identificação das Alunas

Dados sócio-demográficos das alunas das oitavas séries (A e B) da escola pesquisada - 2005.

Tabela 1a: Referentes a idade, religião, renda familiar e número de irmãos

PARTICIPANTE	IDADE					RELIGIÃO				RENDA FAMILIAR			NÚMERO DE IRMÃOS						
	13	14	15	18	T	católica	evangélica	nenhuma	T	1 a 2 sal.	3 a 5 sal.	T	1	2	3	4	6	T	
1			X			X				X				X					
2		X				X				X				X					
3		X				X				X			X						
4			X					X		X						X			
5			X			X					X			X					
6		X					X				X							X	
7		X				X					X		X						
8				X			8			X			X						
9	X					X				X					X				
n	1	4	3	1	9	6	2	1	9	6	3	9	3	3	1	1	1	9	
%	11,1	44,4	33,3	11,1	100	66,7	22,2	11,1	100	66,7	33,3	100	33,3	33,3	11,1	11,1	11,1	100	

*T: Total.

Tabela 1b: Referente ao conhecimento de escolares grávidas, idade de colegas grávidas e pessoas que moram na mesma residência

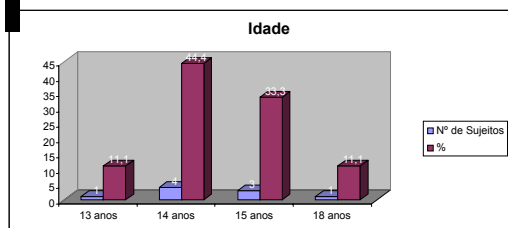
PARTICIPANTE	CONHECE ESCOLARES GRÁVIDAS			IDADE DE COLEGAS GRÁVIDAS**				PESSOAS QUE MORAM NA MESMA RESIDÊNCIA					
	Sim	Não	T*	14 anos	15 anos	16 anos	T	2	3	4	5	8	T
1	X				X						X		
2	X				X					X			
3	X				X			X					
4	X					X						X	
5	X				X						X		
6	X				X							X	
7	X			X					X				
8		X								X			
9	X				X						X		
n	8	1	9	1	6	1	8	1	1	2	3	2	9
%	77,8	22,2	100	14,3	71,4	14,3	100	11,1	11,1	22,2	33,3	22,2	100

*T: Total.

** : Oito participantes responderam conhecer escolares grávidas e suas respectivas idades.

Referente à idade das adolescentes: uma tinha 13 anos e outra 18 (11,1% cada), foi feita a distribuição percentual, a partir de suas faixas etárias. Quatro alunas (2, 3, 6 e 7) possuíam catorze anos; constituindo a faixa de idade mais representativa da amostra, com 44,4%. Três alunas (33,3% - P: 1, 4 e 5) tinham quinze anos, Gráfico 1.

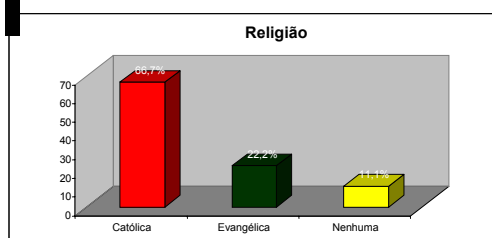
Gráfico 1. Distribuição percentual das alunas de oitavas séries, sobre a Idade



Sobre o estado civil das alunas, todas participantes da amostra se declararam solteiras.

Com relação a religião das participantes, as informações as respostas estão ilustradas no Gráfico 2.

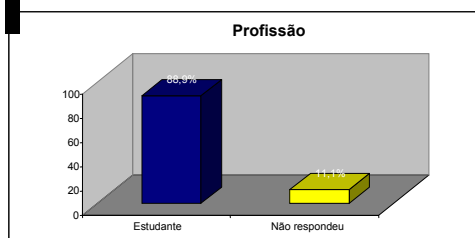
Gráfico 2. Distribuição percentual das alunas de oitavas séries, sobre a Religião



Os dados representados no Gráfico 2 revelam que a maioria é católica (66,7% - P: 1, 2, 3, 5, 7 e 9), duas são evangélicas (22,2% - P: 6 e 8) e uma declarou que não possui nenhuma religião (11,1% - P: 4).

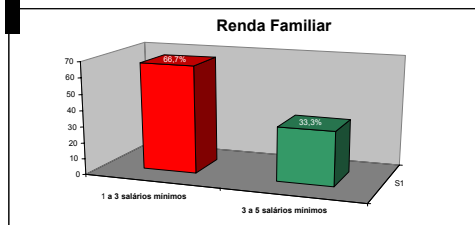
Quanto à profissão, as alunas que responderam, declararam ser estudantes, 88,9% (P: 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7 e 8) referiram sua ocupação como sendo estudante e somente uma aluna não respondeu a esta pergunta (11,1% - P: 9), como pode ser observado no Gráfico 3.

Gráfico 3. Distribuição percentual das alunas de oitavas séries, sobre a Profissão



Com relação à renda familiar das escolares, as respostas revelam os seguintes dados, conforme evidenciado no Gráfico 4.

Gráfico 4. Distribuição percentual das alunas de oitavas séries, sobre a Renda Familiar



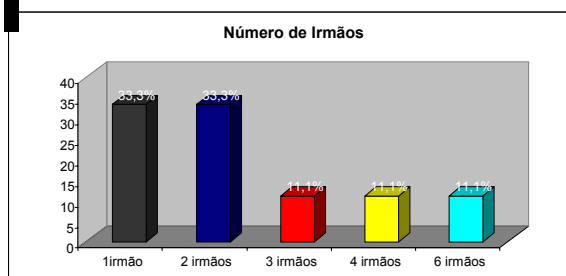
A maioria das adolescentes, referiu (66,7% - P: 1, 2, 3, 4, 8 e 9) estar na faixa salarial de 01 a 03 salários mínimos, ressaltando que esse valor é a soma do salário de todos que moram na mesma residência. Três alunas (33,3% - P: 5, 6 e 7) declararam a faixa salarial de até 05 salários mínimos por mês, como sendo a renda familiar.

Referente à quantidade de irmãos que as adolescentes possuem, as respostas podem ser observadas no Gráfico 5.

Tanto as alunas que responderam ter um irmão (P: 3, 7 e 8), quanto àquelas que afirmaram ter dois irmãos (P: 1, 2 e 5) tiveram o mesmo

percentual (33,3%). No demais, responderam: ter três irmãos (P: 9), quatro irmãos (P: 4) e seis irmãos tiveram o mesmo percentual (11,1%).

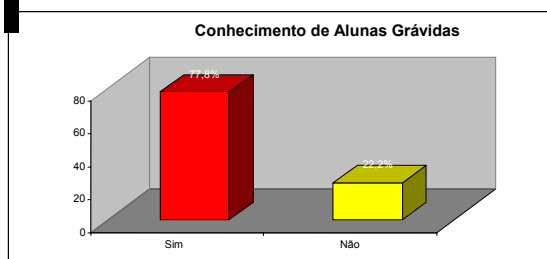
Gráfico 5. Distribuição percentual das alunas de oitavas séries, sobre o Número de Irmãos



Ao perguntar se elas já tinham engravidado, todas responderam não.

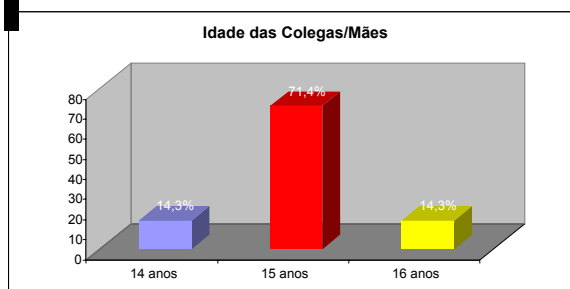
Na pergunta “você conhece alguma aluna da escola que já engravidou”, as respostas estão apresentadas no Gráfico 6, revelam que sete (77,8% - P: 1, 3, 4, 5, 6, 7 e 9) conhecem alunas que já engravidaram. Duas alunas (22,2% - P: 2 e 8) afirmaram não conhecer.

Gráfico 6. Distribuição percentual das alunas de oitavas séries, sobre o conhecimento de escolares grávidas



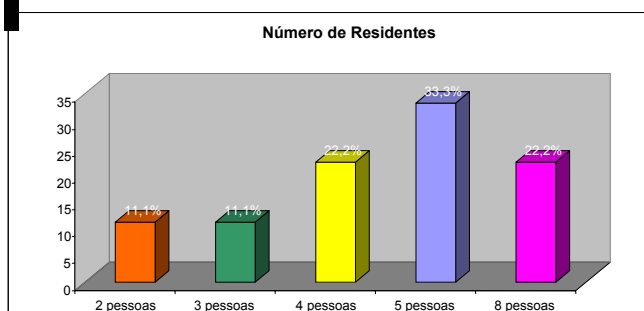
Na pergunta que segue “que idade você acha que ela tinha quando teve o(a) filho(a)”, pertencendo a mesma questão, as respostas estão representadas em porcentagem no Gráfico 7, nos revela a idade de 15 anos de idade, com cinco respostas (71,4%) e com uma resposta, afirmando que acha que é de 14 ou 16 anos de idade.

Gráfico 7. Distribuição percentual da idade das colegas das alunas de oitavas séries, sobre colega que já teve filho(a)



No que se refere às respostas “quantas pessoas moram na mesma residência com você”, o Gráfico 8 revela morar com: duas pessoas (11,1% - P: 3); três pessoas (11,1% - P: 7); quatro pessoas (22,2% - P: 2 e 8); cinco pessoas (33,3% - P: 1, 5 e 9); e oito pessoas (22,2% - P: 4 e 6)

Gráfico 8. Distribuição percentual das alunas de oitavas séries, sobre quantas pessoas moram na mesma residência



II Parte: Questões Sobre o Tema Central

Na segunda, terceira e quarta parte do questionário os dados levantados pelas alunas das oitavas séries da escola pesquisada, foram descritos em quadros e categorizados, de acordo com as convergências e/ou divergências apresentadas por elas, conforme apresentado em ordem decrescente.

Quadro 1. Distribuição qualitativa das falas das escolares das oitavas séries, da escola pesquisada, referente à questão 1: “Quando você se olha no espelho se vê?”

CATEGORIA: ME VEJO	PARTICIPANTE
Esbelta	1, 2, 3, 4 e 9
Acima do Peso	6 e 7
Magra	5
Gorda	8

Quadro 2. Distribuição qualitativa das falas das escolares das oitavas séries, da escola pesquisada, referente a questão 2: “Com relação a sua altura, você se considera?”

CATEGORIA: ME CONSIDERO	PARTICIPANTE
Baixa	3, 4, 5 e 8
Média	1, 6 e 9
Alta	2 e 7

Quadro 3 Distribuição qualitativa das falas das escolares das oitavas séries, da escola pesquisada, referente a questão 3: “Em sua vida, quais são as pessoas que você mais admira? ”

CATEGORIA*: PESSOAS QUE ADMIRA NA FAMÍLIA	PARTICIPANTE
“Mãe”	1, 2, 3, 4, 5, 6, 7 e 9
“Irmãos”	7
“Amiga”	8
“Avó”	9

* Houve mais de uma resposta para algumas participantes.

Quadro 4. Distribuição qualitativa das falas das escolares das oitavas séries, da escola pesquisada, referente a questão 4: “Nos meios de comunicação (TV, revistas, internet) quais as pessoas com aparência física mais bonita, na sua opinião?”

CATEGORIA: NA MÍDIA CONSIDERO	PARTICIPANTE
MULHER*	1, 2, 3, 5, 6, 7, 8 e 9
HOMEM**	1, 2, 3, 5, 6, 7, 8 e 9
EM BRANCO	4

**“Juliana Paes”(P: 1 e 2); “Britney Speeis”(5 e 7); “Camila Pitanga”(P: 3); “Jenniffer Lopez”(P:6); “Ana Hickiman”(P: 7); “Tiazinha”(P: 8); “Amyle e Angelina Joeli”(P:9).

***“Bruno Galliasso”(P: 5, 6 e 7); “Murilo Benício” (P: 1 e 7); “Ricardo Pereira” (P: 2); “Reinaldo Gianekine”(P: 3); “Rodrigo Santouro”(P: 5); “Murilo Rosa” (P: 6); “Eminem e Paulinho Vilhena”(P: 7); “Guilherme Bernegue”(P: 8) e “Brad Pity” (P: 9).

Quadro 5. Distribuição qualitativa das falas das escolares das oitavas séries, da escola pesquisada, referente a questão 5: “Quais as melhores coisas da sua vida?”

CATEGORIA*: MELHORES COISAS	PARTICIPANTE
“Família...”	1, 2, 4 e 5
“Paquera / namoro”	3, 5, 6 e 7
“Sair / Passear...”	3, 6 e 7
“Ter e fazer amigos...”	5 e 6
“Ouvir música e cantar...”	7 e 8
“Felicidade e liberdade...”	2
“...Ter casa e o que comer”	4
Em Branco	9

* Houve mais de uma resposta para algumas participantes

Quadro 6. Distribuição qualitativa das falas das escolares das oitavas séries, da escola pesquisada, referente a questão 6: “Quais as piores coisas da sua vida?”

CATEGORIA*: PIORES COISAS	PARTICIPANTE
“Limpar casa e briga...”	3, 6 e 7
“Não ter nada...”	2
“Ficar sozinha”	1
“Não poder trabalhar e ser dependente...”	4
“Cortar cana”	6
“Ficar doente”	7
“Estudar...”	8
“Ser feia”	9
“Não sei”	5

* Houve mais de uma resposta para algumas participantes

Quadro 7. Distribuição qualitativa das falas das escolares das oitavas séries, da escola pesquisada, referente a questão: “Dê sua opinião sobre a sua escola?”

CATEGORIA*: CONSIDERO QUE	PARTICIPANTE
“A escola é boa...”	1, 2, 3, 4, 6, 7 e 8
“Mas há alunos ruins...”	4, 6 e 7
“É lugar neutro”	9
“A escola é ruim...”	5

* Houve mais de uma resposta para algumas participantes

Quadro 8. Distribuição qualitativa das falas das escolares das oitavas séries, da escola pesquisada, referente a questão 8: “O que significa sua família para você?”

CATEGORIA*: SIGNIFICA	PARTICIPANTE
“Tudo para mim...”	1, 2, 3, 4, 5, 7, 8 e 9
“Muito amor e paz...”	4 e 6
“Só ela que nunca vai me abandonar”	6

* Houve mais de uma resposta para algumas participantes

Quadro 9a. Distribuição qualitativa das falas das escolares das oitavas séries, da escola pesquisada, referente a questão 9: “Você gosta de ser mulher. Por que?”

CATEGORIA*: SE GOSTA DE SER MULHER	PARTICIPANTE
SIM	1, 2, 3, 4, 5, 6 e 7
NÃO	8
EM BRANCO	9

* Houve mais de uma resposta para algumas participantes

Quadro 9b. Distribuição qualitativa das falas das escolares das oitavas séries, da escola pesquisada, referente a questão 9: Por que você gosta de ser mulher? Identifique vantagem e desvantagem”.

P*	PORQUE	VANTAGENS DE SER MULHER	DESvantagens DE SER MULHER
1	“... eu gosto de ser amiga de todos”	“...ser amiga das minhas colegas”	“não encontrar amigas sinceras”
2	“sim”	“...podemos sempre ser as primeiras e não ter que ficar esperando na fila”	“...as mulheres sofrem mais que os homens”
3	“gosto de ser mulher”	“conseguimos muitas coisas com o nosso jeitinho”	“menstruação dá cólica, é horrível”
4	“... é mais delicada, educada, amorosa...”	“faz serviços mais leve, tem mais opção das coisas...”	“...a mulher sofre mais, se fica grávida, só ela se preocupa”
5	“gosto de ser mulher, mas os homens tem mais vantagens, não menstruam e não engravidam e saem muito mais...”	“acho que os homens trabalham mais do que as mulheres, têm mais obrigação de ajudar em casa, etc.”	“os pais prendem mais as filhas do que os filhos e são “puxa-saco” deles, etc.”
6	“porque Deus fez eu ser mulher”	“de ter sentimentos, de gostar de um homem”	“de engravidar, de menstruar”
7	“...gosto de ser mulher, por causa dos homens...”	“gostar de homem é tão bom”	“não ter privacidade que todo homem tem”
8**	—	—	“eu não gosto de ser mulher: porque eu gostaria de ser homem”
9	—	“poder usar roupas bonitas, maquiagem etc.”	“no mundo a mulher perde espaço para o homem, ela não tem muito valor no trabalho”

*P=Participante.

**A participante 8 é interpretada pela classe como homossexual feminina (dita como sapatão).

Quadro 10. Distribuição qualitativa das falas das escolares das oitavas séries, da escola pesquisada, referente a questão 10: “O que você mais gosta no seu corpo?”

CATEGORIA: GOSTO MAIS	PARTICIPANTE
Cabeça*	1, 5 e 7
Corpo**	2 e 6
Tudo	3
Nada	9
Em Branco	8

* Cabeça: “Olhos” (P: 1 e 5) e “Boca” (P: 5 e 7).

** Corpo: Peso (P:2) e Seios (P: 6).

Quadro 11. Distribuição qualitativa das falas das escolares das oitavas séries, da escola pesquisada, referente a questão 11: “O que você menos gosta no seu corpo?”

CATEGORIA: GOSTO MENOS	PARTICIPANTE
Corpo*	1, 4, 7 e 8
Cabelo	6
Altura	2
Nada	3
Não sei	5
Tudo	9

* Corpo: “Barriga”(P: 7 e 8); “Estrias”(P: 4); “Mãos”(P: 1)

Quadro 12. Distribuição qualitativa das falas das escolares das oitavas séries, da escola pesquisada, referente a questão 12: “Você faz algo para o seu corpo estar sempre bem? Se positivamente, o quê.”

CATEGORIA: SE FAZ ALGO PARA O CORPO	PARTICIPANTE	RESPOSTA
NÃO	2, 3, 4, 8 e 9	_____
SIM	1, 5, 6 e 7	“me cuido bem e deixo meu corpo bonito” (P:1); “tento me alimentar bem, comendo salada, frutas, etc” (P:5); “passo hidratante na pele, trabalho muito, não fico parada”(P: 6) e “eu pratico esportes, ando de bicicleta...” (P:7)

Quadro 13. Distribuição qualitativa das falas das escolares das oitavas séries, da escola pesquisada, referente a questão 13: “Você já sofreu preconceito por alguma característica do seu corpo? Descreva”

CATEGORIA: SE JÁ SOFREU PRECONCEITO	PARTICIPANTE	RESPOSTA
NÃO	1, 2, 4, 7 e 8	_____
SIM	3, 6 e 9	“pelas minhas pernas serem tortas” (P:3); “pela boca”(P:6 e 9)

III Parte: Questões Sobre Sexualidade

Quadro 14. Distribuição qualitativa das falas das escolares das oitavas séries, da escola pesquisada, referente a questão 1: “O que você entende por sexualidade? Descreva”.

CATEGORIA: SIGNIFICADO DE SEXUALIDADE	PARTICIPANTE
“Tem a ver com sexo...”	1, 5, 6 e 8
“Não entendo nada”	4, 7 e 9
“Significa várias coisas...”	2 e 3

Quadro 15. Distribuição qualitativa das falas das escolares das oitavas séries, da escola pesquisada, referente a questão 2: “Para você o que é sexo? Descreva”.

CATEGORIA*: SIGNIFICADO DE SEXO	PARTICIPANTE
“Prazer entre homem e mulher...”	2, 5, 6 e 9
“Está relacionado com o amor...”	3, 5, 7 e 8
Em Branco	1 e 4

* Houve mais de uma resposta para algumas participantes

Quadro 16. Distribuição qualitativa das falas das escolares das oitavas séries, da escola pesquisada, referente a questão 3: “Você já ouviu falar de violência sexual? Fale sobre isso”.

CATEGORIA: SE JÁ OUVIU FALAR	PARTICIPANTE	SIGNIFICADO DE VIOLÊNCIA SEXUAL
SIM NÃO EM BRANCO	2, 3, 4, 5 e 7 6 e 8 1 e 9	“Uma pouca vergonha”, algo absurdo, ruim”

Quadro 17. Distribuição qualitativa das falas das escolares das oitavas séries, da escola pesquisada, referente a questão 4: “Você já ouviu falar de Doenças Sexualmente Transmissíveis? E AIDS? Fale um pouco disso”

CATEGORIA: SE JÁ OUVIU FALAR DE DST/AIDS*	PARTICIPANTE
SIM EM BRANCO	2, 3, 4, 5, 6, 7, 8 e 9 1

* Nenhuma participante descreveu nada sobre as DST/AIDS

IV Parte: Sugestões

Quadro 18. Distribuição qualitativa das falas das escolares das oitavas séries, da escola pesquisada, referente a questão 1: “Cite cinco temas ou questões que você gostaria de discutir conosco”.

CATEGORIA*	P**	RESPOSTA
Temas Relacionados à Sexualidade	2, 3, 4, 6 e 7	“DST” (P:3); “o que é realmente o sexo”, “a primeira vez” (P:4); “doenças”, “idade boa para isso” (P:6) e “sexo na adolescência”, “se as pessoas mais velhas é melhor p/ tirar a virgindade”(P:7).
Discussão sobre Sexo		
Discussão sobre Gravidez	3 e 7	“gravidez”, “perigo de engravidar sem preservativos” (P:3) e “gravidez precoce” (P:7).
Discussão sobre Métodos Contraceptivos	6 e 7	“pílulas”, “camisinhas” (P:6) e “perigos que pode ter (camisinha estourar)” (P:7).
Temas Relacionados ao Corpo	2	“auto-estima”, “auto-imagem”, “padrões de beleza”.
Discussão sobre Sexualidade		
Discussão sobre Homossexualismo	8	“sobre homossexualismo”, “sobre mulheres”.

* Houve mais de uma resposta para algumas participantes

**P=Participante

Quadro 19. Distribuição qualitativa das falas das escolares das oitavas séries, da escola pesquisada, referente a questão 2: “Livre para falar ou desenhar o que quiser”

CATEGORIA: LIVRE PARA EXPRESSÃO	PARTICIPANTE
Em Branco	1, 2, 4, 5, 8 e 9
“Jéssica Santos 100% Consciência”	3
“gostei muito da preocupação em informar a gente, obrigada”	6
“gostei de saber mesmo sobre sexo na adolescência. Adorei as aula... “espero tirar mais dúvidas”	7

OFICINA 1 - AUTO-ESTIMA E SEXUALIDADE

• Contato com os Professores

A insatisfação dos professores diante do comportamento dos alunos é temática muito discutida e refletida nas reuniões e a dificuldade de trabalharem com a auto-estima e a exacerbação da sexualidade das alunas.

• Contato com as Alunas

- Conteúdo Desenvolvido

A temática foi explorada, por meio de um recorte histórico. Desde a Idade Média, segundo a literatura, as obras de arte revelam o significado de beleza da época, representada através das formas arredondadas, mulheres obesas, retratando as representações de corpo, bem como os interesses da sociedade ocidental de tempos atrás. Passando pelo processo de industrialização e as mudanças sofridas pelo corpo em virtude da mecanização da mão de obra, a questão do trabalho escravo e, atualmente, a valorização de um corpo moldado em músculos, que ao mesmo tempo em que é rígido, também é delgado, valorizando formas delineadas e marcadas pela atividade física. O corpo como roupagem expresso por Courtine (1995) sob uma linguagem representada no uso de medicamentos e dietas desmedidas, no excesso do esforço físico realizado em máquinas (academias de ginástica), em cremes e nos cuidados permanentes, além de intervenções cirúrgicas para modelar, reestruturar e construir um molde coletivo, não prioriza individualidades e diferenças corporais, levanta questionamentos sobre as diferentes apreciações de modelos de beleza, que mudam com o passar do tempo, bem como fatores que interferem em tais expressões, como classe social pertencente e interesses socioeconômicos. E, com isso, conta um pouco com as representações e construções de padrões de beleza ocidental até os dias atuais, através de revistas comerciais.

- Objetivos

Apresentar, dialogar e refletir sobre padrões de beleza e o cuidado com o corpo, por meio de um resgate histórico que vai desde a Idade Média até a contemporaneidade.

- Estratégias de Ensino

Iniciou-se com uma aula expositiva e dialogada, apresentando às alunas um álbum com imagens de jovens (homens e mulheres) extraídas de livros de arte. Após a explanação, foi entregue aos alunos várias revistas populares para observarem. O material foi usado como ponto de partida para a discussão. Primeiramente, com o intuito de visualizarem as imagens que mais chamavam a atenção e/ou que consideravam interessante. Posteriormente, para refletirem sobre o que aquela figura representa e, por fim, para descreverem o porque da escolha. Essa atividade teve a proposta de levar as alunas a refletirem sobre a existência de

modelos de beleza e sua relação com o consumismo, através de imagens recortadas, extraídas de diferentes revistas comerciais. Finalmente, encerrou-se com uma dinâmica de grupo para fechamento do assunto trabalhado.

- Material Utilizado

Foram utilizados: régua, tubos de cola, folhas A4 e giz. As revistas utilizadas foram: Boa Forma, Claudia, Veja, Isto É, Revista Plástica e Expressão, vários exemplares, de 2003 a 2005. Além dessas, foram usados dois livros de artes, para mostrar imagens que represente a beleza de épocas passadas. Foram selecionadas artes de Monet e Fernando Botero.

- Comentários

Por ter sido um dia que antecedia um feriado, muitas alunas faltaram, tanto da 8ªA, quanto da 8ªB.

Na turma da Oitava A, ao final da atividade, observou-se que três alunas que estavam demorando a entregar o material, visto que o sinal para a troca de professores já havia soado, possuíam vários recortes em cima da carteira, porém não colavam as fotos no papel. Elas recortaram várias figuras de personagens, muito evidentes nos meios televisivos, sendo que tais atrizes, atores e modelos estavam usando roupas de praia, no caso, algumas mulheres vestiam lingerie. Dentre essas, duas meninas, cortaram fotos de artistas para colar no caderno, focando imagens de atores que conquistaram espaço na mídia, por meio de excessiva exposição do corpo.

As meninas mostraram interesse, visto que falaram, discutiram e levantaram algumas questões sobre: “mulheres de 50 querendo ter 20 anos de idade, colocando silicone, usando roupas de adolescentes”, relatando que essa situação pode trazer conflito interno, de não aceitar a idade que tem e a fase a qual pertence. Elas também mencionaram algumas expressões: “ridícula, a mulher que não aceita sua idade, não sabe envelhecer, não aceita o corpo que tem”; “essas mulheres querem parecer menina, parece que não se enxerga”, verbalizando uma certa intolerância com relação à idade, sexo, comportamento e aparência física.

- Avaliação

No primeiro momento, verificou-se o interesse das alunas pela forma prazerosa com que dedicam à atividade, assim como comentários e conversas paralelas que a temática proporcionou. Em um segundo momento, foi visualizado o desempenho delas em folhear, observar e recortar imagens preferidas, além de dedicar especial atenção à escrita sobre a atividade proposta, revelando a importância dessa tarefa.

Na oitava série B, uma aluna apresentava uma certa agressividade no momento de virar as páginas das revistas, chegando a rasgar algumas folhas. No entanto, não mostraram resistência em realizar a atividade.

- Referência

As imagens volumosas retratadas por Fernando Botero e a beleza obesa feminina expressa na obra de Claude Monet foram mostradas, durante a oficina, para ilustrar diferentes padrões de beleza. Assim, essas formas roliças fizeram o contraste com um corpo magro, delineado em contornos musculosos, na atualidade. Além desses, Courtine (1995) também foi utilizado como referência acadêmica para fundamentar o diálogo sobre o corpo, como valor máximo na relação entre as pessoas.

OFICINA 2 – HIGIENE E DESENVOLVIMENTO SEXUAL

• Contato com os Professores

Algumas professoras alertaram sobre a dificuldade das alunas na escrita, ao entregarem o instrumento aplicado e o relato das figuras recortadas das revistas. A professora de Português e Inglês disse que incentiva os alunos com textos educativos menores, com assuntos atuais, muitas vezes extraídos da Internet e jornal, para apreender a atenção deles, visando a atingir o objetivo proposto.

• Contato com as Alunas

- Conteúdo Desenvolvido

Trabalhou-se conteúdos referentes aos aspectos biológicos, psíquicos, emocionais e sociais, de forma a relacionar sexualidade em geral, identidade sexual, aparência física, mudanças hormonais e comportamentais na adolescência. Para tanto, foi feita uma breve recapitulação da explanação anterior resgatando conceitos de auto-estima, explorando questões sobre higiene, saúde pessoal, sexual e coletiva. Assim, aspectos relacionados a lavar as mãos antes e depois de ir ao banheiro, cortar as unhas, lavar e pentear os cabelos, incentiva a sentir-se bonita, vestir uma roupa limpa, bem como atenção e cuidado com trajes íntimos (calcinha, toalhas). Esses assuntos foram introdutórios para dialogar sobre mudanças hormonais e diferenças entre sexo e/ou gênero.

A maturidade biológica e seus estágios marcantes (pré-puberal, puberal e pós-puberal) são conceitos importantes na compreensão das transformações decorrentes da produção de hormônios sexuais que ativam os ovários e testículos, sendo na mulher o estrógeno e a progesterona e no homem a testosterona, mencionando os principais. Ressaltou-se que as alterações físicas influenciam diretamente no emocional e social, pois a possibilidade de ser

mãe/pai, ter um corpo de adulto, com mamas, pêlos, odores, aumento de estatura, modificação da voz, modificação no humor, aumento do desejo, entre outras mudanças, atuam na sexualidade de cada um, bem como nas formas de vivenciá-la e se relacionar com os outros (GHERPELLI, 1996).

O diálogo com os alunos envolveu diferentes correntes de pensamento e causas que atuam na passagem da infância para a vida adulta, desde abordagens com enfoque biológico e social, decorrente de mudanças hormonais e construções culturais, até abordagens psicológicas, como estudos recentes sobre um cérebro adolescente. Segundo pesquisas, o desenvolvimento cerebral aponta comportamentos próprios da idade, que necessita desta fase como aprendizado, e que as alterações de atitudes decorrem de mudanças no cérebro, como descreve Ranña (2005, p.63):

Adolescer é tornar-se capaz, e portanto independente, e todas as mudanças no cérebro durante o período – a busca de riscos, o distanciamento da família e a aproximação dos pares, a impulsividade, o raciocínio abstrato, e por fim o aprendizado social com os próprios erros, o desenvolvimento da empatia e da capacidade de antecipar as conseqüências dos próprios atos – conspira para isso.

Neste processo, procurou-se então, discutir as questões da adolescência de forma contextualizada, entendendo-a como ser total, que necessita de atenção especial, por se tratar de fase de transitoriedade (entre criança e adulto)

- Objetivos

Resgatar conceitos dados nas aulas de Ciências, como as transformações hormonais e conseqüentemente biológicas, que ocorrem na adolescência, procurando evidenciar esta fase, de forma contextualizada; apresentar também as interferências sociais e emocionais que as mudanças ocasionam, não só na aparência física, mas no relacionamento consigo e com os outros; estimular a reflexão e diálogo sobre sexualidade e gênero identificando fatores que influenciam à condução do sexo; preservativo, métodos contraceptivos, DST-AIDS e gravidez não planejada.

- Estratégias de Ensino

Utilizou-se de aula expositiva e dialogal, motivando as alunas ficarem em círculo, ilustrando o conteúdo, por meio de exemplos pessoais e histórias reais, como forma de articular o cotidiano delas, levantando questionamentos e propondo reflexão. Foi feita uma dinâmica, trabalhando frases escritas no quadro, para nortear o raciocínio lógico sobre o assunto, bem como utilizando-se de terminologias para melhor compreensão e entendimento.

- Material Utilizado:

Giz e lousa.

- Comentários

Na oitava série B, em discussão sobre a dimensão que a beleza exerce na relação consigo e com os outros, as alunas pareceram mais entusiasmadas. Algumas revelaram que os meninos no pátio referiam-se a elas, reproduzindo comportamentos preconceituosos de forma intensa, dizendo, por exemplo: “sua gorda”; “seu peitos não cabem na roupa”; “cabelo ruim”; “ninguém mandou ser feia”; “por isso (ser feia) que ninguém te quer”.

Já na oitava série A, exploraram o assunto, direcionando e problematizando a AIDS.

- Avaliação

As alunas se mostraram interessadas no assunto, perguntando bastante, interagindo o tempo todo. As conversas paralelas estavam centradas em dúvidas e questionamentos. A participação coletiva, bem como perguntas pertinentes à temática evidenciou uma avaliação positiva deste encontro.

- Referências utilizadas para a Oficina

GHERPELLI, M. H. B. V.. A educação preventiva em sexualidade na adolescência. **Série Idéias**, São Paulo: FDE, n. 29, p.61-72, 1996.

RANÑA, W.. Os desafios da adolescência. **Revista Viver Mente & Cérebro**, Ano XIV, n. 155, dezembro de 2005, p.42-73.

OFICINA 3 – HIGIENE BUCAL

● Contato com os Professores

Na reunião, a professora de Ciências entregou algumas perguntas feitas pelas alunas durante sua aula, relacionadas a sexualidade, conscientização corporal e orientação sexual. Ela explicou que se comprometeria com as alunas em não ler o que estava escrito nos bilhetes e que o material seria entregue posteriormente, à pesquisadora.

Foi apresentado aos professores, o material que seria utilizado nas próximas oficinas com as alunas, como: cartazes explicativos sobre AIDS, (infecção, estágios e formas de transmissão) e métodos contraceptivos. A secretaria da saúde da cidade disponibilizou folhetos educativos e histórias em quadrinhos, sobre drogas, doenças sexualmente transmissíveis e métodos contraceptivos. Além desses recursos, o posto de saúde contribuiu com preservativos, tanto para doação, como para amostra.

• Contato com as Alunas

Neste dia, contamos com um dentista para dar palestra para toda a escola. O palestrante, utilizando de um telão improvisado, de cartolinas brancas pregadas na parede da cantina, e transparências, discursou sobre a importância da higiene bucal e do uso de aparelhos corretivos nos dentes. Depois fizeram um círculo e continuamos conversando sobre sexualidade, resultando uma vivência sobre o assunto de forma simples. Além do assunto sobre higiene bucal, comentou-se e discutiu-se sobre as perguntas entregues à professora de Ciências, reforçando a seriedade e o compromisso individual e coletivo ao discutir a sexualidade e a importância da educação/orientação sexual.

OFICINA 4 – MÉTODOS CONTRACEPTIVOS E GRAVIDEZ PRECOCE**• Contato com as Alunas****- Conteúdo Desenvolvido**

Procurou-se discutir e refletir sobre métodos contraceptivos (anticoncepcional e preservativo) que revolucionaram o modo de ver e vivenciar o corpo, que originou transformações na forma de pensar, agir e se relacionar com a sexualidade. Para isso, foi feito um resgate de conceitos e meios alternativos de intervenção, previamente, conhecidas pelas alunas, de modo a possibilitar o relacionamento e a transposição para a realidade de cada um, das diversas maneiras de prevenção e intervenção sobre AIDS, DST e gravidez precoce. Para a oficina foi levado material educativo, (pênis de plástico, diversos anticoncepcionais, camisinhas, Diafragma, DIU, folders, folhetos) propondo uma maior articulação entre a teoria e a prática, aproximando o aluno, tanto do material disponível no mercado, como do seu manuseio.

- Objetivos

Propôs-se apresentar, informar e dialogar com as escolares sobre os métodos contraceptivos utilizados em ambos os sexos (camisinha feminina e masculina, DIU, Diafragma, anticoncepcionais, adesivos contraceptivos). Além de ouvir e conversar com elas, levando-as à reflexão e conscientização quanto a importância da prevenção às DST-AIDS e a gravidez precoce.

- Estratégias de Ensino

Através da exposição oral (aula dialogada e interativa) utilizando-se uma tempestade cerebral, enquanto técnica de dinâmica de grupo, inicialmente, foi perguntando-se as alunas, quais os métodos de prevenção às DST-AIDS e gravidez que elas conheciam e quais consideravam mais eficazes, no sentido de verificar o grau de conhecimento das adolescentes

sobre o assunto, estimulando a participação e o diálogo. Trabalhou-se o tempo todo com material manuseado e folheado, instigando questionamento, problematização e saídas aos enunciados formulados por elas, na vivência apresentada.

É importante mencionar que foi feito um círculo na sala, para poder ver um ao outro e conversar. Neste momento as meninas sentaram próximas, para não precisar falar alto suas dúvidas e/ou sentirem expostas e/ou ridicularizadas com suas considerações, visto que perguntaram, em baixo tom de voz e algumas transferiram a dúvida como se fosse de outra pessoa, dizendo que era para uma amiga, “minha amiga queria saber se...?”

- Material Utilizado

Foi usado: giz, DIU, Diafragma, camisinha feminina e masculina, diferentes anticoncepcionais, (pílula, injeção e a ampola, adesivo contraceptivo) folder explicativo, evidenciando as regiões do corpo que poderiam ser aplicadas e sua durabilidade, pênis de plástico, folhetos e folders; quadro resumido do ciclo menstrual e suas irregularidades e particularidades, principalmente nessa fase, assim como os riscos do uso da “tabelinha”.

- Comentários

Na oitava série A, a sala apresentava-se com menor número de estudantes, possibilitando a exposição de situações de conflito, como, por exemplo: as adolescentes que sentiam menor vontade para perguntar, faziam brincadeiras descontextualizadas, tumultuando o diálogo, uma desrespeitando a outra, por meio de apelidos depreciativos. Com isso, o diálogo educativo e a seriedade da conversa, muitas vezes, acontecia de forma vertical, chamando os alunos para refletir sobre a importância do assunto e responsabilidade de cada um. Neste encontro, em virtude do assunto e dos estímulos visuais apresentados, houve uma maior participação delas nesse momento. Já na oitava série B, as alunas estavam mais participativas e quando perguntavam sobre métodos contraceptivos, “eu posso tomar anticoncepcional e usar camisinha ao mesmo tempo?”, as outras logo já começavam a insinuar que essa estaria tendo relação sexual. Em situações assim, é importante a intervenção, explicando a relevância da discussão e exploração do assunto, de forma educativa e responsável, destacando que independente daquela situação estar ocorrendo, ou se algum dia isso acontecesse, seria importante falar e pensar sobre ajuda para ações mais maduras e conscientes, pois que, muitas vezes, uma pergunta pode ser a dúvida de outra pessoa. Após uns cinco minutos de diálogo, as meninas amenizaram as brincadeiras preconceituosas, enquanto outras ficaram um pouco mais à vontade para perguntar, já que em nenhum momento, foi observado vergonha ou constrangimento ao se fazer essas considerações.

- Avaliação

A atenção despendida, a motivação em participar, as perguntas realizadas e o interesse em ver, pegar e manipular o material didático, isto foi considerado fator positivo. Além da descontração de todos e a curiosidade em mexer e mostrar para o colega do lado, no caso, o preservativo feminino, explicando como colocar, tirar e onde jogar fora.

OFICINA 5 – GINCANA DESPORTIVA E A EXPRESSÃO CORPORAL

● Contato com os Professores

A reunião teve como tema a gincana. Todos os professores estavam envolvidos na elaboração e organização das atividades, distribuindo funções e discutindo formas de avaliação mais justas e sem dubiedade.

● Contato com as Alunas

Como já mencionado anteriormente, as alunas estavam envolvidas em atividades da gincana e não foi possível realizar o encontro.

- Comentários

As atividades da gincana foram divididas em modalidades artísticas, desfile de fantasia, jogos lúdicos, recreativos e competitivos, como queimada, chute ao gol, arremesso de bola na cesta de basquete, bem como dança de rua e músicas baianas. Para maior participação e envolvimento, cada professor coordenou uma equipe, sendo responsável em distribuir tarefas para os alunos e exercer algumas funções: liderar equipe, ajudar na elaboração de regras, transmitir aos alunos as atividades e mantê-los informados sobre a pontuação.

As alunas do período vespertino, especificamente, do ensino fundamental de 3º e 4º ciclos (5ª a 8ª séries) foram separadas em diferentes equipes dentro de uma mesma sala, por ordem de chamada. Ao todo, a gincana contou com seis equipes, compostas pelas seguintes cores: branca, verde, amarela, verde, vermelha e azul.

OFICINA 6 – GRAVIDEZ PRECOCE, DST E AIDS

● Contato com os Professores

A professora de Geografia veio nos perguntar se as oficinas que estavam sendo realizadas com as oitavas séries poderiam se estender para as sétimas séries, mencionando a necessidade de trabalhar com as alunas questões de sexualidade, prevenção e auto-estima. Relatou que ambas as salas estavam “terríveis”, termo utilizado para expressar o quanto as meninas estão expondo seus corpos, através do uso de roupas sensuais e insinuando-se para os garotos. A preocupação perpassa uma sexualidade exacerbada e precoce, que ganha status de

adulto entre elas e um descompromisso emocional nas relações estabelecidas, explica a professora. Assim, flertes e bilhetinhos durante a aula, paqueras declaradas, por meio da linguagem verbal e corporal, beijos demorados e abraços bem apertados, bem como “amassos” nos corredores, são freqüentes nestas duas salas. Outros professores também comentaram sobre as duas turmas, em específico, relatando a precocidade e o desinteresse, tanto em manter um relacionamento fixo, como em estabelecer vínculos emocionais.

Foi explicado aos professores que um dos objetivos propostos no projeto é focalizar uma série e desenvolver propostas conjuntas que ofereçam uma linguagem educativa e conscientizadora sobre sexualidade, pautada em conhecimentos científicos, para melhor compreender, interpretar, transmitir e construir com a comunidade escolar uma cultura corporal, desprovida de preconceitos, fantasias, mitos e tabus.

●Contato com as Alunas

- Conteúdo Desenvolvido

Reforçou-se os conceitos transmitidos na oficina passada (riscos de contaminação, DST, métodos contraceptivos e gravidez precoce) por meio de um vídeo educativo, produzido pelo Ministério da Saúde, com o roteiro e a participação direta de alunos, que tiveram um treinamento prévio, a partir de oficinas educativas, com o objetivo de fortalecer conteúdos importantes, através da discussão e reflexão em grupo. Assim, entende-se que o filme consegue reunir uma linguagem mais próxima e empolgante, com conceitos e valores, de forma a explorar a temática sob uma ótica diferente, envolvente, ampliando as diferentes formas de expressão e comunicação.

- Objetivos

Apresentar uma forma de linguagem educativa e próxima das alunas, através de um filme produzido por jovens da periferia. Elaborar junto com elas uma leitura crítica e real sobre prevenção, utilizando como instrumento didático um audiovisual (imagem e som).

- Estratégias de Ensino

Foi falado, anteriormente, a respeito do que se tratava o filme e o porquê da sua escolha, bem como sobre os jovens que produziram e dirigiram a filmagem e a relevância de atitudes, ações, projetos que explorassem a questão de métodos contraceptivos, gravidez na adolescência, DST e AIDS. Além de pedir que observassem atentamente alguns aspectos, como o desdobramento do roteiro, a mensagem principal e a forma escolhida para finalizar a história.

- Material Utilizado

Foram utilizados: televisão, vídeo-cassete e fita de vídeo.

- Comentários

As alunas, anteriormente a essa vivência, já se mostravam muito interessadas e entusiasmadas com o vídeo. Durante o filme, prestaram atenção e depois comentaram sobre a proximidade das situações levantadas no dia a dia. Porém, as explanações apresentadas por elas eram sempre curtas e objetivas, exemplo, “legal”; “a mina (menina) de um amigo meu engravidou com 15 anos e hoje deixa o filho com os pais, só quer saber de sair e namorar”; “isso acontece muito”; “eu conheço um cara que tem o bichinho (AIDS)”.

Após a oficina, uma menina pediu para conversar, disse que há um mês atrás visitou parentes em sua terra natal e foi em uma festa, lá bebeu muito e acabou transando com um garoto sem preservativo. Segundo ela, pediu para colocar a camisinha, mas ele se negou. Agora ela pediu a uma amiga em comum para avisar ao menino que pode estar grávida dele. Com aspecto de desespero e, ao mesmo tempo, querendo se convencer que não tinha responsabilidade sobre tal situação, (já respondeu que não iria assumir o filho...). Um colega lhe falou que geralmente os meninos falam assim: “se ela transou comigo sem camisinha, pode ter transado com outro também e como vou saber se o filho realmente é meu. Uma menina que transa com o primeiro que vê na frente não dá para confiar. Não vou assumir filho de ninguém, ainda mais de uma menina dessas”.

- Avaliação

Após terminar o vídeo, foi discutido com os alunos sobre o filme e os aspectos levantados inicialmente (mensagem principal, o que lhes chamou atenção e o porque) e qual a relação daquela história com a realidade de cada um, ou seja, levantar a proximidade, tanto consigo, como com as pessoas conhecidas. As alunas prestaram atenção e comentaram algumas coisas no final. No entanto, de modo superficial, mesmo que estimuladas com perguntas e incentivados por relatos de experiência.

- Referência

Fita de vídeo produzida pelo Ministério da Saúde, em parceria com jovens de periferia que participaram de um projeto de prevenção de DST, AIDS e gravidez precoce.

OFICINA 7– DST, AIDS, GRAVIDEZ E MÉTODOS CONTRACEPTIVOS

●Contato com os Professores

Foi levado e oferecido aos professores folhetos educativos, recebidos da Secretária da Saúde da cidade, com figuras, desenhos e fotos dos sintomas e fases de doenças sexualmente transmissíveis (DST). A intenção foi apresentar materiais atualizados e educativos como forma de aumentar o leque de possibilidades de intervenção e abrangência.

●Contato com as Alunas**- Conteúdo Desenvolvido**

Primeiramente, as carteiras foram dispostas em circulo para melhor conduzir e visualizar todos. Em seguida, foi distribuído, para cada aluna, cartilhas educativas sobre DST, AIDS, formas de contágio e suas fases, bem como os meios de prevenção. As cartilhas foram sendo folheadas página por página, no sentido de explicar cada foto, os estágios de contaminação e reforçar com os alunos os métodos contraceptivos mais eficazes para cada infecção. Foi pontuado a importância do uso de preservativos para todas as DST, AIDS e gravidez, assim como entregue camisinhas doadas pelo Posto de Saúde, mencionando os locais de distribuição e apoio, sustentado o argumento do uso correto, para se sentirem mais seguras. Outras informações sobre uso, conservação, a importância da data de validade e o risco de rompimento quando utilizado com outros produtos também foram levantados, além de ensinar a forma mais segura de retirar, embrulhar e jogar no lixo a camisinha usada.

- Objetivos

Reforçar assuntos de encontros anteriores (DST, AIDS, gravidez precoce, métodos contraceptivos) e explorar outras formas de linguagem e acesso, por meio desenhos e fotos, incentivando a discussão e troca de informações entre os alunos.

- Estratégias de Ensino

Foram realizadas dinâmicas de grupo (oficina de trabalho) e aula dialogada. Utilizou-se de folhetos explicativos e educativos, como forma de apreender a atenção e instigá-los a repensar sobre DST, AIDS, gravidez na adolescência.

- Material Utilizado

Folhetos sobre doenças sexualmente transmissíveis (DST), elaborado pela Secretaria Municipal de Saúde de Ribeirão Preto/SP, preservativos masculino e feminino.

- Comentários

No intervalo, ficamos conversando com as alunas sobre namoro, paquera e outras formas de relacionamentos, embaixo de uma árvore que se encontra ao lado do pátio, local freqüentado pelos adolescentes da oitava série A e B. As meninas, com relação aos meninos, apresentavam-se muito precoces, tanto no primeiro beijo, como em firmar um relacionamento mais sério, ou seja, que exige um maior grau de comprometimento e dedicação, no caso o namoro. Elas relataram já ter beijado, em média, uns 12 a 15 meninos, enquanto eles disseram 3 a 4 meninas. No entanto, as meninas rebateram tais números dizendo que desconheciam esse fato e disseram: “vocês não conseguem catar nada (beijar ninguém)” e eles retrucaram afirmando ter beijado garotas da Igreja que freqüentam e de seu bairro e por isso o

desconhecimento. Todos concordaram que havia três meninos que não haviam beijado na sala (8ªA). Os meninos, aparentemente, mais tímidos mencionaram a questão delas “darem bola” (olhar) só para os meninos mais velhos, do Ensino Médio. Neste momento, elas interviram: “realmente, nós não gostamos de moleques”; “e vocês se acham muito sabidos, experientes...”. A questão de gênero ficou evidente neste momento, já que as cobranças e comentários giraram em torno dos papéis desempenhados por que cada sexo dentro do contexto social. Das cinco adolescentes presentes, quatro afirmaram estar namorando a mais de 4 meses e três faziam uso de aliança de compromisso, cor prata. Elas declararam ter iniciado o namoro aos 11/12 anos de idade.

- Avaliação

Leitura dos folhetos, explicação e discussão com os alunos. A participação e envolvimento notado, por meio da observação e perguntas e questionamentos, apresenta a atividade classificada como positiva, no sentido de se trabalhar com um material colorido (fotos e desenhos).

- Referência

Folhetos sobre doenças sexualmente transmissíveis (DST) doados pela Secretaria Municipal de Saúde de Ribeirão Preto/SP.

OFICINA 8– FAMÍLIA E SEXUALIDADE

● Contato com os Professores

A professora de Ciências pediu textos da Internet, sites e folders, todo material utilizado nos encontros, para mostrar para uma professora que também trabalha com prevenção na adolescência, em uma escola municipal da cidade. Durante a conversa, a professora falou da importância da proximidade de idade, no sentido de colaborar muito na comunicação com os alunos, quebrando antigas barreiras de professor como sendo aquele que dita normas e o aluno como mero ouvinte. Favorecendo o intercâmbio, ora como aquele que trás informações e conhecimentos fidedignos (científicos), ora como aquele que ouve, compreende, compartilha e também aprende com os alunos. A professora mencionou que os adolescentes observam tudo, desde a vestimenta, até a linguagem usada e que tais fatores aproximaram e contribuíram no processo de acolhimento dos adolescentes e na construção de um vínculo afetivo, bem como na relação de respeito e confiança construído conjuntamente, reforçando que eles se sentiram à vontade para desabafar e contar suas histórias de vida.

- **Contato com as Alunas**

Em virtude de um feriado no meio da semana que antecedeu o dia do encontro havia apenas uma menina da oitava série B. A professora aconselhou deixar a atividade proposta para a próxima semana, para não prejudicar os demais alunos.

- **Comentários**

Aproveitando aquele momento e o fato de não ter alunos em sala, a aluna falou um pouco de sua família. Relatou ter um irmão com 17 anos de idade, que estava cursando a sétima série, sendo ele o mais velho, de nove irmãos, e um outro, mais novo, fazendo a sexta série, portanto, os três estudando nesta mesma escola. O irmão mais velho, que classificou como desviado da família, disse ajudar, ora ou outra, dando um celular ou comprando um lanche, utilizando suas palavras “aquele lá é o desviado da família, já repetiu o ano por falta e mora no mesmo quarteirão, em um becozinho, ele fica lá o dia todo, ele não mora mais em casa. Ontem à noite eu fiz ele pagar um lanche pra mim e pra minha mãe, já era bem tarde”.

OFICINA 9– SEXUALIDADE: DÚVIDAS E QUESTIONAMENTOS

- **Contato com as Alunas**

- **Conteúdo Desenvolvido**

Nesta oficina, foram trabalhados diversos textos pequenos, extraídos da Internet, abordando os seguintes assuntos: organismo feminino e masculino; cuidados com a saúde sexual feminina e masculina; mitos da sexualidade humana; do que as mulheres gostam; do que os homens gostam; homossexualidade feminina; doenças sexualmente transmissíveis; AIDS; tamanho do pênis e das mamas. Os artigos foram separados e distribuídos por classificação de temáticas afins, como por exemplo: cuidados femininos, mitos e sexualidade e homossexualidade. Inicialmente, foi pedido para as alunas se sentarem uma ao lado da outra, formando trios. Logo em seguida, foi explicado cada temática, de forma sucinta, instigando-as a buscar algumas respostas, como dados descritos que elas já tinham conhecimento, a idéia principal, a opinião (favor e/ou contra, por que) e as dúvidas ou questionamentos sobre cada bloco. A escolha foi decorrente do interesse de cada grupo, podendo trocar após a leitura e discussão. Ao final, formou-se um círculo, em que cada grupo apresentava seu conteúdo, sua opinião e sugestão, trocando informações, experiências e dúvidas com outras colegas.

- **Objetivos**

Reforçar questões sobre orientação sexual e discutir assuntos complexos e pessoais, através de uma linguagem próxima e atual, contemplando um diálogo aberto e participativo.

- Estratégias de Ensino

Foram trabalhadas aulas expositivas e dinâmicas de grupo, através de discussões e debates e exposição em grupos com vivências. Explorar novos recursos didáticos, utilizando textos educativos e curtos, mostrando diferentes possibilidades de acesso a informação, no caso, Internet. Além de estimular o trabalho em grupo, partindo de um número reduzido e depois ampliando a discussão para toda a sala, de forma a incentivar a leitura e o diálogo trabalhando a diversidade e a cidadania.

- Material Utilizado

Textos retirados de diversos sites da Internet, explorando questões como prevenção, formas de contágio, mitos, orientação sexual e dúvidas de internautas.

- Comentários

Antes de iniciar o encontro, algumas meninas da oitava série B vieram pedir para ter mais oficinas e disseram que queriam participar como voluntárias, no próximo semestre, com as oitavas séries, confirmando sua participação. Tal atitude partiu de conversas com as classes sobre a pesquisa e o interesse em compartilhar experiências, bem como ajuda na elaboração do conteúdo, oficinas e temáticas consideradas por elas com mais relevantes.

Uma menina que não entregou o Termo de Consentimento disse que sua mãe não a deixou participar da pesquisa e por isso ela não iria entregar o material, referente à atividade deste encontro, papel com os comentários (idéia principal, opinião e dúvidas).

Na oitava série B, ao caminhar em direção da sala, foi avisado que a coordenação precisava dar um recado para as duas oitavas. O responsável estaria nesta sala, avisando sobre a prova que deveria acontecer em dois dias consecutivos da semana, realizada em todo o Brasil, para alunos do Ensino Fundamental (3º e 4º ciclos), somando um total de 5 milhões de estudantes no país inteiro, todos na mesma data e hora, usando um instrumento de avaliação do governo. Insistiu para todos permanecerem calmos, pois a prova não seria utilizada como critério para repetir ninguém de ano.

Uma menina veio perguntar no intervalo, meio tímida, sobre a masturbação, no caso, reforçando que seu namorado à masturbou com a mão, se isso iria tirar sua virgindade ou mesmo se correria risco de engravidar.

- Avaliação

A professora comentou um fato interessante, dizendo que algumas alunas que se mostravam resistentes em atividades de leitura, leram e participaram, assim como fizeram anotações interessantes, como tarefa na oficina. De modo geral, as atividades envolveram as

alunas, as quais leram, comentaram, apresentaram e perguntaram no final, quando foi feito o círculo e aberto o espaço para a discussão coletiva.

- Referência

[http:// www. abia.org.br](http://www.abia.org.br);

[http://: www.aids.gov.br](http://www.aids.gov.br);

[http://: www.adolesite.aids.gov.br](http://www.adolesite.aids.gov.br);

[http://: www.unaids.org](http://www.unaids.org);

[http://: www.isexp.com.br](http://www.isexp.com.br)

Portanto, todas estas atividades neste Plano Piloto foram extremamente relevantes, resultando em suporte significativo para a segunda parte deste estudo, cujas avaliações confirmaram a importância na continuidade da presente pesquisa, no que tange à temática em apreço.

APÊNDICE E

DADOS SÓCIODEMOGRÁFICOS DAS ALUNAS DAS OITAVAS SÉRIES, DA ESCOLA PESQUISADA

Tabela 1a: Referentes a idade, estado civil e religião das escolares - 2006

P	IDADE					ESTADO CIVIL		RELIGIÃO		
	13	14	15	16	17	Solteira	Casada	Católica	Evangélica	Nenhuma
1				X			X		X	
2	X					X			X	
3					X		X			X
4		X				X		X		
5		X				X		X		
6		X				X		X		
7		X				X		X		
8				X		X			X	
9		X				X		X		
10			X			X		X		
11		X				X			X	
12		X				X		X		
13		X				X		X		
14	X					X		X		
15				X		X			X	
16			X			X		X		
17		X				X		X		
18		X				X		X		
19		X				X		X		
20		X				X		X		
21		X				X		X		
22		X				X		X		
23					X	X				X
24		X				X		X		
25				X		X		X		
26			X			X		X		
N	2	15	3	4	2	24	2	19	5	2
%	7,7	57,7	11,5	15,4	7,7	92,3	7,7	73,1	19,2	7,7

Tabela 1 b: Referentes a renda familiar, número de irmãos e se já engravidaram - 2006

P	RENDA FAMILIAR				NÚMERO DE IRMÃOS								GRAVIDEZ		
	1 a 3 sal.	4 a 5 sal.	Mais de 6 sal.	Em Branco	1 Irmão	2 Irmãos	3 Irmãos	4 Irmãos	5 Irmãos	6 Irmãos	9 Irmãos	Nenhum	Sim	Não	Em Branco
1	X						X							X	
2	X							X					X		
3	X										X		X		
4	X								X					X	
5	X							X						X	
6	X					X								X	
7	X					X								X	
8		X						X							X
9	X					X								X	
10		X					X							X	
11		X			X									X	
12	X					X								X	
13			X		X									X	
14		X			X									X	
15		X				X								X	
16	X					X								X	
17	X					X								X	
18		X					X							X	
19	X					X								X	
20	X					X				X				X	
21		X										X		X	
22	X													X	
23	X				X										X
24	X						X							X	
25	X					X								X	
26				X				X						X	
N	17	7	1	1	4	9	5	4	1	1	1	1	2	22	2
%	65,4	26,9	3,8	3,8	15,4	34,6	19,2	15,4	3,8	3,8	3,8	3,8	7,7	84,6	7,7

Tabela 1c: Referentes ao conhecimento de alunas grávidas, idade de colegas grávidas e número de pessoas que moram na mesma residência -2006

P	CONHECE GRÁVIDAS			IDADE DE COLEGAS GRÁVIDAS						PESSOAS QUE MORAM NA MESMA RESIDÊNCIA								
	Sim	Não	Em Branco	12	13	14	15	16	17	1	2	3	4	5	6	7	12	Em Branco
1	X						X			X								
2	X							X						X				
3	X								X								X	
4	X								X							X		
5	X						X									X		
6		X											X					
7	X						X						X					
8			X															X
9	X				X										X			
10	X								X		X							
11	X								X			X						
12	X							X	X				X					
13		X							X				X					
14	X							X					X					
15		X											X					X
16	X					X		X						X				
17							X							X				
18	X						X						X					
19		X														X		
20	X			X											X			
21	X					X						X						
22	X							X						X				
23		X										X						
24	X					X								X				
25	X						X								X			
26	X						X								X			
N	19	6	1	1	1	3	7	5	5	1	1	3	6	5	4	3	1	2
%	73,1	23,1	3,8	4,5	4,5	13,6	31,8	22,7	22,7	3,8	3,8	11,5	23,1	19,2	15,4	11,5	3,8	7,7

ANEXO A



ESCOLA DE ENFERMAGEM DE RIBEIRÃO PRETO - UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
CENTRO COLABORADOR DA ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE PARA
O DESENVOLVIMENTO DA PESQUISA EM ENFERMAGEM

Avenida Bandeirantes, 3900 - Campus Universitário - Ribeirão Preto - CEP 14040-902 - São Paulo - Brasil
 FAX: 55 - 16 - 633-3271 / 55 - 16 - 630-2561 - TELEFONES: 55 - 16 - 633-0379 / 602-3382

COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA DA EERP/USP

Of.CEP-EERP/USP – 0147/2005

Ribeirão Preto, 28 de novembro de 2005.

Prezada Senhora,

Comunicamos que o projeto de pesquisa, abaixo especificado, foi analisado e considerado **APROVADO** pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo, em sua **81ª Reunião Ordinária**, realizada em 24 de novembro de 2005.

Protocolo: nº **0579/2005**

Projeto: **Valorização da Sexualidade do Corpo, da Auto-Imagem e da Auto-Estima de Adolescentes Trabalhando a Educação Preventiva para a Saúde Física e Mental na Escola**

Pesquisadores: **Sônia Maria Villela Bueno (Orientadora)**
Aline da Silva Nicolino (Doutoranda)

Em atendimento à Resolução 196/96, deverá ser encaminhado ao CEP o relatório final da pesquisa e a publicação de seus resultados, para acompanhamento, bem como comunicada qualquer intercorrência ou a sua interrupção.

Atenciosamente,

Claudia B. Santos
Profª Drª Claudia Benedita dos Santos
 Coordenadora do CEP-EERP/USP

Ilmª. Srª.

Profa. Dra. Sônia Maria Villela Bueno

Departamento de Enfermagem Psiquiátrica e Ciências Humanas
 Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto-USP

ANEXO B**OFÍCIO****Ribeirão Preto, 20 de Abril de 2007****À****COORDENADORIA DO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA DA EERP/USP****Profa. Dra. Lucila Castanheira Nascimento****Prezada Coordenadora,**

Cordiais saudações,

Venho, através deste, solicitar-lhe a alteração do título de minha tese de doutorado, em função de sugestão da banca de avaliação de qualificação.

O título anterior era: “Valorização da sexualidade, do corpo, da auto-imagem e da auto-estima de adolescentes: trabalhando a educação preventiva para a saúde física e mental na escola” e a solicitação da banca foi do seguinte título: **“Novas e velhas configurações da sexualidade do corpo feminino: pesquisa-ação na educação com escolares”**.

Desde já, agradeço-lhe a atenção dispensada e coloco-me à disposição para qualquer esclarecimento que se faça necessário.

Atenciosamente,

Aline da Silva Nicolino
Doutoranda em Enfermagem Psiquiátrica